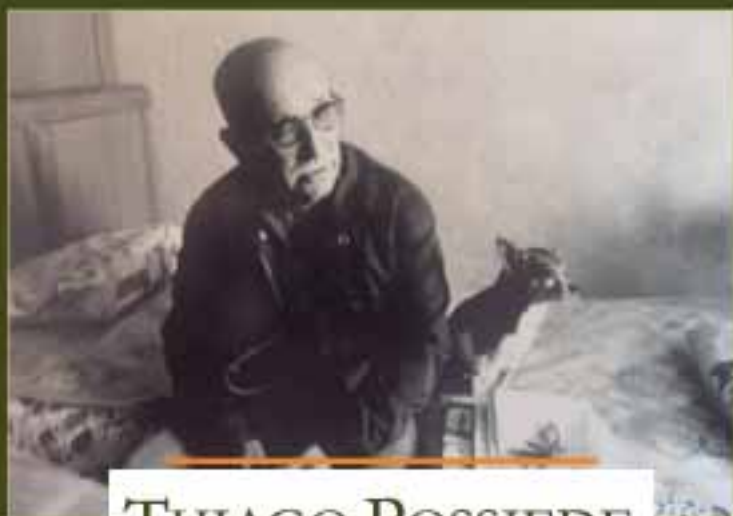


ENTRE
SAPATOS
E
LIVROS

A trajetória de um sapateiro na militância
comunista em Paranaguá, PR
1935 a 1964



THIAGO POSSIEDE

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE

THIAGO ERNESTO POSSIEDE DA SILVA

Nasceu em Paranaguá, Paraná. É Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná, título obtido no ano de 2014. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em História, na mesma instituição. Também é membro do grupo de pesquisa DHPOM - Rede de Pesquisa em Direitos Humanos e Políticas de Memória -, coordenado pela Professora Doutora Marion Brepohl, a qual o autor deste livro foi orientando no mestrado, seguindo atualmente como orientando de doutorado.

MUSEU PARANAENSE

Sendo uma das mais antigas instituições museológicas em funcionamento no Brasil, o Museu Paranaense tem se mantido no cenário cultural e científico brasileiro como promotor de importantes contribuições à história, à antropologia e à arqueologia do Paraná, desde sua fundação, em 1876. Ao completar mais de 140 anos de existência, o Museu oferece ao público esta nova coleção, Histórias do Paraná, em formato impresso por demanda e eletrônico, apresentando estudos selecionados por nós e pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná para sua divulgação pela Sociedade de Amigos do Museu Paranaense.

Livros já publicados da Coleção

- **O Macabeu**
Imigração e identidade judaica no Paraná,
de Michel Ehrlich



IMAGEM DA CAPA

Antônio Araújo Rocha e seu cachorro, no andar acima de seu local de trabalho, recebendo em seu quarto os jornalistas que o entrevistaram para a revista curitibana *Doutros Palavras*.
Fonte: João Urbin. 1978. Paranaguá, PR



THIAGO POSSIODE

ENTRE
SAPATOS
E
LIVROS

A trajetória de um sapateiro na militância
comunista em Paranaguá, PR
1935 a 1964

THIAGO POSSIEDE

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

DIAGRAMAÇÃO: EQUIPE EDIÇÃO POR DEMANDA

www.edicaopordemanda.com.br

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994 de 14 de dezembro de 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Luzia G. Kintopp - CRB/9-1535
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitiba - PR

S586 Silva, Thiago Ernesto Possiede da
Entre sapatos & livros [recurso eletrônico] : a trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá/PR - 1935 a 1964 - / Thiago Ernesto Possiede da Silva. — Curitiba : SAMP, 2017.

Recurso on-line : PDF. — (Coleção Histórias do Paraná, do Museu Paranaense).

ISBN 978-85-67310-32-9

1. Sapateiros - Atividades políticas. 2. Comunismo - Paraná. 3. Paranaguá (PR) - História. I. Rocha, Antônio Araújo. II. Título. III. Série.

CDD: 981.62

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

ENTRE
SAPATOS
E
LIVROS

A trajetória de um sapateiro na militância
comunista em Paranaguá, PR
1935 a 1964

THIAGO POSSIEDE

HISTÓRIAS DO PARANÁ  MUSEU PARANAENSE

Primeira Edição

CURITIBA
2017

Créditos

Governador do Paraná

Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura

João Luiz Fiani

Diretora-Geral da SEEC

Jader Alves

Coordenador do Sistema

Estadual de Museus e

Diretor do Museu Paranaense

Renato Augusto Carneiro Junior

Capa

Raquel Cristina Dzierva

Editoração

Roberto Guiraud – Designer

Revisão

André Braga Carneiro

Foto da capa

Antônio Araújo Rocha e seu cachorro, no andar acima de seu local de trabalho, recebendo em seu quarto os jornalistas que o entrevistaram para a revista curitibana Outras Palavras. fonte: João Urban. 1978. Paranaguá, PR.

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães
Presidente

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Apoio



É, caracteristicamente, um sapateiro remendão idoso, e o sábio de sua vila industrial: Ele tem uma biblioteca da qual se orgulha. É uma coleção estranha... Há aí a “Pérola de Alto Preço” e “Asneiras a Dois Penies de Cobbett”, o “Progresso do Peregrino”... e “O Jornal Avante”. “Os Males do Trabalho” e “Os Direitos do Homem”. “A História da Revolução Francesa” e a “Guerra Santa” de Bunyan... “A Idade da Razão” e uma velhíssima Bíblia. Ele é, “evidentemente, um grande admirador de Bonaparte”. “Seu coração se aquece como um caneco de cerveja, ao ouvir sobre os êxitos de uma revolução – um trono derrubado, reis voando e príncipes espalhados por aí afora. Ele julga que os sonhos de sua juventude estão prestes a se realizar”. Ele se delicia com metáforas grandiloquentes sobre o “sol da liberdade” que surge sobre a “atmosfera do horizonte”, e professa o conhecimento dos assuntos russos.

E. P. Thompson

- A formação da classe operária inglesa.

Apresentação da Coleção

Histórias do Paraná é uma coleção que reúne livros com diversos temas, diferentes métodos e diferentes abordagens. Seus autores narram acontecimentos e personagens que compuseram capítulos de uma história compartilhada, mas nem sempre harmoniosa, cujo cenário é o estado, embora não seja uma história do estado.

Nosso objetivo é apresentar os múltiplos olhares com que se pode ler os acontecimentos e, de modo igual, como a história pode ser entendida em sua diversidade; de visões de mundo, ações, sentimentos, ideias, interações recíprocas. Histórias que até podem ter um começo, mas que não se acabam, porque interferem em outra e mais outra.

Esta iniciativa visa difundir o conhecimento de fatos que afetaram o cotidiano dos paranaenses e também de novas propostas historiográficas, afastando-se da noção de que uma história única seja possível; na *Coleção Histórias do Paraná*, o leitor poderá dialogar com autores que debatem e, por vezes, confrontam experiências que carecem ser compreendidas em sua pluralidade.

O Museu Paranaense cumpre, com mais esta iniciativa, o objetivo de ampliar e dotar de visibilidade fragmentos do nosso patrimônio imaterial, esperando com isto atrair a atenção de pesquisadores e educadores dedicados à memória histórica e cultural do Paraná. Oferece ainda, instrumentos que subsidiem a educação informal e a formação acadêmica complementar, ao mesmo tempo em que promove o conhecimento científico do patrimônio sob sua guarda.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense, à Fundação Araucária e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelos recursos destinados a estas publicações, a partir, respectivamente, da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal e do Programa Núcleo de Excelência – PRONEX, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia do governo federal.

Ao leitor, nosso convite para adentrar no mundo do pensamento tornado ação.

Marion Brepohl de Magalhães

Presidente da SAMP

Renato Carneiro Jr.

Coordenador do
Sistema Estadual
de Museus e
Diretor do
Museu Paranaense

Apresentação do autor

Este livro surgiu da pesquisa de Mestrado em História, realizada entre 2012 e 2014, junto ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná. Naquela ocasião, fui orientado pela Professora Doutora Marion Brepohl, a qual tenho imenso respeito e gratidão por me acompanhar durante o período de elaboração do trabalho, ao que agora resulta em livro.

Procurei investigar a formação da militância comunista em Paranaguá, litoral do Paraná, a partir da trajetória de um sapateiro e de sua biblioteca particular, bem como as relações que foram tecidas entre militantes do Partido Comunista do Brasil que viveram naquela cidade portuária, num recorte temporal que vai de 1935 até 1964. Ideias políticas, conflitos, particularidades, repressão, greves, prisões, militância, resistência, paixões políticas. Todas essas palavras, talvez, condensam as realidades que busquei observar de perto, na vida cotidiana de uma cidade que, aparentemente, nada acontecia do ponto de vista dos conflitos políticos e ideológicos.

Penso que o tema pode ser interessante, tanto para o público especializado e acostumado com a vida de pesquisador, quanto para o público em geral, interessado na História do Brasil Contemporâneo. Primeiro, o que está escrito nas páginas seguintes visam compreender um período de lutas, lutas entre trabalhadores e seus patrões, entre pessoas e o Capital, entre pessoas e o Estado. Ao mesmo tempo, o esforço empreendido nestas lutas buscaram, também, mostrar que a política deve ser entendida em sua forma, cada vez mais complexa, de relações que são tecidas entre múltiplos interesses. Segundo, o que as

trajetórias e conflitos que estão aqui registrados procuram dizer, de acordo com a minha perspectiva, que a Democracia deve ser sempre colocada como horizonte de expectativas, em um processo constante de busca por sua ampliação e aprofundamento, em todas as esferas da vida.

Talvez, pode ter sido isso que os trabalhadores do Porto de Paranaguá buscavam, por meios diferentes: expressar os seus desejos e angústias. Arrisco dizer que o principal agente histórico aqui focalizado, o sapateiro Antônio Araújo Rocha, desejava isso do fundo do seu coração, uma transformação total do Estado a favor dos trabalhadores e da gente pobre deste país, e uma transformação do conceito de Democracia a favor dos interesses da população mais carente de serviços, esquecida ou abandonada pelo Estado e ao mesmo tempo explorada até os ossos pelas classes dominantes.

Nesse sentido, a pesquisa que deu origem a este livro surgiu em minhas mãos completamente pelo acaso, em uma conversa cotidiana. Por esse acaso, tenho que agradecer muito ao senhor Luiz Carlos Alves, primeira pessoa a me contar sobre a história do sapateiro Antônio Rocha. Igualmente, sou completamente grato pela gentileza em que a família de Antônio Rocha me recebeu – o casal “Dona” Vilma e “Seu” Carlos, – por ter aberto as portas de sua casa e ter permitido o acesso a todos os livros e revistas acumulados pelo sapateiro, durante toda a sua vida.

Agradeço novamente a Professora Doutora Marion Brepohl, por me orientar nestes anos de pesquisa, bem como as oportunidades oferecidas para mim, para seguir estudando e desenvolvendo outros estudos.

Agradeço à CAPES, que por meio de bolsa de estudos de mestrado, pude realizar este trabalho que se torna livro. Muito obrigado, também, aos amigos que fiz desde 2012, principalmente: Jhonatan

Souza, Noemi Santos, Pamela Fabris, Thiago Torres, Vanessa Bull, Everton Moreira, Flora Morena, Reginaldo Cerqueira e Matheus Vieira. Aos amigos desde a graduação: Igor David, João Pedro, Vinicius Prado e Jullian Rissardi. Aos colegas e amigos do grupo PRONEX, coordenado pela Professora Marion Brepohl: Professor Marcos Gonçalves, Professora Roseli Boschilia, Fernando Botton, Daniel Trevisan, Claudia Monteiro, David Netto, Marcos Meinerz, Ozias Neves, Márcio Pereira, Juliana Teixeira, Rafael Athaides e Michel Erlich.

Agradeço a minha companheira, Adriana Romanowski, que desde 2013 me acompanha com amor e atenção.

Não posso deixar de agradecer a minha mãe, Eurlly Possiede, que sempre me apoiou muito, em toda a minha vida. Sempre com muito amor, carinho e dedicação. Gostaria que meu irmão, Fabricio Jessé Possiede da Silva, falecido em maio de 2013, e meu pai, Ernesto Alves da Silva, falecido em fevereiro de 2012, pudessem ver que hoje publico um livro e que dedico a eles.

Santiago de Chile, maio de 2017.

Sumário

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	
A TRADIÇÃO DOS SAPATEIROS COMO RADICAIS POLÍTICOS.....	35
1.1 Entre sapatos & livros: Agitadores, ideólogos, intelectuais, políticos de aldeias.....	35
1.2 Paixões políticas, militância, política e ação.....	60
CAPÍTULO 2	
“ACAUTELEM-SE OS PODERES CONSTITUÍDOS”: COMUNISTAS EM UMA CIDADE PORTUÁRIA.....	82
2.1 O comunismo ameaça Paranaguá: O circuito de atuação dos comunistas.....	82
2.2 “Isto é o cúmulo do desaforo!”: Quem são os companheiros de Antônio Araújo Rocha?.....	117
2.3 As militâncias dos comunistas em Paranaguá: Entre organização e conflitos.....	134

CAPÍTULO 3

UM SAPATEIRO E SUA BIBLIOTECA: NOS RASTROS DAS LEITURAS DE UM COMUNISTA	169
3.1 Das ilhas para a sapataria: Um artífice em formação ou “a leitura é uma necessidade da vida”.....	169
3.2 “Os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”: O ingresso no PCB e as leituras marxistas.....	186
3.3 As leituras proibidas de um comunista.....	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
FOTOGRAFIAS	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	224
BIBLIOGRAFIA	226

Introdução

Militante comunista, secretário de divulgação do PCB, secretário político de célula comunista, preso por exercer atividades comunistas, detido por subversão a ordem, líder dos comunistas de Paranaguá, candidato a deputado estadual pelo PCB, tesoureiro da União Sindical dos Trabalhadores do Paraná, distribuidor de jornais comunistas e publicou textos em jornais comunistas.¹ O mais exaltado dos oradores, denominou o senhor Getúlio Vargas de “bandido”, “sacana”, “imundo”, que deveria ser enforcado pelo povo. Elogiou Prestes e referiu-se ardorosamente ao Comunismo da Rússia.² Profissão: sapateiro.

Nascido em 1908 e tendo falecido em 1990,³ Antônio Araújo Rocha se tornou conhecido em Paranaguá como Antoninho Sapateiro. Propomos uma análise da militância política, partindo do sapateiro comunista, visando entender a sua trajetória, ao mesmo tempo em que há a incidência da atividade militante na cidade, procurando compreender como se formou esse corpo de militantes, em um período delimitado entre 1935 a 1964. O recorte temporal justifica-se, por dois motivos.

¹ DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

² DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº 584C. Topografia: 65. p. 63.

³ CEMITÉRIO Municipal de Paranaguá, número de sepultamento 40368, data de falecimento: 30/07/1990 às 17:00. Nome/Idade: Antônio Araújo Rocha, 82 anos. Localização: 2ªZ/E – E, 12 – túmulo simples de duas gavetas sem revestimento e sem legenda. Sepultado na segunda gaveta, de baixo para cima.

No ano de 1935, para além de ter ocorrido os eventos insurrecionais de tomada do poder pelos comunistas, no mês de novembro, ficando o episódio conhecido como *Intentona Comunista*, é o momento em que há os primeiros indícios de pessoas manifestando-se na identidade de comunistas, ligados à *Aliança Nacional Libertadora*, na cidade de Paranaguá. Neste sentido, aquele ano caracteriza-se como nosso ponto de partida. Por outro lado, o ponto de chegada escolhido é o início da ditadura militar no Brasil, após o Golpe Militar de 1964. Escolhemos essa data por ser o ano que o sapateiro Antônio Araújo Rocha é preso pela ditadura, “incurso na Lei de Segurança Nacional”.⁴ No entanto, após a prisão, Antônio Rocha não deixa de atuar como militante.

Por que não dirigir a atenção para um militante, suas atividades e suas possíveis relações em um espaço amplo da esfera pública?

O referencial teórico-metodológico para a pesquisa possui duas facetas fundamentais e estruturantes. A noção de processo, discutida pelo historiador britânico Edward Thompson, oferece-nos a possibilidade de analisar a formação da militância comunista em Paranaguá, a partir de suas atuações que, numa leitura superficial, podem parecer pequenos fragmentos, dispersos no tempo e no espaço, com pouca, ou nenhuma relevância. Porém, se relacionados e compreendidos em suas regularidades, a militância surge reivindicando direitos, melhores salários para os trabalhadores, propondo projetos políticos, organizando-se e organizando mobilizações e greves. Entretanto, a militância política não está desconectada de sua realidade, não é algo à parte que flutua sobre as cabeças das pessoas que se tornam militantes.

⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242. p. 88A.

Antes de militantes, são trabalhadores, aderem à causa de um partido político e de um conjunto de ideias e símbolos políticos por inúmeras razões, sejam movidos à utopia revolucionária ou para conseguir o sustento de si e para a família. Como Thompson pensou a respeito da classe operária, afirmando incisivamente que, “não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente em seu próprio fazer-se”,⁵ em uma relação, onde “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.”⁶

A partir desta noção, de pensar a militância como algo que acontece em relação ao outro, a segunda faceta fundamental são os estudos de Pierre Ansart⁷ a respeito das paixões políticas, presentes na vida política, pois são as paixões que irão mobilizar, também, as pessoas na constituição de suas identidades como militantes, os ódios e ressentimentos que produzem, sentem e as afetividades que correm no interior de um partido, estabelecendo o elo entre seus membros que fará com que manifestem as suas ações, em um determinado tempo, a favor ou contra algo. Buscaremos pensar a partir de Ansart, quando as fontes oferecerem as condições de possibilidades para refletir acerca dos sentimentos na política.

⁵ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9.

⁶ Idem. p. 10.

⁷ ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983.

Em seguida, optamos por buscar entender o que significa o termo militância política, sugerindo considerações conceituais para elucidar nosso objeto de pesquisa, apontando como se dá a ação política e onde isso se realiza. Uma vez que o militante age, como é o seu agir? Assim, nos preocupamos em pensar a partir do que Hannah Arendt entende por ação e política, pois, a filósofa também pensa partindo do estabelecimento de relações, precisamente, a política sendo feita entre os homens, entre diferentes.⁸

Muitas das fontes foram consultadas no Arquivo Público do Paraná, no acervo voltado para a documentação da extinta Delegacia de Ordem Política e Social, onde pudemos encontrar dossiês de militantes comunistas, fichas individuais, pastas a respeito das atividades dos alvos da repressão política em Paranaguá e outras cidades do litoral, recortes de jornais, relatórios e cartas de agentes, relatórios e cartas de delegados, relatórios sobre o porto de Paranaguá e denúncias contra comunistas.

Para além dos documentos produzidos com os objetivos de levantar informações, acerca das potenciais ameaças à Segurança Nacional, a Polícia Política recolheu muitos documentos do próprio Partido Comunista do Brasil, como fichas cadastrais de colaboração financeira, atas de reuniões de células, cartas trocadas entre membros, programas políticos, orientações de organização, textos escritos por militantes, listas de células, listas de livros e gastos com materiais de propaganda. Todas essas informações serviam para a repressão conhecer de perto o que identificavam como inimigos do Estado.

⁸ ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

O outro eixo temático de fontes são as entrevistas que o sapateiro Antônio Araújo Rocha concedeu, num intervalo de dez anos entre as duas, a primeira em 1978 e a segunda em 1988, além de seu caderno de contas de sua sapataria, que possui dados sobre seus gastos, lucros e o quanto gastava comprando livros, revistas e jornais, bem como anotações diversas, que nos servem para poder desenvolver a pesquisa.

Além do já mencionado, catalogamos a sua biblioteca particular com 1860 livros e revistas. Este acervo se localiza em Paranaçu, em posse de sua família. Com o levantamento de sua biblioteca, um problema operacional e metodológico se revelou durante a pesquisa. Como abordar essa imensidão de livros, sem reduzi-los a descrições superficiais e rasas na formação de Antônio Araújo Rocha como leitor e militante? Como não cair nessa armadilha? Como desviar desse caminho?

Buscamos problematizar essas questões a partir de seu depoimento, fornecido ao *Centro de Memória Sindical do Paraná*, em 1988. Pensando o depoimento como uma referência de partida, buscamos os indícios que ligavam a sua trajetória à sua biblioteca, ao mesmo passo, tendo como pano de fundo, as informações presentes em sua ficha individual produzida pela Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. Assim, desdobramos esses indícios que acabaram por nos levar para uma rede mais ampla, extrapolando os limites de Paranaçu, fazendo-nos refletir sobre a história do marxismo no Brasil, chegando à URSS e sua política cultural do realismo socialista, fundada em 1934, mas que possui referências em um texto de Lênin de 1903.

Nesse sentido, conseguimos analisar que Antônio Rocha estava em contato com essa ampla rede de difusão de cultura política, tendo acesso a revistas, programas teóricos, obras literárias, obras teóricas etc. Porém, destacamos que nossa pesquisa não é uma biografia, e sim uma análise de trajetória, onde lançamos olhares biográficos.

Compreendemos o termo trajetória partindo do significado que Giovanni Levi emprega em seu livro *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*.⁹

Precisamente, tentaremos estudar os fragmentos que estão presentes na documentação, a respeito da militância comunista em Paranaguá, utilizando reconstruções biográficas de alguns militantes, situando-as no ambiente de lutas travadas por muitos trabalhadores do porto da cidade.

Compreender a trajetória do sapateiro Antônio Rocha ajudamos a entender as particularidades da militância comunista em pequenas regiões, seus diálogos com os grandes centros e os problemas, incertezas e escolhas que estes sujeitos de outrora fizeram. Interessamos, portanto, a vida política de uma cidade aparentemente comum. Desta forma, tal como Levi pensou o seu personagem Giovan Battista Chiesa, buscamos pensar Antônio Rocha não apenas como o objeto da pesquisa, mas como o pretexto para interpretar o ambiente social, político e cultural da cidade, inserido num período de instabilidade política, entre autoritarismos e ensaios democráticos até o ano de 1964, data que define o golpe de estado no Brasil, inaugurando a ditadura militar.

Assim, os conflitos que são apresentados entre trabalhadores-dirigentes portuários-repressão policial, bem como entre membros do PCB, buscam trazer à tona o contexto de formação da militância comunista em seu próprio processo histórico, marcado por reivindicações, repressão do Estado e da sociedade contrária aos seus objetivos políticos. Desta forma, a importância de Antônio Rocha como fio condutor da análise é fundamental, pois foi um trabalhador comum, ao

⁹ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

mesmo tempo, sua excepcionalidade como leitor e militante o tornam particular, em uma conjuntura caracterizada por níveis elevados de baixa escolaridade entre trabalhadores braçais, por exemplo.

No entanto, buscamos empreender tal pesquisa tendo em vista que uma trajetória não é uma série única e sucessiva de acontecimentos, sem vínculos para além do sujeito que é objeto da análise. Logo, os acontecimentos biográficos que veremos definem-se, de acordo com Pierre Bourdieu, como colocações e deslocamentos no espaço social. Ademais, não podemos compreender uma trajetória sem estarmos cientes da necessidade de construir os estados que se sucedem no campo ao qual ela se desenvolveu diante do processo histórico, ou seja, saber que o sujeito manteve relações com outros agentes envolvidos.¹⁰

Poderíamos ter escolhido pela via metodológica dos estudos voltados para a História da Leitura, dos impressos e do livro, precisamente aos estudos desenvolvidos por Roger Chartier. Sabemos da pertinência de tais estudos e de sua relevância para problematizar as pesquisas históricas que apresentam possibilidades de abordagem por estes caminhos, porém, nossa opção teórica e metodológica voltou-se para outras questões.

Antes de dar continuidade, um breve intervalo se faz necessário e diz respeito às produções acadêmicas que passam, diretamente ou indiretamente, em torno da cidade de Paranaguá e suas diferentes temporalidades e conjunturas. É conhecida em Paranaguá uma certa tradição memorialística, que possui sua base genealógica na obra de Antônio Vieira dos Santos, intitulada *Memória Histórica de Paranaguá*,

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

tendo sua primeira edição ainda no século XIX, publicada em 1850. Como obra memorialística, os escritos de Vieira dos Santos registram, em geral, uma história da fundação de Paranaguá, partindo desde o início do século XVI, quando da chegada dos portugueses nas novas terras ainda desconhecidas, até chegar em seu momento contemporâneo.

Essa “tradição memorialística”, que reivindica Vieira dos Santos como pai fundador da escrita da história de Paranaguá, se reproduz e tem sua continuidade a partir dos fins do século XX em dois autores, sendo antigos professores do ensino básico de Paranaguá. O primeiro chama-se Manoel Viana – inclusive foi professor do sapateiro Antônio Rocha, em seu curto período na escola – e o segundo chama-se Waldomiro Ferreira de Freitas. Respectivamente, o livro do primeiro possui o título de *Paranaguá na História e na Tradição*, de 1976, e o segundo com dois livros, o primeiro de 1974 intitulado como *Aspectos Históricos de Paranaguá*, e outro como *História de Paranaguá das origens à atualidade*, de 1999.

Aparentemente, esses livros seriam “inofensivos”, como algo memorialístico, apresentam os grandes feitos das personalidades mais conhecidas e reproduzidas, durante o tempo, na cidade. Sabemos que esse é um determinado *ethos* das obras memorialistas, porém, elas reafirmam os silêncios que reproduzem, estão lá, ao exporem suas leituras da história da cidade, deixam passar em branco, ou por debaixo do tapete, outros aspectos que fazem parte de um passado e que não emergem para o presente, como se fosse uma barreira. Contudo, isso é apenas aparentemente, pois nos últimos anos há uma produção acadêmica que direciona o olhar, ou ao menos passa rapidamente, pela cidade de Paranaguá, observando outras manifestações de um passado muito diferente daquilo que está escrito nos memorialistas.

Há uma significativa produção, que passa pelos campos da antropologia, sociologia, geografia e história. Para tornar o acesso

mais prático, apresentamos rapidamente a produção acadêmica em história – e nisso, incluímos a nossa pesquisa – como referências fundamentais, para se conhecer esses outros espaços de leitura acerca do passado, que vem se formando e que busca inserir Paranaguá em configurações mais amplas do conhecimento histórico, analisando em toda a sua complexidade e singularidade, nos mais variados temas.

Assim, o estudo de João Pedro Dolinski apresenta como a saúde pública foi pensada e administrada em Paranaguá, partindo das epidemias de febre amarela entre 1852 e 1878, objetivando entender como se formou a saúde pública no Paraná. A pesquisa de Bruna Scheifer busca compreender Paranaguá a partir das memórias forjadas sobre a cidade, partindo de suas próprias elites, problematizando o que seria a cidade sonhada e a cidade real, analisando tradições que se reproduzem em nostalgias, na documentação analisada. Outros estudos, como as teses de Rafael Athaides, sobre o integralismo no Paraná e Claudia Monteiro, acerca da militância dos comunistas neste estado, possibilitam entender como a vida política do estado do Paraná teve suas disputas, conflitos e personagens que passavam pela cidade, em busca de seus objetivos.¹¹

Entretanto, nosso objetivo também é contribuir para o campo da História Social do Trabalho e da História Política. Para além de buscar romper com os silenciamentos que foram produzidos ao longo

¹¹ Ver: DOLINSKI, João Pedro. *Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: Febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013; SCHEIFER, Bruna. *Paranaguá, cidade portuária: Entre a cidade “sonhada e a cidade real”*. Dissertação (Mestrado em História) – Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2008; ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: Afetividades políticas e fascismos*. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2012; MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimento: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2013.

do tempo na cidade de Paranaguá pela escrita local, inserimos esta pesquisa à imensidão de outros estudos a respeito da militância política, como uma contribuição à história do Partido Comunista do Brasil e seus desdobramentos em pequenas cidades, fora do eixo Rio-São Paulo. Os trabalhos realizados pelos historiadores Jorge Ferreira, Fernando Teixeira da Silva, Alexandre Fortes, Benito Bisso Schmidt, Edilene Toledo, entre outros, são inspiradores para esta pesquisa.

Desse modo, penso que é interessante comentar sobre como cheguei ao sapateiro. Estava eu, em fins de 2010, recém-graduado em História, pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. Como não poderia deixar de ser, ou de pretender, interessava-me por leituras que passaram muito rápidas durante o curso, juntamente com aquelas que ainda não havia entrado em contato.

Planejara ler muitos livros na ocasião, quando estagiei como bolsista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, em Paranaguá – antigo Colégio dos Jesuítas fundado no final do século XVIII – pensei em ocupar meu tempo naquele local, sendo um lugar agradável e tranquilo, para manter longas leituras seria proveitoso. Optei por começar por um livro que me chamou muita a atenção durante a graduação, mas que não foi discutido por nenhum professor, em nenhuma disciplina, apenas comentado rapidamente. Logo terminado o curso e com tempo livre, adquiri aquele desejado livro, ainda em 2010, no mês de dezembro. Comecei a leitura de *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* do historiador italiano Carlo Ginzburg, com bastante entusiasmo.

Como estava sempre pelo Museu, lendo sentado nas famosas “conversadeiras” ao lado das janelas, iniciei uma conversa com um senhor, que trabalha na manutenção do Museu há muitos anos, sobre Menocchio e seu mundo de leitura e dos longos interrogatórios que os

Padres Inquisidores travavam com o moleiro italiano, da região do Friuli, acusado de ser um heresiarca (pai da heresia) por questionar as interpretações que se faziam até então da Bíblia e apresentar a sua compreensão de mundo a quem aparecesse na sua frente.

Ao passo que a conversa foi se desenrolando, o senhor, chamado Luis Carlos, filho de um velho militante comunista de Paranaguá, interrompeu-me interessado no conteúdo do livro de Carlo Ginzburg (mantém o hábito de leitura, com vigor) e começou a me contar que, em Paranaguá, havia uma pessoa muito parecida com o moleiro que eu acabara de lhe contar. Segundo ele, essa pessoa era amiga de seu pai e também foi militante comunista.

Tratava-se de um sapateiro, um sapateiro comunista, que lia muito, que possuía muitos livros e falava sobre tudo, criticando os governos, o imperialismo norte-americano e a classe dominante, principalmente, mantendo sua sapataria ali perto do Museu, na Rua General Carneiro, um lugar pequeno e que era muito frequentado, de frente para o mar. Retornei para minha casa, pensando naquele sapateiro e em que tipo de livros possuiu e leu. No dia seguinte, voltei ao Museu e perguntei para o “seu” Luis se ele saberia me dizer por onde começar a procurar pela família do sapateiro, de acordo com ele, muito conhecido como Antoninho Sapateiro no passado da cidade, respondeu-me que sim.

Informou-me o local que poderia ser, mais ou menos, a casa da sobrinha do Antoninho Sapateiro. Não tinha muita certeza, pois há quase quinze anos ele não encontrava com a mencionada sobrinha do sapateiro, mesmo assim, fui até o local indicado. Bati palmas em algumas casas, perguntei se alguém conhecia uma senhora, sobrinha de um sapateiro que possuiu muitos livros e que, poderia morar pelas redondezas, ao que me foi respondido: “Um que era comunista? Ela mora ali, naquele portão”.

Entrando em contato com a sobrinha do sapateiro, expliquei que gostaria de saber sobre ele e se ainda os seus livros estavam presentes. Abrindo o portão, a senhora, com os seus quase oitenta anos, me ofereceu entrar em sua casa e iniciou sua fala a respeito do tio, confirmando muitas das coisas que o senhor Luis Carlos me contou no Museu. Perguntei dos livros, e ela levou-me gentilmente a um pequeno quarto, onde se localizavam duas estantes abarrotadas de livros e revistas, “aquela estante maior, ele mandou fazer, tem muitos anos”, comentou. Dentro de sua casa estava mais uma estante, também toda completa em livros.

Não demorou muito, indaguei se eu poderia iniciar um processo de catalogação daqueles livros, o que me foi concedido de bom grado e afirmou que nunca apareceu alguém querendo fazer isso.

Mais tarde, no começo de 2012, quando eu acabara de catalogar todos os livros, a senhora comentou que, entre os anos de 2007 e 2009, teve que vender parte da biblioteca, o que ela estimou perto de mil livros. Assim, chegamos ao tema, estudar a militância comunista na cidade de Paranaguá. Quem é o sapateiro? Como é a sua relação com a leitura e com o Partido Comunista? O sapateiro Antônio Rocha desempenha um papel fundamental na militância política na cidade? Se, realiza este papel, até que ponto isso é observável?

Os objetivos desta pesquisa concentram-se em: Analisar a militância comunista em Paranaguá e seu processo de formação, atravessando três décadas, dados os indícios presentes no recorte temporal delimitado. Levantar o circuito de atuação dos comunistas e de Antônio Rocha, situando-o neste ambiente, principalmente nas atividades que os sindicatos desempenharam e, por fim, compreender a militância do sapateiro Antônio Rocha e as interpretações e apropriações das leituras que realizou, oferecendo-lhe ferramentas para desenvolver suas práticas de ação política.

Feitas as primeiras considerações, nossa pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo é onde se apresenta certa tradição dos sapateiros, desde fins do Século XVIII, na Europa, como sujeitos que se destacavam em assuntos ligados a mobilizações populares ou como líderes das multidões aparecendo como porta-vozes de muitas pessoas, durante todo o século XIX, avançando até as primeiras décadas do século XX. Da Europa, partimos para a América Latina, observando os sapateiros grevistas em Curitiba, no início do século XX; passando pelo caso dos sapateiros comunistas da Costa Rica, entre a década de 1930 e 1940; voltamos para o Brasil, apontando outros casos de sapateiros comunistas, na região nordeste, já na metade do século passado.

Com isso, não é nossa intenção estabelecer uma continuidade genealógica com os sapateiros ingleses do final do século XVIII, mas entender que há uma regularidade comportamental na história deste ofício, uma regularidade que os conecta a experiências comuns, a de autodidatas, líderes, pessoas de conhecimento, esclarecidos e de referências políticas em suas pequenas cidades, vilas e aldeias.

O segundo capítulo se inicia observando a inserção de comunistas em uma greve no porto de Paranaguá, no ano de 1946 e os debates em torno do acontecimento, entre trabalhadores e autoridades portuárias. Partimos da greve, analisando seus conflitos e as ações de alguns militantes, como o alfaiate Angelo Maria Pattituci, que foi acusado de ser agente da repressão do Governo Vargas, infiltrando-se nos redutos comunistas de Paranaguá no final dos anos trinta. Por meio de cartas e relatórios de um agente da polícia política e do delegado da Delegacia Regional de Polícia, naquela ocasião, conseguimos nos aproximar dessas tensões. Após verificar os acontecimentos da greve, procuramos entender e contextualizar a incidência de comunistas na vida política no Estado do Paraná, para além da cidade de Paranaguá, localizando outros estudos que tiveram como parte de seus objetos, o mesmo Estado.

Em seguida, oferecemos uma visão geral das militâncias comunistas e da atuação do Partido Comunista do Brasil no país, bem como aspectos do imaginário anticomunista, num esforço de refletir a respeito de outros contextos. Seguindo a discussão a respeito do “todo”, com o objetivo de apresentar *alguns aspectos* nacionais do Partido Comunista, dado o recorte feito, voltamos para a cidade de Paranaguá, dessa vez, “descendo” ao ano de 1954, no dia 1º de agosto, quando é realizado um comício no centro da cidade, por pessoas que são identificadas como membros da *Liga da Emancipação Nacional*. Este breve parêntese busca situar o sapateiro Antônio Araújo Rocha, no recorte delimitado.

Localizamos, na documentação, algumas pessoas que foram oradoras no referido comício e que, aliás, causa revolta em particularmente uma pessoa que estava ouvindo, sendo nosso ponto de referência, a denúncia escrita por um anônimo, encaminhada ao Secretário de Segurança Pública do Estado. Com a localização dessas pessoas, adentramos em suas trajetórias políticas, onde foram vigiadas pela Polícia Política. Isso nos possibilita entender as militâncias de cada pessoa que possuía ligações com o PCB, pois, desdobramos suas informações, fazendo ver conflitos internos, como é o caso de um militante em específico, sendo acusado de “agente da reação” pelo jornal comunista *Tribuna do Povo*. Esses desdobramentos nos levam até os primeiros indícios de comunistas em Paranaguá, entre 1934/1935.

No terceiro capítulo, buscamos compreender a trajetória política e pessoal do sapateiro Antônio Araújo Rocha. Tentaremos realizar tal empreendimento por meio de três caminhos: o primeiro é seguir os rastros de suas leituras, definindo um recorte em sua biblioteca, a qual catalogamos com 1860 livros e revistas. Dessa forma, estabelecemos nos aproximar das leituras que o sapateiro fazia, através de suas assinaturas com datas, escritas nas folhas de rosto, capas e contracapas, bem como anotações nas margens, sublinhados e rascunhos em folhas a parte.

Fazendo isso, podemos chegar perto do que Antônio Rocha estava lendo ou, se não chegou a ler, entrou em contato e que, imaginamos, ao menos sabia do que se tratavam os conteúdos das publicações.

Durante os anos trinta, Antônio Rocha possui livros voltados para o assunto do autodidatismo, temas dedicados à oratória, gramática e cálculo. Outros tipos de livros são os dedicados à literatura – europeia e brasileira –, tanto do século XIX como do XX. A partir da metade dos anos quarenta em diante começam a aparecer livros e revistas com temas dedicados à teoria política e ao marxismo, especialmente.

A segunda direção para compreender suas leituras, pensamentos e sentimentos são duas entrevistas que concedeu. A primeira foi no ano de 1978, para uma revista de Curitiba chamada *Outras Palavras*. Nesta entrevista, o sapateiro comenta sobre suas leituras e um pouco de sua vida. Esta revista iniciou suas atividades neste mesmo ano, propondo uma intervenção no debate público como uma publicação de “jornalismo cultural”, de acordo com o seu editorial. A outra entrevista foi concedida em 1988, como mencionado, ao já finado *Centro de Memória Sindical do Paraná*, fundado em Curitiba durante a década de oitenta. Aqui, Antônio Rocha esclarece mais sobre a sua trajetória, desde quando começou a trabalhar como sapateiro, na década de vinte, suas relações com a leitura, atuação política e suas prisões pela repressão.¹² Este “centro de memória” foi fundado com o objetivo de reunir relatos de trabalhadores que atuaram em sindicatos e em partidos políticos durante o século XX no Paraná, precisamente nas organizações voltadas para a orientação política de esquerda.

¹² Biblioteca Particular de Antonio Araújo Rocha. Certificado assinado por Antônio Araújo Rocha, esclarecendo que “contribuiu para a preservação da memória do trabalhador paranaense, com depoimento histórico prestado em 25 de abril de 1988”.

Por fim, a terceira via para nos aproximar e analisar o universo de leituras e de militância política do sapateiro comunista volta-se para observar as leituras que eram proibidas de serem feitas, pelos comunistas pelo próprio partido. Diante disso, analisaremos suas trajetórias de leituras e de militância política, atravessando as décadas de trinta, quarenta e cinquenta, adentrando ao início dos anos sessenta e chegando à sua prisão pela ditadura militar, em 1964.

O que nos chama a atenção é que, segundo a família de Antônio Araújo Rocha e pessoas que o conheceram, não chegou a concluir seus estudos de maneira formal, estudou até o antigo primário, abandonando os estudos. Isso é confirmado nas entrevistas de 1978, para a revista curitibana, esclarecendo que não seguiu com os estudos¹³ e na entrevista de 1988, para o já mencionado Centro de Memória Sindical do Paraná. Apesar disso, acreditamos ser possível compreender, seguindo os indícios que se apresentam, ao menos minimamente, como se formou a militância comunista em Paranaguá.

¹³ Biblioteca Particular de Antonio Araújo Rocha. Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.

CAPÍTULO 1

A TRADIÇÃO DOS SAPATEIROS COMO RADICAIS POLÍTICOS

1.1 *Entre sapatos & livros: Agitadores, ideólogos, intelectuais, políticos de aldeias.*

É dia de voltar ao ofício, um velho sapateiro levanta de sua cama para mais uma jornada, uma acomodação modesta. O quarto, que fica no andar acima de sua sapataria, mede aproximadamente dois metros de largura e três ou quatro de comprimento. Não sabe ao certo o quanto irá lucrar, mas, ganhará o suficiente para se alimentar. Abre a sua sapataria logo cedo (um espaço pequeno e escuro), à espera dos primeiros fregueses. Suas ferramentas já estão todas limpas e prontas para serem utilizadas, o cheiro do couro que acabou de chegar ao seu estoque corre pela oficina. Enquanto nenhuma pessoa chega, senta em sua cadeira, acaricia seu cachorro, olha para fora da porta de entrada e observa o horizonte, perguntando-se a respeito de mais um livro que acabara de ler, durante a noite anterior.

Nutrindo uma profunda revolta em seu espírito, ao ver as dificuldades que seguem, dia-a-dia, em sua pequena cidade, o velho sapateiro sente-se inconformado e seus olhos brilham ao iniciar uma conversa com outra pessoa, que também se apresenta insatisfeita com as taxações tributárias, que os governantes insistem em aumentar constantemente, dificultando a sobrevivência dos trabalhadores.

Entre pares de sapatos consertados, pedidos de confecção, um remendo aqui, solas novas prontas, outro remendo feito, o velho sapateiro intercala o tempo que tem para se manter informado com o restante dos trabalhadores que o procuram. Alfaiates, chapeleiros, tipógrafos, jornaleiros, ferroviários, mascates, portuários, barbeiros, carroceiros, amoladores, pescadores, pedreiros. Muitos frequentam a sua sapataria em busca dos seus serviços e, alguns, de suas ideias.

Provavelmente, esta foi uma cena comum em fins do século XVIII, ao longo do XIX e, certamente, durante o século XX, precisamente no período e objeto delimitado por esta pesquisa. O interesse deste capítulo é apresentar a característica dos sapateiros como radicais políticos. Afinal, o que faz desses trabalhadores, pessoas envolvidas com a coletividade, com protestos, revoltas, motins e seu destaque na vida pública? Os historiadores Eric Hobsbawm e Joan Scott se perguntaram a respeito desta questão e a escolhemos como ponto de partida do presente capítulo. Porém, antes de adentrar nas reflexões de Hobsbawm e Scott, outro historiador também realizou estudos abordando os sapateiros, alguns anos antes dos autores mencionados acima.

Edward Thompson inicia o clássico *A formação da classe operária inglesa*, descrevendo a ação do sapateiro Thomas Hardy, um dos fundadores da Sociedade Londrina de Correspondência, em fins do século XVIII. Preso sob a acusação de alta traição (partindo do princípio de uma reivindicação para uma Reforma Parlamentar), as autoridades da época, além de o levarem preso de sua casa, apreenderam cartas, panfletos, livros e manuscritos.¹⁴

¹⁴ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade* – vol. 1. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 16.

Nascido em 1752, Thomas Hardy forjou-se artesão, tendo sido aprendiz de sapateiro e trabalhado por um tempo como pedreiro, indo jovem para Londres. Trabalhou em vários ofícios, onde o artesão se visualiza em uma posição independente, tornando-se mestre. Thompson sugere pensar a SLC (Sociedade Londrina de Correspondência) mais como uma sociedade de aspecto *radical popular* do que *operária*, argumentando em contraposição a tendência de muitos historiadores em apresentar esta sociedade como uma primeira organização política de perfil operário.¹⁵

A SLC aparece como um ponto de junção, possuindo um amplo alcance entre os trabalhadores, precisamente em reunir várias agitações num movimento único, adquirindo maior sofisticação organizativa, principalmente pela propaganda ideológica do radicalismo londrino ter maior audiência em Londres, do que ao norte. Dessa forma, Thompson argumenta que, por aproximadamente duzentos anos, Londres foi uma cidade heterogênea e fluida em seu perfil social e profissional, pois os que ali se encontravam estavam mais sujeitos a motivações ideais e intelectuais. “Teorias novas e novos argumentos em geral se uniam antes ao movimento popular em Londres, e então de lá se difundiam para os centros provinciais”.¹⁶

No emaranhado desse movimento, o historiador inglês destaca que há traços, desde os primeiros encontros da SLC, que indicam um novo tipo de organização, precisamente entre 1790-1850. Assim, o trabalhador aparece como secretário, reivindicando a baixa subscrição semanal, a atenção para a discussão de temas políticos e econômicos

¹⁵ THOMPSON, 1987. p.18.

¹⁶ Idem, p. 19.

(“a dureza dos tempos” e a Reforma Parlamentar). O surgimento da prática da reunião, vista como atividade política e social, ressalta ainda uma particularidade fundamental, a intenção e determinação de disseminar opiniões, com o objetivo de organizar os adeptos, sob o signo da diretriz “que o número de nossos membros seja ilimitado”.¹⁷

Partindo desse conjunto de ações, Thompson identifica tal processo como significado do término da noção de exclusividade no debate político, no sentido da política como “reserva de uma elite hereditária ou de um grupo proprietário”. Logo, a SLC abriu as portas à propaganda e à agitação, propondo que os membros fossem ilimitados, o que implicou uma nova noção de democracia, deixando de lado as antigas amarras e inibições, confiando em processos de “auto-ativação e auto-organização da gente simples”.¹⁸

Virando as costas à identificação secular entre direitos políticos e direitos de propriedade, o desafio revolucionário de organizar os trabalhadores destinava-se a ser acusado de alta traição, uma vez que atemorizava as autoridades. Os acontecimentos ocorridos na Inglaterra na década de 1790, logo após a queda da Bastilha, tendem a ser interpretados como um reflexo do que hoje se compreende como a Revolução Francesa, porém, nem tudo está perfeitamente enfileirado em uma cadeia de eventos, como se cada revolta ou organização dos trabalhadores fosse o fruto da revolta anterior. A sugestão é analisar o caso inglês de maneira mais cuidadosa, percebendo suas peculiaridades, como se forma no processo histórico.¹⁹

¹⁷ THOMPSON, 1987. p.20

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem, pp. 22/23.

O significado das agitações da última década do século XVIII, na Inglaterra, principalmente as tradições dissidentes e libertárias que emergiam e datam de um período anterior ao período revolucionário francês, embora com um prazo curto (cinco anos, 1792-6), foram intensas e com um grande alcance, “alterou as atitudes subpolíticas do povo, afetou os alinhamentos de classe e iniciou tradições que se prolongam até o século atual”, de maneira que, “não foi uma agitação sobre os acontecimentos franceses, embora eles a tenham inspirado e também prejudicado. Foi uma agitação inglesa, de dimensões impressionantes, por uma democracia inglesa.”²⁰ Dentro desse processo, há uma heterogeneidade de artífices que se articulam, em busca de melhores condições de vida, lendo muito, principalmente o livro de Thomas Paine – *Direitos do homem*.

No ano de 1792, na cidade de Sheffield, o ministro da Guerra achou que as ideias de Paine e o povo enfurecido que, segundo ele, estaria disposto a perturbar a paz do país, ampliaram-se de uma maneira exorbitante, para além de sua imaginação, pois 2.500 do que chamou “dos mais baixos artífices”, faziam parte da principal associação reformista, a Sociedade Constitucional.²¹ O ambiente de leitura pode ser descrito da seguinte forma: “Aqui eles leem as publicações mais violentas, e as comentam, e discutem sua correspondência não só com as Sociedades subordinadas nas cidades e aldeias da vizinhança, mas com aquelas... em outras partes do reino...”²²

²⁰ THOMPSON, 1987, p.111.

²¹ Idem, p. 112.

²² ASPINALL apud THOMPSON, 1987, p. 112.

Saiu, então, no mês de maio daquele ano, uma Proclamação Real contra publicações de caráter sedicioso, direcionada principalmente contra Thomas Paine; em dezembro, o mesmo foi proscrito e seu livro *Direitos do Homem* foi condenado como libelo sedicioso.²³ O que nos interessa aqui é a circulação desses escritos, na formação do caráter contestatório nas pessoas que os liam, ouviam, debatiam e que, de alguma maneira, apropriaram-se da agitação, tornando os escritos como um princípio e organizador, para a compreensão de suas realidades.

A circulação e o êxito da segunda parte dos *Direitos do Homem* alcançou a cifra de 200.000 exemplares vendidos no ano de 1793 (a primeira parte vendeu 50.000 exemplares, em 1791), financiada pelas sociedades locais de artesãos, sendo distribuídos nas minas e poços de carvão, bem como nas cabanas e estradas. Na cidade de Newcastle, Thompson verifica, segundo suas fontes, que os exemplares estavam nas mãos de quase todas as pessoas, chegando a regiões da Escócia e Irlanda.²⁴

O sapateiro Thomas Hardy, para promover a Sociedade Londrina de Correspondência, com a ajuda de outros membros, iniciou um processo de divulgação do livro de Paine, entrando em contato com sociedades provinciais inglesas e com o Clube Jacobino, de Paris. Publicaram-se impressos, panfletos e edições baratas. Em um relato de um jovem comerciante, chamado Thomas Cooper, Thompson apresenta rapidamente o tipo de recepção que o livro tivera, naquele momento, na vida de Cooper: “Me tornou politicamente mais louco do que jamais fui. É plena de impacto e repleta de bom senso... reforçada

²³ THOMPSON, 1987, p.116.

²⁴ Idem. pp.117-118.

também por uma profusão de assuntos provocativos. Vejo-a como uma verdadeira jóia de livro [...]”.²⁵

Livreiros eram presos pela venda do livro, espiões eram enviados para as sociedades populares e as tabernas recusavam o uso de seus ambientes para qualquer clube ou sociedade que estivesse com a intenção de discutir os escritos de Paine.²⁶ No meio dessa agitação no comportamento de uma grande maioria dos ingleses, uma das principais funções da SLC era a educação política dos trabalhadores.

Essa educação se dava por meio do trabalho das seções da SLC. Thompson argumenta que há muitos relatos sobre essas reuniões, um deles, sugere que se reuniam os membros para atividades educativas, geralmente em uma casa particular, lá, selecionavam os livros a serem lidos. Seguiam-se as leituras, conversas e debates, nas tardes de domingo.

O modo habitual de procedimento nessas reuniões semanais era o seguinte. O presidente (cada homem era presidente por rodízio) lia algum livro... e as pessoas presentes eram convidadas a fazer observações sobre o lido, todas as que quisessem, mas sem se levantar. Então lia-se mais um outro trecho e havia uma segunda rodada. Então lia-se o restante e fazia-se um terceiro convite, quando se esperava que os que não tinham falado antes dissessem algo. Então havia uma discussão geral.²⁷

²⁵ KNIGHT apud THOMPSON, 1987, p. 121..

²⁶ THOMPSON, 1987, p. 124.

²⁷ Idem, p. 170.

A partir dessas reuniões, “os efeitos morais da Sociedade eram realmente muito grandes. Induzia os homens a lerem livros, ao invés de gastarem seu tempo nas tabernas. Ensinava-os a pensar, a se respeitarem e a desejar educar seus filhos. Elevava-os em suas próprias opiniões.”²⁸ Essas primeiras características do que Thompson chama de *autoeducação política* de uma classe são parcialmente verdadeiras, uma vez que os relatórios dos espíões que se infiltravam dizem outra versão, um contraponto a esta harmonia aparente dos encontros.

Enquanto um relato anuncia certa ordem e hierarquia, a versão dos espíões aponta para uma baderna generalizada, com as pessoas ficando violentas, necessitando que o presidente se levante para tentar acalmar os ânimos. As seções nem sempre se encontravam aos domingos, e nem sempre se davam em casas particulares. Nos bairros mais pobres, eram expulsas de taberna para taberna, pois, regradas à bebida e à agitação do momento, entoavam-se canções onde o clero era um alvo constante de insultos e mesas com muitos exemplares de livros a serem vendidos.²⁹

Quanto à sua composição, ou seja, o perfil social dessa sociedade, deparamos-nos, como Thompson afirma, com uma sociedade de artesãos, onde aparecem: tecelãos, relojoeiros, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, curtidores de couro, tintureiros, peruqueiros, comerciantes, açougueiros, negociantes de meias e malhas, entalhadores, pedreiros, cortadores de armações em madeira, calceiros, montadores de estrados, porcelaneiros, papeleiros, chapeleiros, padeiros, estofadores, serralheiros, músicos, cirurgiões, fundidores, vidraceiros, estanhadores,

²⁸ BIRLEY apud THOMPSON. 1987, p.170.

²⁹ THOMPSON, 1987. pp.170-171.

laqueadores, livreiros, gravadores, negociantes de tecidos, encarregados de armazéns e camponeses.³⁰

Há uma particularidade com relação aos sapateiros, sempre são predominantes, mas, até que ponto? Thompson argumenta que esses artesãos “levavam as doutrinas de Paine ao seu limite: democracia absoluta, oposição total e radical à monarquia e aristocracia, ao Estado e aos impostos.”³¹ Em momentos onde as paixões ficavam mais evidentes, onde o entusiasmo atingia um nível elevado, os sapateiros formavam uma espécie de núcleo central de um movimento que desenvolvia uma atração do apoio de milhares de pequenos lojistas, bem como impressores e livreiros, médicos, mestres-escolas, gravadores, pequenos mestres e o clero dissidente, por um lado. Por outro, atraíam carregadores, carvoeiros, diaristas, soldados e marinheiros.³²

Muitas tradições se originaram a partir do fim da década de 1790, tradições dos unitaristas, do deísmo e do livre pensamento, a tradição com orientação constitucionalista dos comerciantes e artesãos. Thompson defende que “essas tradições estão encarnadas não só em ideias, mas em pessoas”, influenciando uma geração radical mais jovem, tendo continuidade em muitos centros provinciais, durante o século XIX.³³

³⁰ THOMPSON, 1987, p.171.

³¹ Idem. p. 172.

³² Idem. p. 173.

³³ Idem. pp.198-199.

Como mencionado mais acima, houve uma alteração de caráter radical nas atitudes subpolíticas do povo e, em 1811, vai surgindo simultaneamente um novo radicalismo popular e um sindicalismo recém-militante. Dessa forma, o período da agitação reformadora, entre os anos de 1792 e 1796 foi uma história de características simultâneas, onde aparece a derrota dos reformadores da classe média e uma rápida orientação *para a esquerda*, dos radicais plebeus. “A experiência marcou a consciência popular por cinquenta anos, e durante todo esse tempo a dinâmica do radicalismo proveio, não da classe média, mas dos artesãos e diaristas”.³⁴ E há os indícios de aspectos importantes da tradição jacobina inglesa, como a tradição do autodidatismo e da crítica racional às instituições políticas e religiosas, a tradição do republicano consciente e, principalmente, a tradição do internacionalismo. Thompson destaca que, ao longo desses anos,

Houve Thomas Hardys em todas as cidades e em muitas aldeias pela Inglaterra, com um cofre ou uma estante cheia de livros radicais, soltando uma palavra aqui e ali, na taberna, na capela, na oficina do ferreiro ou na loja do sapateiro, à espera de que revivesse o movimento. E o movimento pelo qual esperavam não pertencia aos fidalgos, industriais ou contribuintes com renda; pertencia a eles mesmos.³⁵

Por que os sapateiros? O que há nesse ofício que faz com que esses artesãos se inclinem para uma vida de leituras e de questionamento? Segundo Eric Hobsbawm e Joan Scott, em seu texto intitulado *Sapateiros Politizados*, referindo-se ao radicalismo político dos sapateiros durante o século XIX na Europa, particularmente, e em alguns

³⁴ THOMPSON, 1987. pp. 200-201.

³⁵ Idem. p. 202.

outros países, os sapateiros possuem características específicas, enquanto ativistas políticos.

Apesar da simplicidade de suas preferências, os que fazem ou consertam sapatos novos e velhos sempre se distinguem pelo espírito irrequieto, por vezes agressivo, e por uma enorme tendência à loquacidade. Ocorre uma revolta? Surge da multidão um orador? É sem dúvida um sapateiro que veio proferir um discurso ao povo.³⁶

Hobsbawm e Scott realizam, nessa reflexão, um levantamento histórico das atividades dos sapateiros com respeito a fins políticos. Os sapateiros possuem uma reputação ligada ao radicalismo que pode ter um, ou mais de um, dentro de três significados. Assim, há a reputação em direção à ação militante em movimentos de protesto social, condizente ou não ao ofício; uma reputação ligada aos movimentos políticos de esquerda (neste caso, sendo por simpatia, associação ou participação ativa); e outra reputação, designada como *ideólogos do povo*.³⁷ Esses significados podem facilmente ser associados, mas não são iguais. Contudo, os sapateiros detinham, no século XIX, uma reputação de radicalismo nos três sentidos, eram militantes em assuntos que diziam respeito a seu ofício, bem como em movimentos de protesto social, em uma esfera maior.

Os sapateiros constituíram um grupo organizado, em escala nacional, atravessando países como França e Suíça. Na Argentina, juntamente com os carpinteiros, se tornaram os primeiros integrantes

³⁶ HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 149.

³⁷ Idem. p. 150.

da *Federação de Trabalhadores da Região Argentina*, sendo a primeira tentativa da organização de um sindicato nacional, em 1890. Entravam em greve ocasionalmente e sobressaíam-se nas multidões de cunho revolucionário. Na França, na cidade de Paris, entre os detidos por se oporem ao *coup d'état*, os sapateiros constituíam o contingente mais numeroso, durante a Comuna de Paris de 1871, os trabalhadores que se envolveram e que foram atingidos com o maior número de deportações foram, “naturalmente, como sempre, os sapateiros”.³⁸

Em Constança, na Alemanha, em abril de 1848, estourou uma rebelião e os sapateiros constituíam o maior grupo homogêneo de rebeldes. No estado do Rio Grande do Sul, foi registrado um sapateiro italiano anarquista em 1897 e, em Curitiba, um sindicato de inspiração anarquista, que participou do primeiro Congresso dos Trabalhadores de Curitiba, foi a Associação dos Sapateiros.³⁹

É importante destacar que os sapateiros não constituem, de acordo com os autores, o único grupo de artífices dedicados à militância e ao ativismo de esquerda. Houveram outros grupos, como: marceneiros, carpinteiros e alfaiates. No entanto, há períodos em que os sapateiros se destacam mais na vida política. Hobsbawm e Scott dedicam sua análise a esta característica que sobressai aos outros grupos, afirmando que o papel como ativistas políticos pode ser documentado de uma maneira ampla. Porém, essas ações coletivas, reunindo um grande número de sapateiros, não explica o radicalismo político.

³⁸ ROUGERIE apud HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 151.

³⁹ HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p.152.

Segundo os autores, a conexão entre a política e a eloquência se faz presente nesses artesãos, contudo, haviam sapateiros militantes que não desenvolviam o hábito da leitura profunda, não se tornando grandes leitores, pois, mesmo havendo uma porcentagem considerável desses trabalhadores alfabetizados, para além da média, haviam os que claramente não despontavam para uma vida de leituras densas.

Os sapateiros, com frequência, eram conhecidos como jornalistas e versejadores, pregadores e conferencistas, escritores e editores, ou ainda, como poetas-trabalhadores. Nessa mesma linha, a maioria entre os sapateiros ativistas eram artesãos intelectuais e sua numerosa existência, de acordo com Hobsbawm e Scott, não pode ser negada, pelo fato de existirem provérbios que, talvez, indiquem esse caráter aguçado para os assuntos políticos.⁴⁰ Por exemplo: “Sapateiro, não se meta onde não for chamado [...] Que o sapateiro cuide do seu ofício e que os eruditos escrevam os livros; Sapateiros que pregam sermões fazem maus sapatos”. Citando a autobiografia de um sapateiro inglês, este comenta que

As pessoas que gozam das vantagens de uma educação intelectual mais refinada dificilmente imaginariam o volume de conhecimento e de cultura livresca que pode ser encontrado entre os membros de meu venerável ofício.⁴¹

Hobsbawm e Scott fazem uma ampla análise das incidências de sapateiros ativistas e esclarecidos, destacam que a reputação do sapateiro enquanto filósofo e político popular é anterior ao capitalismo industrial, estendendo-se além dos países de economia capitalista, demonstrando características militantes, protestando pelas ruas da

⁴⁰ HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 153.

⁴¹ BROWN apud HOBBSAWM; SCOTT, 200, p. 156.

Europa. Caracterizado como um *político de aldeia*, os sapateiros se faziam presentes em vários movimentos populares. Possuindo um caráter geralmente propício à violência diante dos que estão acima de sua classe, durante a Revolução Francesa, encabeçaram as multidões para torturar e assassinar o rei.⁴²

No entanto, onde se estabelece o ponto que caracteriza o sapateiro como um crítico, um militante? Ele é produto de seu ofício? Os autores fazem essa pergunta, também pensamos a partir dela. A questão é que, observando a tradição dos sapateiros e seus comportamentos na vida política, fica claro o radicalismo nos assuntos políticos, porém, como isso se constitui?

Pensando ao lado de Hobsbawm e Scott, estes destacam que não há nada nos costumes e tradições dos sapateiros que os leve para o interesse pela leitura, bem como nada que torne possível a ligação ocupacional com os impressos, como acontece com os tipógrafos, que precisam ler o seu material de trabalho, desse modo, a instrução e a preferência dos sapateiros pelos livros e pela leitura torna-se uma questão aberta.⁴³ Uma, das hipóteses levantadas pelos autores sugere que a relação entre os livros e os sapateiros não poderia ter sido estabelecida antes da invenção e da popularização da imprensa, de maneira que até esse tempo, os pobres não possuíam o acesso direto à palavra escrita. Assim,

O caráter geral dos costumes dos artífices sapateiros sugere que estes costumes já se encontravam formados nesta época. Naturalmente, pode argumentar-se que, com a disponibilidade de livros, estes obviamente viriam a atrair uma

⁴² HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 157.

⁴³ Idem. p. 158.

profissão cujos membros se inclinavam à especulação e à discussão.⁴⁴

Sugere-se de que a primitiva divisão do trabalho, na confecção de calçados, tornou os sapateiros a ficarem mais isolados em seu ofício, permitindo ou impelindo-os para trabalhar no isolamento, uma vez que em sua oficina, a figura do sapateiro solitário era recorrente. Uma das possibilidades deste tipo de comportamento seria essa possível solidão proporcionada pelo ofício, tornando uma inclinação para a discussão e especulação com seus clientes, bem como uma ligação com a leitura e aquisição de livros para substituir a vida solitária. Contudo, “nada nas tradições formais ou informais do ofício parece ligar os sapateiros especificamente ao intelectualismo, ou mesmo ao radicalismo.”⁴⁵

E essas tradições traçam o orgulho pelo ofício do atendimento dos sapateiros com os pequenos burgueses e pobres, jovens e velhos. Nesse sentido, pontualmente, os autores nos trazem a informação de que, essa relação diversa, própria dos sapateiros, era tema comum das canções desses trabalhadores, onde era acentuada a independência do artífice, controlando seu próprio tempo de trabalho e lazer. Uma explicação mais plausível seria que o intelectualismo dos sapateiros derive de seu serviço ser de caráter sedentário, exigindo pouca força física, unindo conversas, leituras de jornais e livros. Geralmente as oficinas eram abertas, podendo qualquer pessoa parar e conversar sobre qualquer assunto.⁴⁶

⁴⁴ HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 159.

⁴⁵ Idem. p. 160.

⁴⁶ Idem. p. 162.

Refletindo sobre a inclinação ao radicalismo, não seria absurdo supor que os sapateiros se inclinassem ao radicalismo por ressentimento, por virem de famílias pobres e lugares humildes, ou por estarem expostos ao contato com os pobres e com os ricos, pois eram procurados por ambas as classes.⁴⁷ Isso o distinguiu, uma vez que estava em constante contato com pessoas humildes, percebendo as dificuldades cotidianas de sua comunidade.

Assim, “o sapateiro era, portanto, uma figura-chave na vida rural intelectual e política: instruído, eloquente, relativamente bem-informado, independente do ponto de vista intelectual e, por vezes, do econômico, pelo menos dentro de sua comunidade aldeã,” uma vez que a sapataria poderia ser apreendida como um centro social, aberta para o convívio durante todo o dia, ficando atrás apenas das tabernas, os sapateiros se faziam presentes em locais onde poderia ocorrer mobilização popular.⁴⁸

Em que quantidade de aldeias e pequenas cidades o sapateiro não exerceu o papel de educador! Assim, o *Every-Day Book* de Hone relembra, “um velho honesto que remendava meus sapatos e minha mente, quando eu era menino (...) meu amigo o sapateiro, que, embora não fosse nenhum metafísico, inclinava-se a ruminar sobre a ‘causação’. Ele emprestava ao menino livros ‘que guardava na gaveta de seu banco, junto (...) aos instrumentos de seu ‘Nobre Ofício’”. E ainda na década de 40 um futuro ilustre historiador do movimento operário de formação marxista foi apresentado à

⁴⁷ HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 163.

⁴⁸ Idem. p. 170.

política em suas conversas de menino numa oficina de sapateiro de uma pequena cidade em sua Romênia natal.⁴⁹

Esse perfil do sapateiro, segundo Hobsbawm e Scott, enquanto filósofo e intelectual, militante de seu ofício e das multidões, é anterior à Revolução Industrial. O que esse evento proporcionou, foi ampliar a base do radicalismo, aumentando a quantidade de sapateiros através da criação de um grande grupo de trabalhadores. No sentido de que, muitos artífices foram obrigados a abandonar seu ofício solitário e a se agrupar em militâncias sindicais de trabalhadores especializados.⁵⁰ Logo, esse mesmo período possibilitou uma expansão das ferramentas do radicalismo político e do repertório de ideias, reivindicações e programas políticos.

Ideologias de crítica social e política democrático-seculares, jacobinas, republicanas, anticlericais, cooperativistas, socialistas, comunistas e anarquistas, além de proliferarem, complementaram ou substituíram as ideologias da religião heterodoxa que anteriormente tinham sido o principal vocabulário do pensamento popular.⁵¹

Dentro desse novo repertório político, Hobsbawm e Scott comentam que algumas ideologias eram mais atraentes do que outras, mas aspectos de todas elas diziam respeito às experiências dos sapateiros. Com essa nova configuração, os meios para a agitação e para o debate também se expandiram. Jornais e panfletos abriam espaço para os trabalhadores intelectuais escreverem e divulgar seus

⁴⁹ HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 170.

⁵⁰ Idem, p 176.

⁵¹ Idem.

textos, poderiam ser lidos e discutidos nas sapatarias.⁵² Dado esses fatores, na medida em que o sapateiro filósofo e herético, segundo os autores, se transformava em um sapateiro politicamente radical, a emergência de movimentos de protesto também crescia, isso lhe trazia uma multidão pronta e disposta a ouvi-lo, e talvez segui-lo.⁵³

Entretanto, designar os sapateiros que se inclinaram para uma vida de leitura e de militância, como filósofos e intelectuais carece de uma conceituação mais fina, buscando observar as particularidades dessas atividades e do *ser filósofo e intelectual*. Hobsbawm e Scott não explicam o porquê de estarem utilizando tais termos e isso acaba fazendo escapar de suas análises esses sujeitos particulares, uma junção de trabalhador-intelectual-militante.

Compreendendo que a proposta de Hobsbawm e Scott é observar as atividades dos sapateiros enquanto radicais políticos e a sua mobilidade durante, principalmente, o século XIX, sinalizamos a necessidade de observar mais de perto a trajetória e as especificidades de nosso ponto de partida.

Contudo, seguindo os argumentos dos historiadores acima, e insistindo, a atividade dos sapateiros como radicais políticos não deve ser negada, uma vez que desempenharam um papel fundamental nas mobilizações por conquistas de direitos e melhores condições de vida, bem como no esclarecimento e informação de várias pessoas que entraram em contato com esses artífices e que desempenharam uma função muitas vezes e, muito próxima, do educador de sua pequena cidade, emprestando livros, jornais, distribuindo panfletos e estimulando o pensamento progressista.

⁵² HOBBSAWM; SCOTT, 2000, p. 176.

⁵³ Idem.

Após verificarmos a atuação dos sapateiros no debate político na Europa, por meio de conflitos, protestos, mobilizações, conversas no cotidiano, em fins do século XVIII e durante o século XIX, destacamos outros casos historicamente datados. O primeiro, na cidade de Curitiba, na primeira década do século XX, em 1906; o segundo, na Costa Rica, entre 1930 e 1948; na cidade de São João do Cariri, no estado do Rio Grande do Norte, observa-se um sapateiro comunista, como um dos principais líderes do partido e com uma trajetória conhecida na cidade, tendo sua militância se dado entre fins dos anos 1930 até o início da década de 1960, no Partido Comunista; por fim, outro sapateiro militante e também ligado ao Partido Comunista, próximo a Timbaúba, uma pequena cidade do interior do Estado de Pernambuco, entre a década de 1940 e 1970. Em comum, os quatro casos apresentam sapateiros articulados à vida pública, destacando a preocupação com reivindicações e mobilizações populares.

Os sapateiros em Curitiba, no ano de 1906, organizaram-se para uma greve, extrapolando a categoria que a desencadeou, envolvendo o conjunto da sociedade curitibana. Luiz Carlos Ribeiro procura analisar a greve com vistas a discutir a relação patrão-empregado, a relação massa-vanguarda e a relação entre os operários. O objetivo principal a ser conquistado era o aumento de 25% dos salários diários, para isso, elegendo comissões para iniciar a negociação com os proprietários das fábricas e oficinas. Neste momento, reuniram-se mais de 120 operários/artesãos, segundo Ribeiro.

Deram-se conflitos entre os operários que não aderiram à greve, alguns vieram a público, acusando a *Liga dos Sapateiros* de utilizar da violência, em contrapartida, os sapateiros negaram as acusações,

afirmando que deveriam se unificar pelo espírito de classe, pois eram operários e não arruaceiros.⁵⁴

Alguns anos mais tarde, na Costa Rica, entre a década de 1930 e a década de 1940, os sapateiros daquele país mostraram uma grande atividade de militância política, tiveram uma posição central nos movimentos sociais e nas lutas políticas, a sua organização – o *Sindicato dos Sapateiros* – constituiu, segundo o historiador Victor Acuña Ortega, “*el sector más avanzado del movimiento sindical de aquel período y los trabajadores del calzado aportaron numerosos activos e influyentes militantes y dirigentes al Partido Comunista, precisamente en una fase en que este tuvo una gran resonancia en la vida nacional.*”⁵⁵

Ortega destaca que, durante os anos de luta do Sindicato dos Sapateiros e da influência que o Partido Comunista desempenhou na vida do país, emitiu-se a Legislação Social Costarriquenha, assim, o autor propõe que, acerca das reformas sociais dos anos quarenta, se tem escrito uma história de caráter oficial que é compartilhada pela diversidade dos setores políticos do país, incluindo os comunistas. Porém, Ortega argumenta efeitos negativos sobre os sapateiros, que foram direta ou indiretamente sentidos.

Por un lado, en forma directa, afectó el poder del Sindicato, pues elimino la sindicalización obligatoria y estableció la libre afiliación. Por otro lado, indirectamente, favoreció la perdida de cohesión del grupo

⁵⁴ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890 – 1920)*. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: USP, 1985. p. 152.

⁵⁵ ORTEGA, Victor Acuña. *Fuentes orales e historia obrera: El caso de los zapateros en Costa Rica*. In: Cuadernos Flacso, Costa Rica, n. 5, p. 48, 1985. p. 164.

*y de la organización, ya que la parte patronal enfrento la nueva legislación disolviendo los talleres y adoptando la modalidad del trabajo a domicilio. Este cambio en el proceso de trabajo inducido indirectamente por la legislación social tuvo efectos negativos sobre la capacidad de lucha y de organización de los zapateros.*⁵⁶

Em 1948, Ortega acrescenta que o movimento operário sindical e político, que no momento era dirigido pelo Partido Comunista, foi derrotado na Guerra Civil e que, após esta data as organizações sindicais perderam suas influências na vida nacional. Por fim, o autor reflete que a interpretação recorrente, quando se pensa a respeito dos sapateiros comunistas naquele país, é o declive do pensamento comunista à derrota e à repressão que sofreu a partir desse ano.

Entretanto, Ortega se debruça em testemunhos orais e observa que esse tipo de material empírico o possibilitou permitir reconsiderar a explicação do declive histórico do comunismo na Costa Rica, propondo o argumento de que, os ocorridos depois de 1948 devem ser atribuídos a mudanças nas políticas estatais, a modificações na estrutura social, processos de mobilidade ocupacional e a novos processos de formação da classe trabalhadora.⁵⁷

No mesmo período, alguns milhares de quilômetros distante da Costa Rica, já no Brasil, na pequena cidade de São João do Cariri (RN), José Pereira dos Santos, nascido em 1917, anos mais adiante se torna conhecido como “sindicalista, comunista, peemedebista,

⁵⁶ RIBEIRO, 1985, p. 166.

⁵⁷ Idem. p. 167.

excên-trico, mestre, revolucionário e conservador”.⁵⁸ A proposta de Aued foi perceber a trajetória do sapateiro observando a sua complexidade e multiplicidade, seu material de análise é pautado por uma entrevista biográfica (no período de sua pesquisa, o sapateiro estava com 85 anos).

Apresentando-o como um personagem particular, porém, não sendo uma exceção – como será apresentado mais adiante –, Aued destaca a qualidade de autodidata e de militante sindicalista e comunista de José Pereira dos Santos, propondo interpretar um período de mais de 50 anos da vida do sapateiro militante, com a intenção metodológica de analisar o individual e o coletivo da militância política nas relações sociais.⁵⁹

Aued expõe que sua reflexão é dirigida por três ideias centrais, que fornecem saídas para compreender seu objetivo. A primeira se dedica ao percurso ocupacional, a segunda à condição operária e a terceira, que julga ser a mais relevante, dedica-se à militância política. A autora explica que, pelo fato de José Pereira dos Santos não possuir um certificado de aptidão profissional, classifica seu trabalho não como uma profissão, mas como *ocupação*, esclarecendo que a compreensão do sentido de quem é o sapateiro, em termos de trabalho, se apresenta como um dos pontos fundamentais para entender a sua biografia e a relação com a política, partindo do pressuposto de que “as pessoas podem exercer ocupações simples e no entanto, [...] a partir delas podemos analisar a composição e os nexos do tecido social.”⁶⁰

⁵⁸ AUED, Bernardete Wrublewski. *Acerca da identidade coletiva do sapateiro militante*. Cadernos de Pesquisa, Florianópolis, v. 29, p. 01-36, 2001. p. 3.

⁵⁹ Idem. p. 5.

⁶⁰ Idem. p. 7.

José Pereira dos Santos iniciou-se como aprendiz de sapateiro em 1933, seguindo como sapateiro artesão, sapateiro apalazador, modelador e industriário sapateiro, se aposentando em 1974. Torna-se militante em um contexto político onde as ideias comunistas estão em ascensão, coincidindo com a emergência da condição operária.

Porém, a autora reflete que o sapateiro é um militante comunista diferente de outros, onde suas trajetórias de comunistas são ligadas a operários de grandes fábricas, já que não é um sapateiro assalariado, nem industriário, no entanto, alinha-se politicamente ao lado dos trabalhadores assalariados.⁶¹ Em sua militância, no PCB, opõe-se aos intelectuais do partido, se tornando um líder e destacando-se socialmente pela via política. Aued sugere que isso reflete uma ascensão contraditória, diferindo da condição operária da grande parte dos trabalhadores.⁶²

Antes de apresentar, sucintamente, como se deu a militância de José Pereira dos Santos, consideramos fundamental destacar que, no Brasil, há laços entre os sapateiros e os movimentos sociais desde longa data. Em fins do século XVIII, no ano de 1798, surgem sapateiros na Conjuração Baiana e no movimento de alforria dos escravos, em 1888. Na fundação do PCB, em 1922, há sapateiros naquele pequeno grupo que o fundou, em Niterói – RJ, bem como na Insurreição Comunista de 1935, em Natal – RN.

A partir da década de 1930, os sapateiros se articularam na vida política, sendo anarquistas ou comunistas. Contudo, há a incidência de alguns sapateiros militantes importantes nas primeiras décadas

⁶¹ Idem. p. 13.

⁶² AUED, 2001, p.13.

do século XX, como: José Saul, imigrante italiano e anarquista, viveu em Pelotas – RS e foi expulso do Brasil por manifestar suas ideias anarquistas; Manoel Moscoso, sapateiro espanhol, foi colaborador de diversos jornais de trabalhadores, publicando em conjunto com Edgar Leuenroth o jornal *Terra Livre*, considerada a mais importante publicação anarquista no país do início do século; Francisco Carrillo, também espanhol, viveu em Espírito Santo do Pinhal – SP, sendo um dos responsáveis pela difusão do anarco-socialismo; Pedro Batista Matera, outro imigrante italiano e anarquista, fundou o jornal *Liberdade* e a *Escola Moderna 1º de maio*; Antonio Dominguez, morto em 1922 na cidade de São Paulo, em decorrência de conflitos entre trabalhadores e as forças policiais; José Salvador, diretor do jornal *A voz do sapateiro*, no ano de 1927, em São Paulo; João Lombello, também organizador do jornal *A voz do sapateiro*, no mesmo ano; por fim, José Praxedes de Andrade, líder da Insurreição Comunista em Natal, de 1935.⁶³

A militância política de José Pereira dos Santos se inicia em conjunto com o seu trabalho de sapateiro, dentro de uma sapataria, convivendo com outros militantes. O pano de fundo de sua formação militante é a *Insurreição Comunista* de 1935, uma vez que vários militantes que participaram do levante refugiaram-se em Campina Grande (cidade que serviu de sua moradia por muito tempo) e que, por coincidência, moraram no mesmo hotel de sua tia, acabando por conhecer alguns sapateiros militantes. Assim, torna-se, também, um deles. Seu engajamento na política comunista é estabelecido em um ambiente onde as relações de poder, configuradas por meio de uma pessoa, são comuns e rotineiras, no interior da região nordeste do país.⁶⁴

⁶³ AUED, 2001, p.16.

⁶⁴ Idem. pp. 19-20.

Não muito longe dali, no estado de Pernambuco, próximo à pequena cidade de Timbaúba, nasceu Manoel Marques, no ano de 1919. Sapateiro de ofício, foi um dos líderes do *Movimento Terras de Ninguém*,⁶⁵ atraindo-se pelas ideias de sociedade defendidas pelo Partido Comunista, o historiador Antonio Torres Montenegro cita que o sapateiro se interessou por essas ideias desde muito cedo, ainda jovem, buscando defender e garantir os direitos dos trabalhadores.

Sua revolta é explicada por Montenegro: os trabalhadores das fábricas de sapatos não tinham acesso àquilo que produziam, pois os sapateiros de Timbaúba não queriam que os operários tivessem sapatos. Assim, o sapateiro Manoel Marques dedicou-se ao Partido Comunista nos anos de sua curta legalidade, ainda na década de 1940, encontrando nos discursos dos comunistas um lugar para a luta dos operários.⁶⁶

Suas atividades políticas são apresentadas por Montenegro como ações de resistências, ligadas ao movimento de ocupação de terras, principalmente por meio de reuniões com a população do bairro Casa Amarela, da cidade de Recife. Esses encontros, entretanto, eram

⁶⁵ Segundo Montenegro, “em 1976, quando a luta pela terra já alcançava um significativo nível de organização, esta foi batizada de ‘Movimento das Terras de Ninguém’. Os moradores apropriaram-se do termo ‘Terras de Ninguém’ após artigo publicado na revista *Veja*, em 1º/6/76, que assim intitulava a matéria sobre a luta dos moradores de Casa Amarela”. MONTENEGRO, Antonio Torres. *Batalhas em Casa Amarela: O repende da história*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 54. A menção “Casa Amarela” diz respeito a um bairro de trabalhadores da cidade de Recife.

⁶⁶ MONTENEGRO, Antonio Torres. Sapateiro de Timbaúba. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 63.

marcados pela repressão que percorria as casas que abriam as portas para o movimento, com a justificativa de manter dispersa a gente pobre, uma vez que apresentam perigo para o Estado e para as classes dominantes, quando se encontram para conversar e discutir.⁶⁷

1.2 *Paixões políticas, militância, política e ação.*

Os sapateiros militantes que apresentam a peculiaridade de ativistas, por vezes demonstrando um radicalismo político, são recorrentes em um processo histórico recente, longe de serem exceções, em um mundo do trabalho que apresenta muitos outros trabalhadores militantes. Porém, partir deste argumento é correr o risco de abraçar a homogeneidade e eliminar as diferenças e pluralidades das militâncias e formações políticas destes mesmos trabalhadores, que dedicaram sua vida, ou parte significativa de seu tempo, a ideais e disciplinas, apreendidos por partidos ou por modelos ideológicos (anarquismo, sindicalismo revolucionário, por exemplo), reelaborando conjuntos de ideias com suas experiências vividas, por uma causa libertária.

Pensando na pluralidade e diferença, em um caso de autodidatismo, que buscamos analisar como se constituiu, em conjunto ao ofício de sapateiro, militância política e ação coletiva, sugere-se que apresentar tal *tradição* no comportamento dos sapateiros com relação à política se faz necessário para compreender situações de conflitos políticos muito particulares, que surgem como um campo de possibilidades para a ação entre os trabalhadores, sejam elas na redução de

⁶⁷ MONTENEGRO, 1992. p. 64.

horas de trabalho, aumento salarial, melhores condições de execução do trabalho, leis que beneficiem suas vidas, reformas políticas e até mesmo a busca de uma sociedade mais igualitária, via revoluções ou processos que tenham vistas a estes objetivos, que podem ser claros, nebulosos e/ou obscuros.

Procurando elucidar o ambiente de conflitos e do debate político, partimos de que é fundamental conceituar o que são *paixões políticas, militância, política e ação*. Contudo, não procuramos conceitos estáticos e tampouco distanciá-los, como se fossem peças dispostas em uma parede de oficina, esperando selecioná-las, mas procurar a possibilidade de serem simultaneamente articulados e entendê-los como operacionais, que podem oferecer ferramentas analíticas em um processo de autoformação, isto é, moldando-se ao passo que o material empírico indique.

Uma vez que teoria e prática possuem lógicas diferentes, não as devemos confundir, pois, “se fazemos teoria para demonstrar como as coisas devem ser, não conseguimos mostrar como de fato são; se dizemos que as coisas devem ser como de fato são, eliminamos a possibilidade de que possam ser outra coisa que não o que são.”⁶⁸

Com esta breve noção em mente, entendemos por paixões políticas o esforço conceitual que Pierre Ansart procurou realizar em seu livro, decisivo para a inauguração dos estudos ligados aos sentimentos na política, intitulado *La gestion des passions politiques* (sem tradução no Brasil). Como nossa pesquisa se dá em torno de um partido político – Partido do Comunista do Brasil – entre fins dos anos 1930 e início

⁶⁸ NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

dos anos 1960, destacamos como pertinente a reflexão de Ansart a respeito do que denominou como *estrutura interna do partido*, e o mesmo como um *aparelho afetivo*.

À medida que são organizados nas democracias parlamentares, os partidos políticos ilustram a imanência dos sentimentos, das paixões na vida política. São aparelhos destinados teoricamente a reunir os apoios eleitorais, preparando as mudanças dos quadros superiores, bem como produtores de mensagens potencialmente mobilizadoras, com fortes cargas emocionais. Um consenso no interior do partido não é apenas atingido por uma unidade ao objetivo, mas por uma certa identidade das sensibilidades. Dada essa reflexão, o partido político é, no centro da estrutura sócio-afetiva, centro de produção de desconfiança e de ódios políticos.⁶⁹

O autor imediatamente exemplifica essa questão, analisando os partidos comunistas entre as décadas de 1920 e 1970, na Europa Ocidental. Esses partidos permaneceram como uma sociedade distinta, ou, uma *contra-sociedade*, excepcionalmente ativa e produtora de mensagens, de símbolos e de práticas coletivas.

Após a morte de Stalin, esses partidos mantiveram um culto à sua imagem, juntamente com um conjunto de admiração, respeito e simpatia da Revolução e do Regime soviético. Esta paixão, Ansart destaca que é um exemplo para uma análise das paixões políticas, principalmente porque os militantes a abandonaram e denunciaram como uma ilusão que eles mesmos defendiam.

⁶⁹ ANSART, Pierre. Le Parti, Appareil Affectif. In: ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983. p. 109.

O culto a Stalin, seus discursos, suas formas, suas condições de produção e suas consequências na vida política são um exemplo para uma sociologia ou uma história das paixões políticas.⁷⁰ Sobre esta questão, as paixões políticas insufladas pelos partidos e pela constante disputa interna e externa, entre partidos, consubstanciam a

Necessidade de produzir e difundir mensagens afetivamente consistentes à seus objetivos, para motivar seus membros e eleitores, mensagens agitadoras cujos objetos estão no social, concernindo a organização das relações sociais.⁷¹

Logo, essa estratégia do partido consiste em alcançar efeitos afetivos nos seus membros e eleitores, mobilizando-os para a causa a ser alcançada. Diante disso, para os militantes e os membros, o partido não é um objeto afetivamente indiferente. É um lugar onde as paixões políticas possuem um caráter decisivo, na medida em que as leis do partido não são compreendidas como princípios de ordem e de repressão.

Ser ligado ao partido implica sentir suas ordens como a boa lei, experimentar seus objetivos como desejáveis, julgar seus líderes como os melhores governantes, sendo obediente à vida política, de acordo com os sentimentos partidários.⁷² O partido político, além de um lugar que oferece segurança emocional, organiza uma unidade imaginária e simbólica. Pois, instaura uma lógica das identidades em que os membros participem com uma mesma vontade, com um mes-

⁷⁰ ANSART, 1983. p. 110.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

mo sistema de pensamento e experimentem uma proximidade uns com os outros, como *membros da mesma carne*.⁷³

Se o partido é um lugar social, com uma estrutura sócio-afetiva, em que militantes e demais membros possuem um fio condutor que os une intimamente, ele é também uma instituição com suas divisões, hierarquias e rivalidades próprias. Cada partido constitui uma estrutura complexa, existindo diferenças profundas entre o chefe e seus seguidores.⁷⁴

Pensar sob a figura do chefe do partido pode fornecer mecanismos acerca do comportamento do militante diante da representação máxima da organização partidária. Segundo Ansart, o papel do chefe é ligado a “uma intensa erotização, causando ao mesmo tempo, uma avidez e um apego intensos.”⁷⁵

Não basta para o chefe ter o prazer de exercer seu poder e de ser reconhecido pela competência de seu papel. O prazer de encarnar o ideal dos membros que os seguem é fundamental, sentir que é amado por ser o que é, chefe e representante de uma causa, representante de um grupo, o depósito da razão histórica. Ao mesmo tempo, é objeto da confiança dos militantes, incita os membros do partido a legitimá-lo como o líder ideal. Ansart esclarece que esse *dispositivo libidinal* o faz objeto de uma idealização legítima e que ela comunica ao próprio chefe do partido, o intenso gozo da expansão de si e da superioridade diante dos rivais.⁷⁶

⁷³ ANSART, 1983, p.116.

⁷⁴ Idem. p. 117

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem. p. 118

Dentro desta hierarquia, o intelectual e o jornalista do partido contribuem, precisamente, como apoios para a estrutura afetiva, reforçando a confiança dos membros e renovando o sistema de reverência ao chefe. Ansart argumenta que o intelectual do partido possui o papel de um cantor, num sentido de que é atribuído a ele um “prazer estético de se identificar com os sentimentos que atravessam o partido, dando sua melhor expressão.”⁷⁷

Por procurar expressar os sentimentos do partido, o intelectual domina as suas emoções e tende a dominar simbolicamente as emoções de seus ouvintes, isto é, dos outros membros. Dessa maneira, sua tarefa intelectual é combater os adversários e acabar com a apatia de seus companheiros partidários, através da palavra. Ou, como cita Ansart, pela *energia do verbo*.⁷⁸ Contudo, considerar que o intelectual expressa literalmente os sentimentos do partido é problemático, desse modo, ao condensar os sentimentos do partido e expressando-os, o intelectual exterioriza sentimentos do partido vinculados com seus próprios sentimentos e sua experiência, enquanto sujeito participador dos eventos políticos que está inserido.

Parece-nos que a proposta de Ansart ao elencar a estrutura interna do partido e o lugar do intelectual é válida até certo ponto, pois, situar o militante como uma ferramenta que apenas atravessa os ideais e os sentimentos de um partido, é deixar de lado a própria subjetividade desse sujeito e a maneira pela qual experimenta seu tempo, suas relações com os outros.

⁷⁷ ANSART, 1983, p.118.

⁷⁸ Idem. p. 119.

Adiante, destaca que essas atividades intelectuais fazem parte de um outro universo afetivo, diferente daquele em que os militantes atuam, realizando tarefas materiais dentro do partido, “em contraste aos especialistas do discurso e dos profissionais de fé, eles não são convocados para estes lugares de prestígio, mas para a obscuridade das tarefas cotidianas.”⁷⁹ Neste ponto, fica clara a dissociação entre intelectual e militante. Em uma tarefa de buscar a aproximação entre as duas funções, propomos operar com a chave *intelectual orgânico*.

Neste sentido, concordamos com Antonio Gramsci quando reflete que todo grupo social originário do mundo da produção econômica, “cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”,⁸⁰ ou seja, em cada campo específico, surgem intelectuais com suas próprias características, distintos entre um grupo e outro, que se organizam a partir de seus próprios termos, a partir de suas próprias experiências. Partindo desta reflexão, o intelectual orgânico se forma e é formado, em sua ligação com o partido político, onde este elabora seus próprios componentes,

Elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como “econômico”, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política.⁸¹

⁷⁹ ANSART, 1983, p. 119.

⁸⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo*. 2ª Ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 2. p. 15.

⁸¹ Idem. p. 24.

Mesmo o intelectual possuindo uma formação que se realiza no processo de sua autoformação, em conjunto com as atividades que exerce no partido político, optamos pelo argumento de Gramsci da não distinção entre intelectuais e não-intelectuais, “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*.” Assim, segundo o autor italiano, todos os homens desenvolvem atividades intelectuais, sendo “filósofos”, artistas, homens de gosto, participam de uma concepção do mundo, contribuem para manter ou para modificá-la, para provocar e suscitar novas maneiras de pensar, a partir de seus próprios graus de desenvolvimento.⁸²

E a partir desses graus, da experiência vivida, não podemos negar, concordando com Ansart, que a prática cotidiana do militante acaba deslocando o entusiasmo ideológico para o compromisso com as pessoas, apoiado pelas cumplicidades sentidas em grupo, seja pela frequência nas reuniões do partido, seja pelo conforto que os hábitos de um membro proporcionam, as ambições de promoção na organização do partido substituem o amor pelo político.

Há nesse ponto, uma formação de outra fidelidade e uma divisão nos sentimentos desses militantes. Ansart define essa questão como: uma fidelidade não mais aos ideais, mas ao aparelho do partido e, o esboço de uma separação mais ou menos profunda, entre as palavras apaixonadas dos militantes e a seriedade das tarefas cotidianas.⁸³

⁸² GRAMSCI, 2001, p.53.

⁸³ Idem. p. 119.

Logo, segundo o autor, é uma ilusão pensar que há uma harmonia dos sentimentos, entre a base do partido e a sua liderança. O membro torna-se um funcionário do partido e os grandes ideais tornaram-se indiferentes para ele. Ansart designa esse fator como um divórcio, pelo fato de que cada célula base e cada célula da liderança possuem suas particularidades.

Os membros da base tendem a não internalizar totalmente as mensagens vindas de cima, no sentido de manter aspectos que condizem a situação que se encontram à sua própria cultura.⁸⁴ Pensando nesses termos, o partido político, ao mesmo tempo em que realiza uma projeção no interior de seu corpo, mobilizando seus membros pelas paixões através do chefe, não é um corpo homogêneo, objetivo, possui seus conflitos entre membros e seus lugares de disputa interna.

Tratar da militância política ou do ser militante e suas orientações (anarquista, comunista, fascista etc.), implicam em um primeiro momento, uma reflexão acerca do que são, de maneira conceitual. Dessa forma, Monclar Valverde em seu trabalho intitulado *Militância e Poder: Elementos para uma genealogia da atitude militante* procura sugerir uma análise crítica dos elementos fundadores da militância. Argumentando,

Será conveniente entender a expressão “militância”, em muitos trechos do presente texto, segundo a acepção mais geral da atitude militante, com referência tanto a uma determinada postura diante da ação política, quanto a certas formas de conduta não necessariamente relacionadas ao que habitualmente se considera a “esfera do político”.⁸⁵

⁸⁴ GRAMSCI, 2001, p.120.

⁸⁵ VALVERDE, Monclar. *Militância e Poder*. Elementos para uma Genealogia da atitude militante. Salvador: EDUFBA, 1998. p. 11.

Em sua proposta, Valverde apresenta que seu propósito seria, de certa forma, estabelecer um lugar, um ponto de partida e uma perspectiva que se adequariam à caracterização do que ele chama de militante, de objetivação do *sujeito político*, a partir de determinadas e específicas relações de força, que incidiriam ou incidem sobre o comportamento pessoal. Diante desse aspecto, os parágrafos seguintes pretendem exteriorizar, uma primeira visualização do que é a militância, considerando-a como uma prática que circunda ações políticas, relacionada assim à noção de revolução.⁸⁶

Considerando a militância como uma topologia política da ação, onde há o pressuposto básico da continuidade que vincula militância, revolução e história, Valverde argumenta que, o discurso militante se coloca como uma afirmação da ação, da mudança e do progresso. Nesse sentido, no que designa de topologia histórico-social, estabelecida pelo discurso militante, a Revolução é o lugar da revolução, onde há o ponto em que a realidade supostamente desdobra suas tensões e a história da sociedade se organiza num outro registro, numa outra ordem, em uma outra narrativa de si.⁸⁷

Em outras palavras, a Revolução almeja atravessar o corpo social visando uma outra dimensão, onde a materialidade social e histórica iria se redefinir seguindo sua lógica, haveria a promessa, projeto e organização de uma nova configuração do social. Sendo assim, Valverde aponta que deve haver um lugar da Revolução na sociedade, em

⁸⁶ VALVERDE, 1998. p. 12.

⁸⁷ Idem. p. 17.

específico, um lugar imediato na história, para se legitimar enquanto tal. É na militância que deve caber esse papel e esse lugar.⁸⁸

Como operador da diferença e máquina da transubstanciação, a militância se caracteriza como, simultaneamente, possível de superar o passado e conceber o futuro para o presente. Continuando o diálogo com Valverde, a militância precisa surgir como lugar político do movimento histórico, se constituindo como posição presente, acionando um critério de verdade que se encontra no futuro.

Diante disso, o autor alerta que, para uma investigação histórica acerca da atitude militante e, consecutivamente, de um projeto revolucionário, a reflexão deve se acautelar diante do que é o pensamento dos agentes revolucionários. “Ela deve ter em vista uma conceptualização que desloque a reflexão para um terreno distinto daquele definido pelas referências revolucionárias [...]”.⁸⁹

Isto é, a análise deve perceber a elaboração destas atitudes e projetos como frutos de seus momentos históricos, observando-os de acordo com suas configurações e condições de onde foram forjados. No mesmo sentido, “uma investigação em torno da militância política deve procurar estabelecer as condições para que a análise possa ultrapassar o quadro conceitual e referencial estabelecido pelo discurso militante.”⁹⁰

⁸⁸ VALVERDE, 1998, p. 18.

⁸⁹ Idem, p. 19.

⁹⁰ Idem.

Percebendo esses termos, a militância é uma ação social organizada que visa o poder e quer ser a radicalização política da ação, Valverde a define como inteligência da raiz política de toda ação e condição de seu pleno florescimento.⁹¹ Se ela visa o poder, a militância gera obediência, dominação e consenso, pois, cria e expande poder, impondo a si mesma, características que a legitimam diante de seus adeptos.

Pierre Ansart em *Les Cliniciens des Passions Politiques*, numa reflexão sobre a paixão revolucionária em Karl Marx, aborda o seguinte problema: compreender de que maneira os sentimentos e as paixões, ligados à vida econômica, serão traduzidos ou transpostos para a vida política, ou, compreender como a classe operária pode ascender para a ação política e para a revolução. Ansart destaca, através de uma análise pormenorizada dos textos de Marx, que existe uma preocupação, de forma secundária, mas presente, da paixão revolucionária nesses escritos, podendo ser interpretados pela via das afetividades políticas, fazendo ver uma possibilidade de leitura que escapa das interpretações economicistas posteriores à Marx e do que ele produziu.

Pelo mencionado sofrimento diante da exploração, há um crescente interesse para a ação política, pois, o modo de produção capitalista gera estruturalmente uma classe sofredora, ao mesmo tempo, esta pode se tornar uma classe resistente à opressão e potencialmente revoltosa.⁹²

⁹¹ VALVERDE, 1998, p. 19.

⁹² ANSART, Pierre. Karl Marx: La passion Révolutionnaire. In: ANSART, Pierre. *Les Cliniciens des Passions Politiques*. Editions Du Seuil: 1997.

Esse raciocínio se aproxima dos estudos de Edward Thompson sobre a classe operária inglesa do século XVIII, ao propor que o povo não é apenas um dado estatístico, tampouco uma vítima da repressão política e da alienação industrial, mas, sim, um resultado ativo de sua própria formação, em uma constante resistência aos conflitos anteriores do período setecentista.⁹³ Ainda nesse mesmo sentido, Ansart reflete que, de acordo com sua problemática, duas preocupações vão guiar a análise que ele propõe,

Uma conduz para enfatizar a continuidade entre as afetividades políticas e as posições nos sistemas políticos, a outra, não ignora as especificidades passionais da luta política, que estão longe de ser estreitamente reduzíveis para as determinações econômicas.⁹⁴

Retornando a Valverde, para além de uma atitude, destaca a militância um conjunto que pode ser de ações racionais com respeito a fins, bem como um conjunto de ações racionais com respeito a valores, ou ainda, um conjunto de ações afetivas, de acordo com sua experiência cotidiana.⁹⁵ Desse modo, a militância política não seria uma ação desordenada, mas uma resposta ao seu contexto, influenciada por paixões e humilhações políticas.

Nesse ponto, parece haver uma tensão entre o que Valverde desenvolve e o que é formulado pelos estudos de Ansart, precisamente acerca das paixões políticas e da não dissociação entre razão e paixão

⁹³ THOMPSON, 1987.

⁹⁴ ANSART, 1997. pp. 155-156.

⁹⁵ VALVERDE, 1998, p. 20.

(nesse caso, compreendendo razão = ação racional e paixão = ação afetiva). Valverde define esse quadro conceitual argumentando que a militância seria realizada em um conjunto de ações racionais ou em um conjunto de ações afetivas. Discordamos dessa abordagem e nos aproximamos do que Ansart propõe, apresentando razão e paixão como instâncias que agem simultaneamente nos comportamentos políticos, rompendo a suposta separação entre razão e paixão, bem como o pressuposto de que a primeira predomina diante da segunda.

A partir destes termos, a militância política, se caracteriza como um conjunto de atitudes organizada tanto pela razão como pela paixão, ódio, revolta, ira, furor, amor. Contudo, buscar um quadro conceitual da militância política de acordo com seus agentes, pode ser uma análise que corre o risco de ficar em um campo superficial, horizontal, caindo nos riscos de não compreendê-la de forma verticalizada, em suas especificidades. Para isso, Valverde sinaliza uma compreensão da própria militância, situando os aspectos que são relativos a esse termo, referenciando às regras que a caracterizam como prática. Assim, o autor fala de uma

gramática da militância – isto é, um conjunto constituído pelo léxico das ações políticas militantes e pelas regras que as tornam possíveis – através de um procedimento hermenêutico que, instalando-se no campo próprio da genealogia, não desconheça o caráter de força que marca o sentido e as próprias interpretações.⁹⁶

Sobre este léxico e sobre o lugar da militância, Valverde sugere que a militância se enquadra no campo das ações, ou das práticas,

⁹⁶ VALVERDE, 1998, p. 20.

que percebem a Revolução como uma referência. É este o campo de atuação da militância política, pois, tanto a Revolução como a atitude militante são objetos novos, embora polissêmicas e múltiplas em suas práticas e compreensões, são campos historicamente recentes em suas noções e ocorrências.

Dentro disso e tendo como referência a Revolução, o campo em que a militância se constitui é um terreno de ações instituintes, que geram uma nova matriz do tempo, de instituições e de suas próprias atividades.⁹⁷ É com a Revolução Francesa que a militância vai herdar um certo *caráter originário*, tanto em seus procedimentos, como em seus discursos. Investe em uma originalidade de suas atividades, postula uma singularidade de seus mecanismos de luta e promete um novo estado das coisas, com suas utopias revolucionárias, fundando assim, um novo discurso moral. Atualiza a moral utilitária e forja, com seu pragmatismo revolucionário, uma tecnologia de valores que é capaz de constituir seu próprio *Decálogo*.⁹⁸

Da mesma forma que a Revolução submete, ou tenta submeter a historicidade a uma perspectiva cujo horizonte é fornecido pelo *político*, a militância busca reorganizar o campo das ações, politizando-o (em especial, a partir dos anos 60 do século XIX), o tornando público e o situando na esfera do Estado.

Opera-se, por um lado, em linhas gerais, uma redução política do social e, por outro, uma subjetivação que motiva a ação revolucionária com discursos e ações de caráter originário e um rebatimento

⁹⁷ VALVERDE, 1998, p. 21.

⁹⁸ Idem, p. 22.

moral da política. É assim que Valverde define o campo da militância, visando uma reflexão como um quadro conceitual, do lugar da militância política.⁹⁹

Um terceiro aspecto se caracteriza como o corpo dessa militância (o partido), para o autor, a ação militante é um mecanismo criador e restaurador, organizador da sociedade e da história, atua como uma máquina de produção de sentidos, uma vez que opera sobre as ações, submetendo então, a regras que as constituam, ou as façam constituir como processos de caráter incisivamente político, sendo ao mesmo tempo, instrumento, percurso e horizonte do investimento revolucionário.¹⁰⁰ Isto constitui a identidade dos próprios agentes, que não são apenas corpos utilizáveis do *movimento histórico*, mas elos necessários do devir. Logo,

do ponto de vista subjetivo, a militância é um ato voluntário, mas que remete a uma vontade capaz de operacionalizar a “inteligência da necessidade” que caracterizaria a liberdade que está em seu horizonte. A adesão pessoal ao seu projeto deve, portanto, dar-se por referência a este fundo de necessidade histórica, reconduzindo os constrangimentos atuais da ação ao campo remoto das determinações estruturais da “dinâmica social”. Neste sentido, ela é subjetiva, mas deve ser impessoal.¹⁰¹

O comportamento do militante é controlado no sentido de que sua revolta deve ser lúcida, isenta de angústia e desespero, deve ser

⁹⁹ VALVERDE, 1998, p. 22.

¹⁰⁰ Idem. p. 23.

¹⁰¹ Idem.

capaz de viver no isolamento sem jamais conhecer a solidão. Deve ser capaz, também, de “opor à opressiva opacidade das estruturas sociais que fundam a exploração e a dominação à cintilante transparência de seu projeto, de suas convicções e de suas atitudes,”¹⁰² o militante é um *corpo de atos*. Ao lado disso, a ação militante procura circunscrever, delimitar, a própria região onde a dinâmica da sociedade se fundamenta, num sentido de querer se apresentar como o movimento da sociedade, assim, aciona todo um aparato, no que o autor chama de *apologia do devir*.

Sua constituição é afirmada e reiterada pela crença do surgimento de uma nova política, desdobrando-se no culto à prática, tendo como pano de fundo, ou melhor, a meta a atingir, o mito da iminência da Revolução.¹⁰³

Entretanto, o que significa, de maneira conceitual, ação e política? Se o militante age, como é o espaço de sua atuação? De que forma se realiza? Pensando nesta questão, debruçamos-nos nas reflexões de Hannah Arendt a respeito dos dois termos. Para Arendt, a política se faz em um espaço entre os homens, estabelecendo-se como relação, isto é, a política existe e trata da convivência entre diferentes, com base na pluralidade dos mesmos.

Organizam-se politicamente para coisas que compreendem que estejam em comum entre si, coisas definidas como essenciais, no que a autora denomina como “essenciais num caos absoluto, ou a partir do

¹⁰² VALVERDE, 1998, p. 23.

¹⁰³ Idem, p. 24.

caos absoluto das diferenças”.¹⁰⁴ Se os homens se organizam em torno deste caos absoluto das diferenças, segundo Wolfgang Heuer, podemos partir da metáfora empregada pela autora para a compreensão do agir – da ação – entendida como o *palco*.

Este abre a dimensão do espaço e os indivíduos presentes tornam-se atores, logo, o palco é o espaço do aparecimento, lugar onde as relações se constroem e, isto só é possível com a prática do agir e do pensar, sem isso, o cenário se esfacela, juntamente com as perspectivas diversas que o espaço potencialmente traz.¹⁰⁵

A política é uma necessidade para a vida humana, afirma Arendt, tanto para a vida do indivíduo como da sociedade, o homem depende de outros em sua existência e a política possui a tarefa e o objetivo de garantir a vida, em um sentido amplo.¹⁰⁶ A este respeito Celso Lafer comenta que, se a política é um produto da ação entre os homens, qual o significado da ação? Esta exige a vida pública, para que haja a possível coincidência entre a palavra viva e a palavra vivida, através da criatividade. É um constante movimentar-se, a criatividade da ação política se faz assegurada pelo “exercício contínuo da liberdade pública, que faz avançar e viver as instituições.”¹⁰⁷

¹⁰⁴ ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 23.

¹⁰⁵ HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”: Intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Mari-on. (orgs.) *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009. pp. 170-171.

¹⁰⁶ ARENDT, 1998, pp. 45-46.

¹⁰⁷ LAFER, Celso. Da dignidade da política: Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 22.

Se compreendida desta maneira, a ação política via a linguagem da militância, nos oferece uma chave de análise deveras interessante e potencialmente esclarecedora, pois, segundo Arendt, “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original.”¹⁰⁸ E se essa inserção no palco da política se dá pela intersubjetividade, a partir de palavras e atos, “o pensamento político baseia-se, em essência, na capacidade de formação de opinião”.¹⁰⁹

E é isso que nos interessa, a capacidade ou as potencialidades de formação de opinião que a militância política, ligada ao Partido Comunista do Brasil, a partir das ressonâncias das atividades de militantes comunistas que aparecem, ora via documentos da repressão e vigilância da polícia política (Delegacia de Ordem Política e Social/DOPS), ora via escritos, livros e revistas de um militante específico, que por ventura não é uma exceção, mas que se faz presente em sua particularidade. Deste modo, “o fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo.”¹¹⁰

¹⁰⁸ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11ª Ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 221.

¹⁰⁹ ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 30.

¹¹⁰ ARENDT, 2010, p. 223.

E tomando este ponto como algo singularmente novo, destacamos a possibilidade de partir dos sentimentos de Antônio Rocha para entender, dada as possibilidades e indícios que surgem nas fontes, como os sentimentos podem ter contribuído para a sua passagem para a militância política e como esses sentimentos estão presentes na maneira como organiza e compreende o seu mundo.

[...] É doloroso você ver, né, um pai não poder levar comida pro filho, ver uma criança descalça na rua, comendo comida de lixo, lá perto da sapataria, pra não morrer de fome.

[...] O sofrimento é um processo em desenvolvimento e evolução, né... Por exemplo, quando eu era guri, eu me lembro, né... A gente comprava seis pães por um tostão, dava seis pães, cem gramas, dava cem gramas o pão, cem gramas. Comprava-se três, seis, o pão dormia pra outro dia e comprava seis por um tostão. Quer dizer, quem não podia comprar o pão do mesmo dia, comprava do outro dia e comia pão. Naquele tempo, comprava-se carne, marisco, tudo isso aí era barato, o povo corria pro marisco, corria pra carne seca, corria pro salsicho, hoje não tem mais isso.¹¹¹

Vemos que o sofrimento, tal como designado por Rocha, é um elemento estruturante de sua visão a respeito de si mesmo, um sentimento que o faz refletir consigo, em seu interior, um signo comovente e mobilizador de sua atuação entre os seus pares, pois fará com que busque conhecimentos para criticar a realidade que vive, buscando alternativas para a realidade que experimenta. Como citado anteriormente, Ansart argumenta que o sofrimento que se coloca diante da exploração pode tornar crescente o interesse para a ação política, de maneira que o modo de produção capitalista produz, de forma estrutural, uma classe sofredora, e simultaneamente,

¹¹¹ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 13 e p. 08.

dependendo das condições materiais em que se encontra, esta pode se tornar uma classe resistente à opressão e potencialmente revoltosa.

Como não pensar a partir disso, quando entramos em contato com a seguinte argumentação de Antônio Rocha? Mais adiante, expõe um conjunto de argumentos muito interessantes, para refletir o sistema capitalista. Em seus próprios termos de compreensão, elabora o seu entendimento, começando pela pergunta,

quando foi que eles [classe dominante] tiveram sentimento humano? A gente ouviu dizer assim, num dia desses um rapaz tava falando, eu tava escutando e ele tava falando, em um outro dia, que nós estamos vivendo em um capitalismo selvagem hoje. Fiquei pensando, mas, quando foi que o capitalismo foi civilizado? Ele nunca foi civilizado, porque sempre foi capital, exploração do homem por outro homem, pela propriedade.¹¹²

Neste capítulo, realizamos uma reflexão a respeito da tipologia que a profissão de sapateiro desenvolveu e que ficou marcada como profundamente política, ou seja, um ofício ligado aos assuntos políticos de suas pequenas ou grandes cidades, ao largo de um processo histórico entre fins do século XVIII e início do século XX. Isto fundamenta nossa pesquisa no sentido de fornecer traços significativos que conectam o sapateiro Antônio Rocha aos velhos sapateiros ingleses da Europa pré-industrial, embora este não seja um dos objetivos deste empreendimento. Por um lado, percorremos pelas reflexões a respeito dos sentimentos na política, a qual tem por referência os estudos de Pierre Ansart, por outro lado, as propostas de Hannah Arendt

¹¹² Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 13 e p. 08.

para problematizar a ação política é importante para pensarmos o que é política nas relações intersubjetivas.

No próximo capítulo, analisaremos o contexto em que se formou a militância comunista no seu próprio processo de formação. Quando possível, Antônio Rocha aparecerá, de acordo com a sua experiência nos acontecimentos, como agente histórico, forjado em seu próprio tempo.

CAPÍTULO 2

“ACAUTELEM-SE OS PODERES CONSTITUÍDOS”: COMUNISTAS EM UMA CIDADE PORTUÁRIA

2.1 *O comunismo ameaça Paranaguá: O circuito de atuação dos comunistas*

É Neste capítulo, nosso objetivo se concentra em apresentar as incidências de comunistas na cidade de Paranaguá, a fim de destacar que é neste ambiente que o sapateiro Antônio Araújo Rocha insere-se, igualmente, identifica-se ser o circuito onde os companheiros de militância do sapateiro estão presentes. Observaremos debates entre alguns militantes, evidenciando críticas, acusações e conflitos internos, bem como a movimentação de comunistas junto aos estivadores, uma vez que muitos destes estivadores são identificados pela Polícia Política como membros do PCB. Diante disso, apresentaremos brevemente alguns pontos das trajetórias dos militantes Estanislau Cardoso e Felipe Chede, em relação a Antônio Rocha, concentrando-se em observar como a militância comunista em Paranaguá formava-se de maneira heterogênea e conflituosa.

Unido à movimentação dos trabalhadores de Paranaguá, destacamos a especificidade de Antônio Araújo Rocha nessa conjuntura, apontando que sua militância, em particular, se caracteriza por não ser um estivador em uma cidade predominantemente repleta

destes trabalhadores, participava das mobilizações políticas, mas, não era sindicalizado. Podemos verificar isso a partir do seu depoimento, quando é perguntado sobre como era a sua atuação política e se era sindicalizado,

Eu não participei de sindicato porque não sou sindicalizado, mas participava muito dessas [greves], paralelamente. Assim, né... Participava dessas lutas, executando as tarefas na rua, fazendo essas coisas, propaganda na rua, né. Então, quer dizer que eu não falo em nome de sindicato, porque eu não sou sindicalizado. Participo das lutas, tenho o direito. [frase incompreensível], essa é a minha contribuição, de uma pessoa que participou das lutas.¹¹³

Dessa forma, partimos de um relatório da DOPS, a respeito da infiltração de comunistas em Paranaguá, em especial no porto.

“Acabo de regressar do litoral, onde entrei em contacto directo com os comunistas de Paranaguá e Antonina, assim como com os ferroviários, desde a estação de Banhado até a primeira daquelas.”¹¹⁴ 25 de novembro de 1946, o agente da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) identificando-se como Louis Antoine, informa seu superior a respeito do que observou na região do litoral do Estado do Paraná, descrevendo sua infiltração entre os trabalhadores, com o objetivo de colher o máximo de informações que apontem indícios da influência das ideias comunistas e, da organização dos operários para a greve em curso. O relatório descreve com maiores detalhes, a situação na cidade de Paranaguá e apresenta alguns apontamentos acerca de Antonina:

¹¹³ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 06.

¹¹⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 5.

O MOVIMENTO GREVISTA:

O movimento irrompeu na “Estiva Terrestre”, de acordo com a “Estiva Marítima” e com os ferroviários de Paranaguá, assim como com os estivadores de Antonina. O motivo da greve: aumento de salários, para Cr.\$ 30, 00 e extraordinários em dobro, ou seja à razão de Cr.\$ 8, 00 por hora de trabalho, além das 8 horas. Segundo declaração que ouvi de vários dos grevistas, foi dada uma trégua de 10 dias, que terminará no dia 2 de dezembro. Si dentro desse prazo não forem atendidos nas suas pretensões, irromperá o movimento, nóvamente, com apoio dos estivadores marítimos de Paranaguá e dos seus colegas de Antonina. Tais declarações ouvi de Nortenio de Tal, presidente do Sindicato de Trabalhadores Terrestres, de Armazens, de Trapiches e Café, e de José Bezerra de Vasconcellos, presidente do Sindicato dos Estivadores de Paranaguá.¹¹⁵

Em 23 de novembro, o delegado Palmyro de Oliveira, responsável pela Delegacia Regional de Polícia, em carta encaminhada ao Interventor Federal do Estado, Major Fernando Flores, relata que no dia 28 de outubro, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores, chamado Nortenio Nascimento, enviou uma carta ao diretor do Departamento do Cais do Porto – Antonio Artigas – pedindo o aumento dos salários, “em virtude da grande carestia da vida que atravessamos no momento”. A resposta de Artigas foi negativa, destacando que “nada tinha que vêr com o Sindicato, e sim, com a Associação dos Trabalhadores Portuários, Associação éssa que, segundo consta, não existe”.

¹¹⁵ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 5. Durante a leitura da fonte, nota-se que a escrita diferencia-se do português atual. Decidi manter a escrita original, por motivos estéticos, apresentando como a pessoa escreveu seu texto.

No dia 5 de novembro, Nortenio Nascimento responde Artigas, convidando-o para debater o assunto em uma reunião, o que é também negado pelo referido diretor. Alguns dias depois, em 10 de novembro, Nortenio “oficiou ao Dr. Artigas, dizendo que no dia 22 do mês atual, os trabalhadores dariam a resposta do seu último ofício, o que fiséram ontem, com o seu não comparecimento ao trabalho à noite.”¹¹⁶

Observando o primeiro trecho do relatório do agente Antoine a respeito do *Movimento Grevista*, é possível perceber que há indícios da articulação entre os trabalhadores do litoral, principalmente se for considerado o contato que a linha férrea faz entre as cidades de Paranaguá e Antonina, bem como as relações marítimas, uma vez que as duas regiões são áreas portuárias, onde o fluxo de pessoas é constante, possibilitando a circulação de informações. Um terreno fértil para a organização operária.

Antoine afirma que as declarações dos trabalhadores foram apresentadas por Nortenio Nascimento e José Bezerra de Vasconcellos, o primeiro, como já mencionado, é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Terrestres, dos Armazéns, dos Trapiches e do Café; o segundo, presidente do Sindicato dos Estivadores de Paranaguá.

A única informação a respeito de José Bezerra de Vasconcellos, para além do relatório, aponta que é filiado ao Comitê Estadual do Partido Comunista do Brasil, em Paranaguá, a partir do mês de outubro de 1945.¹¹⁷ Sobre Nortenio Nascimento, em uma carta

¹¹⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 8.

¹¹⁷ DEAP/DOPS. Ficha individual de José Bezerra de Vasconcellos. Nº 45, p. 292.

provavelmente destinada ao delegado da DOPS em Curitiba, datada de 31 de março de 1948, uma pessoa identificada como “Jorge” escreve que ele é um “elemento fomentador de queixas, e descontentamentos. Foi candidato a vereador pelo P. C.” e expõe suas impressões acerca de alguns comunistas na cidade e de sua intenção de ficar próximo deles, agindo sob cautela, pois,

[...] Atualmente os elementos andam muito precatados. Eu ainda não frequentei nenhuma reunião, mais assim que o fizer, te mandarei contar o assunto ventilado na mesma. Eu tenho procurado chegar muito de manso, porque eles sempre suspeitam de gente que vai de Curitiba para Paranaguá ou Antonina, para passar temporadas.

Tem um navio do Loide, que as vezes traz jornais e correspondência do Rio para o pessoal daqui. Vou procurar saber e informarei, o que se trata.

Eu não tenho demonstrado muito interesse assim de chegada, porque o pessoal é muito espérto, e não quero nem de leve que suspeitem, que estou do outro lado.

Tenho estado em contato com elementos, mas muitos deles, (não sei se é verdade ou não), mostram-se desinteressados das atividades comunistas; outros conservam a mesma animação pelo crêdo, mas estão mais desconfiados.

Vou procurar saber certo o navio que traz propaganda, bem como o elemento que aquí a recebe e para onde a manda.

[...] Espero que isto sirva para inicio de meu trabalho, e fazer jus a promessa que fizestes; [...] Tudo pelo nosso querido Brasil, com um abraço do, Jorge.¹¹⁸

¹¹⁸ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 105.

A partir de 1945, o Partido Comunista do Brasil entra para a legalidade, e que será logo retirada em 1947. No entanto, este curto período proporciona um aumento considerável em seu contingente, levando-nos a pensar que membros do PCB faziam-se presentes em diferentes áreas do trabalho na cidade de Paranaguá.¹¹⁹ Neste sentido, Louis Antoine inicia seus apontamentos destacando a presença de comunistas na cidade, enfatizando a região portuária e central:

MOVIMENTO COMUNISTA:

Em Paranaguá, todo aquele que não fôr da Policia e se disser simpático ao crêdo vermelho, terá a impressão de que está numa cidade genuinamente comunista. O primeiro elemento com quem entrei em contacto, ali, foi Oswaldo Silva, funcionário da Alfândega, com exercicio na Comissão do Porto. Disse-me ele que não é fichado no P. C., porque funcionário da Comissão, encarregado de receber e transmitir mensagens e propaganda, si fosse elemento fichado, fatalmente, seria prejudicado. Apresentou-me êle, em seguida, Sebastião Moreira, destacado prócer vermelho e João Sovalski, ambos da célula de Paranaguá. O proprietário da Pensão Central, situado numa esquina, defronte ao Restaurante Cruzeiro, assim como o proprietario do Bar Pinguim, são comunistas. Em ambos os estabelecimentos se reuñem grupos comunistas, conspirando. Rodadas de cerveja ou de cachaça servem de disfarce para as reuniões.

NO PORTO:

Depois de examinada a situação no “Centro”, passei-me para o Porto, acompanhado de Oswaldo. Fui visitar, Machadinho, maquinista da Estrada, vêlho e conhecido comunista, atualmente licenciado da Rêde, estabelecido no

¹¹⁹ Sobre o período de legalidade do Partido Comunista do Brasil e de seu contingente nesse momento, no Estado do Paraná e na cidade de Paranaguá, iremos discutir mais adiante.

Porto, com um botequim. Não o encontrei. Permaneci, então, no botequim do “seu” Antonio, vizinho de Machadinho e seu compadre, também comunista. Ali é que falei com os grevistas e com estivadores marítimos. Nessa casa entram e saiam, a cada instante, marítimos dos vapores “Caxambú” e “Farrapo”, todos eles comunistas, aos quais o “seu” Antonio e Oswaldo me apresentavam como “camarada”. Sempre que indagavam da missão que me levava ali, respondia: “Ando colhendo dados para um folheto de propaganda que vou escrever sobre o desenvolvimento do comunismo no Paraná.” Horas depois falei com Machadinho. A sua casa é um verdadeiro “arsenal” comunista, de material de propaganda. Machadinho é, de instante em instante, procurado por ferroviários comunistas. Repetiu-me ele as mesmas coisas que me foram ditas pelo presidente dos Sindicatos, sobre a greve, adiantando-me que não tardará a greve na Estrada, mesmo que seja uma pequena greve. “Estamos, assim, nos preparando para a greve geral e talvez para a revolução”, disse ele.

Na casa de Machadinho vi dois cartazes. No primeiro dizia assim: “Vende-se jornais do Partido Comunista Brasileiro. Operário lê os teus jornais”. No outro: “Já não devemos dar apoio a Moisés Lupion e ao P. T. B., porque ambos deram as mãos ao P. R. P., Partido Integralista”. Ouvi, aliás, de todos os comunistas dali, e de vários estivadores de Antonina, que haviam chegado pelo trem de domingo, a mesma opinião. De Machadinho e de Oswaldo Silva ouvi ainda o seguinte: “Eles não querem que nossas fileiras engossem, mas eles mesmos estão nos auxiliando. O Delegado Palmiro é um bandido! Tem dado de palmatória e metido a borraça nos operários, que, logo em seguida entram no nosso partido. O pessoal de Limpeza Pública está vindo todo para nós. Ganham pouco, tem os vencimentos atrasados e retiram vales que um funcionário da Prefeitura desconta com 40 %...”.

PROVA DE ORGANIZAÇÃO:

Do Porto, já às 8 horas da noite voltei sózinho, de ônibus. Fui jantar no Bar Pinguim, na Rua 15. Mal tomara assento em uma mesa oculta, apareceu um senhor de boa aparência que, encostado ao balcão pediu um copo de vinho. A seguir tomou lugar na minha mesa, sem pedir licença. Apresentou-se como comunista, dizendo-se tio de Flavio Ribeiro, chamar-se Oscar Saldanha e ser enfermeiro militar, reformado. Está passando algum tempo em Paranaguá, foi o que disse. Da palestra que mantive com êle, e, posteriormente, com Oswaldo Silva, conclui que Oscar foi ali como emissário de Flavio e desempenha o papel de orientador daquela gente. “O Patitucci é o chefe porque é delegado do Centro, mas nós gente de mais valor que orienta os nossos homens”, disse-me Oswaldo. Dos 600 associados do Sindicato dos Marítimos e dos 300 da Estiva Terrestre, mais de 600 são filiados ao comunismo.

EM ANTONINA:

Segundo palestra que mantive com Tainhóta presidente do Sindicato da Estiva, pessoa que me fora indicada como a mais credenciada (como) para falar, soube que a célula dali conta com uns 300 filiados, além de mais uma centena de simpatizantes. Também não darão apoio á Lupion e aos do P. T. B., e são solidários com os grevistas de Paranaguá.¹²⁰

O agente Antoine oferece informações que, compreendidas como parte de um processo que se desenvolve no início da década de 1920 (com a fundação do PCB em 1922), apresentam-se passíveis de entendê-las no sentido da formação da militância política e da adesão dos trabalhadores ao debate político, com vistas a garantir condições de vida favoráveis à sobrevivência e, em medidas diversas, observar a

¹²⁰ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. pp. 5-6.

inserção da cultura política comunista como signo mobilizador às lutas cotidianas.

Entretanto, é preciso considerar que, diante do relatório apresentado, sabemos de sua parcialidade e escrita tendenciosa, uma vez que o agente é funcionário da Polícia Política, cuja tarefa é combater aquilo que pode ser potencialmente ameaçador para a segurança nacional. Em contrapartida, a riqueza de detalhes que o relatório oferece possibilita compreender sua leitura a respeito da movimentação dos trabalhadores, identificando-os na identidade de comunistas, o que permite perscrutar ecos de um passado de militância e de resistência à repressão do Estado.

A insatisfação dos trabalhadores em relação aos seus salários se traduz em ameaça de continuar com a greve, caso suas reivindicações não sejam atendidas. A partir deste ponto, sinais da violência policial surgem quando é dito que o delegado Palmyro é responsável pela repressão, tendo “metido a borracha nos operários”. E essa mesma violência é apontada como uma ligação dos operários com o PCB e do aumento dos seus membros, podendo ser um elo chave para a resistência, a junção da insatisfação salarial com certo ressentimento e ódio, em relação à violência da polícia, materializada na figura do delegado, aquele “bandido!”

Do porto ao centro de Paranaguá, o agente Louis Antoine entra em contato com vários militantes, justificando que sua presença, na região, é estritamente informativa, “colhendo dados para um folheto de propaganda que vou escrever sobre o desenvolvimento do comunismo no Paraná”, certamente colheu dados de muito interesse para a Polícia Política, observando a circulação de militantes comunistas pela cidade e, entrando em contato com alguns membros do partido que desempenhavam, possivelmente, funções de divulgação da imprensa

comunista, como é destacado o papel da pessoa identificada como Machadinho,¹²¹ que é “de instante em instante, procurado por ferroviários comunistas”, possuindo em sua casa um “verdadeiro ‘arsenal’ comunista, de material de propaganda”.

Chegando ao Bar Pinguim, localizado no centro da cidade, com endereço à Rua XV de novembro, Antoine se aproxima de dois nomes importantes da estrutura interna do partido – o primeiro em nível estadual e o segundo em nível municipal –, via Oscar Saldanha, homem que segundo ele, “diz-se tio de Flavio Ribeiro” e que está na cidade como emissário do mesmo para desempenhar a função de orientador “daquela gente”, e que o Patitucci “é o Chefe porque é delegado do Centro, mas nós gente de mais valor que orienta nossos homens”.

O ano é de 1946, é provável considerar que a presença de Oscar Saldanha na cidade se deva ao *IV Congresso do Partido Comunista do Brasil*, o qual irá mobilizar os militantes para o debate em torno da Assembleia Nacional Constituinte, e terá como uma das pontas de lança o pedido de revogação da Carta de 1937, bem como a escolha de candidatos para as eleições daquele ano.

De acordo com o estudo de Márcio Mauri Kieller Gonçalves, Flavio Ribeiro fez parte dos dirigentes do Partido Comunista no Paraná, foi secretário de divulgação e propaganda entre 1945/47 e diretor do *Jornal do Povo* até 1949, atuando fundamentalmente na organização do partido na região norte do Paraná.¹²² Segundo um relatório da

¹²¹ A respeito de Machadinho, não encontrei informações sobre sua atuação no partido, nem sobre o seu nome.

¹²² GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Elite Vermelha: Um perfil socioeconômico dos dirigentes estaduais do Partido Comunista Brasileiro no Paraná – 1945 – 1964*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2004.

DOPS, presente em seu dossiê, o qual oferece um histórico de sua trajetória no partido, Flavio Ribeiro fixou-se na cidade de Londrina, realizou “atividades marcantes na instalação do Partido Comunista no Paraná e em todos os seus setores” e ao fim do Estado Novo, com a intenção do partido em entrar na legalidade, “exonerou-se das funções na imprensa e começou a participar de Comitês Democráticos Populares, com a finalidade de preparar o povo em favor da legalidade do partido comunista”.

Nos trechos finais do seu breve histórico, o relatório aponta que “esse elemento que sempre viveu em precária situação econômica, depois que começou a se integrar no movimento partidário, teve sempre desafogo financeiro”, de maneira hipotética, o relatório sugere que a remuneração de Flavio Ribeiro se dava pelo partido e que “trata-se de uma pessoa inteligente e capaz, profundo conhecedor da filosofia marxista e dos métodos mais eficientes de propagação”.¹²³ A ação política de Flavio Ribeiro se faz presente desde abril de 1936, com sinais de suspeitas de “exercer atividades comunistas” naquele momento, até 1979, quando é anistiado.¹²⁴

Angelo Maria Pattitucci, alfaiate, a partir do breve histórico de militância que a DOPS levantou acerca de sua atuação na cidade de Paranaguá, em março de 1940 é descrito como “comunista fervoroso”. Pattitucci aparece como Secretário de Organização e Finanças do Comitê Municipal do PCB, na data de 19 de setembro de 1945. Ainda no mesmo ano, os dados informam que reuniões do partido foram realizadas dentro

¹²³ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 1216. Topografia: 341. pp. 77-78.

¹²⁴ DEAP/DOPS. Ficha Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 34.480.

de sua casa, e que a estruturação de uma das células comunistas da cidade, chamada *Leocádia Prestes*, “que sobre a orientação do fichado, foi mais um passo andado no caminho da Organização Política de que está o mesmo empenhado”, essas foram as palavras de seus companheiros, na referida reunião”. Também “conhecido como chefe dos elementos comunistas, conforme informação do agente reservado de Paranaguá” em 31 de março de 1948.¹²⁵

Desempenhou outros cargos no interior do partido, um desses cargos foi o de Secretário Político, aparecendo suas atividades através de cartas assinadas sob esta função, na data de 16 de março de 1946, cartas essas endereçadas a Walfrido S. de Oliveira, Secretário Político do Comitê Municipal de Curitiba, tratando de assuntos relacionados ao Comitê de Paranaguá. Alguns meses depois, em 14 de julho, “consta o nome do fichado em um abaixo assinado, junto a Assembleia Constituinte, em sinal de protesto sobre a vinda dos fascistas do exército polonês do General inglês Andrews”.¹²⁶

Há indícios de suas atividades como comunista que remontam à década de 1930, seu nome está presente juntamente com outros, em relatório datado de 27 de maio de 1936, levantado por inspetores que se identificam como “8” e “10” da Delegacia Auxiliar. Neste relatório, Pattituci aparece como membro da *Aliança Nacional Libertadora*, ao lado de outras pessoas que também fazem parte da mesma organização.¹²⁷

¹²⁵ DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30.754.

¹²⁶ DEAP/DOPS. Idem.

¹²⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 0257. Topografia. p. 15.

Contudo, o curioso das atividades de Pattituci é que “em julho de 1937, com o nome de Angelo Pacheco foi nomeado agente reservado desta D.O.P.S., prestando então interessantes informações de seus antigos companheiros. Até 1939 serviu a esta Delegacia”. Mais adiante, no ano de 1945, nos deparamos com outra informação controversa em relação à Angelo Pattituci, onde seu trânsito de um extremo ao outro, ou seja, da Aliança Nacional Libertadora à agente reservado da Polícia Política, é observável quando sua ficha aponta que “assinou uma moção de apoio à União Democrática Nacional, tendo em 27 de julho do mesmo ano publicado na ‘Gazeta do Povo’ uma declaração na qual se desligava daquele partido ‘por se achar perfeitamente integrado à linha política do Partido Comunista do Brasil, ao qual sempre pertenceu.”¹²⁸

Márcio Mauri Kieller Gonçalves cita Angelo Pattituci como o dirigente do partido em Paranaguá nos anos quarenta, também apontando esta característica de agente infiltrado da repressão do governo Vargas.¹²⁹ A respeito da incidência de comunistas, durante os anos trinta, na cidade, e da relação de Pattituci com o partido, discutiremos mais adiante. Por ora, vamos nos ater aos anos quarenta.

Retornando ao Bar Pinguim, podemos imaginar algum tipo de música ecoando, talvez um rádio, sintonizado na estação local, seria Noel Rosa? Jararaca e Ratinho, Bando de Tangarás? Não se sabe. O ambiente um pouco escuro, pessoas trocando palavras ao redor, é novembro, o verão se aproxima e as temperaturas costumam elevar-se

¹²⁸ DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30.754.

¹²⁹ GONÇALVES, 2004, p.87.

nesta época. Nada que uma janela e portas abertas não soprem uma agradável brisa para os clientes.

Entre copos de vinho e conversas, a observação do agente Antoine oferece aqui uma interessante reflexão. Sua “conclusão” a respeito de Oscar Saldanha, o apresentando como emissário, levar-nos a Flavio Ribeiro e sua militância junto ao partido, sugerindo as trocas de informações entre Comitês Municipais. Uma vez que Ribeiro está localizado em Londrina, manter contato com Paranaguá torna-se importante, já que é diretor do *Jornal do Povo* neste momento.

Porém, Saldanha parece subestimar os comunistas de Paranaguá, afirmando que ele e Ribeiro são “gente de mais valor” e que está ali para “orientar nossos homens”, provavelmente, pode ser que haja algum tipo de conflito e disputas de influências entre membros, quando o agente Antoine destaca a fala de Saldanha a respeito de Pattituci, argumentando que ele é o “chefe” na cidade, pelo motivo de ser “delegado do centro”, isto é, da célula do centro, e que são os dirigentes que possuem os mecanismos de orientação mais adequados para os militantes e demais membros,¹³⁰ estaria sugerindo que Pattituci não é capaz de organizar o seu pessoal?

Diante da circulação do agente Antoine entre os operários, verificando a presença de comunistas na cidade e sua movimentação na greve para melhores salários, como ele mesmo afirma que mais de 600 são filiados ao partido, unidos aos operários de Antonina que somam aproximadamente 300 filiados, “além de mais de uma centena de

¹³⁰ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 6.

simpatizantes”,¹³¹ o delegado Palmyro de Oliveira comenta no fim da citada carta ao Major Fernando Flores, Interventor Federal do Estado, a partir da conversa que manteve com Nortenio Nascimento que, se até o dia primeiro de dezembro o aumento salarial não fosse concedido aos operários, “os sindicalizados, possivelmente, ficarão em casa e não irão trabalhar”.¹³²

Dias depois, em 28 de novembro, o secretário da Administração do Porto de Paranaguá, Ruy F. Itiberê da Cunha, também encaminha uma carta para o Major Fernando Flores, dissertando acerca da greve em movimento e, precisamente, sobre a reivindicação do aumento dos salários que os operários objetivam. Nesta carta, Ruy Cunha propõe “expor as circunstâncias que envolvem o assunto e apresentar os estudos, que sôbre a matéria, foram levados a efeito”.¹³³ Assim, explica que,

[...] de há muito, vem sendo realizado o serviço de capatazias no Pôrto de Paranaguá, por trabalhadores especializados. Parte, que constitue aproximadamente 50% dos trabalhadores, é sindicalizada. O pessoal sindicalizado, a-fim-de tratar de suas reveendicações, deliberou, em reunião de 7/10/46, pedir um aumento de salários, cujo aumento, incide na tabela de taxas de remuneração á mão de obra dos serviços de capatazias.

¹³¹ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 6.

¹³² Idem, p. 9.

¹³³ Idem, p. 10.

Tais serviços, são retribuídos pelas taxas constantes da tarifa, portuária, posta em execução, a 10 de maio do corrente ano, após ter sido aprovada pelo Ministério da Viação e Obras Públicas.

Dessa forma, o departamento do Pôrto de Paranaguá, organizou um mapa comparativo (anexo n. 1) entre as tabelas de taxas pedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores e taxas arrecadadas para cobrir os serviços correspondentes, fazendo figurar no mesmo comparativo, os prejuízos ou lucro de cada taxa, desde que venha a ser paga a tabela proposta pela entidade de classe.

Acresce que o referido pessoal, em outras ocasiões, há encaminhado pedidos idênticos ao atual, e, esse Departamento tem atendido, sempre que a taxa de capatazias comporte a despesa que o aumento origina.

Assim, em fevereiro último, o Pôrto, satisfazendo o que pediu o pessoal sindicalizado que trabalha na manipulação de cargas, concedeu um aumento, tanto no salário mínimo que antes dera de Cr.\$20,00 ordinário e Cr.\$26,00 extraordinário, para Cr.\$25,00 e Cr.\$32,50, respectivamente, enquanto que, nas taxas de remuneração a mão de obra de tais serviços, os aumentos atingiram em média 40%.

Ora, o aumento acima aludido, concedido ao referido pessoal, constitue o fruto de sério entendimento havido em assembleia geral, na Sede do Sindicato dos Trabalhadores, a 7 de fevereiro do corrente ano, entre trabalhadores, Capitão dos Portos – representando a Delegacia Trabalho e Diretor do Pôrto de Paranaguá – como empregador.

Como a tendência dos trabalhadores era prosseguir com a greve iniciada a 28 de janeiro próximo passado, propôs, o snr. Capitão dos Portos, a constituição de uma Associação Profissional de Trabalhadores Portuários, baseada nos arts. ns. 512, 558 e 561 do Capítulo I, Título V, da Consolidação das Leis Trabalhistas, proposta esta aceita por unanimidade.

A mesma assembleia geral, elegeu dentre os trabalhadores, a Diretoria que devia dirigir os destinos da móvel entidade, tendo

o snr. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores, presente à assembleia, gentilmente cedido a sala às reuniões à associação então organizada.

De 7 de fevereiro até 15 de outubro do corrente ano, manteve a Diretoria do Pôrto estreita ligação com a associação organizada para atender seus serviços; todas as reivindicações dos trabalhadores, eram apresentadas pela Diretoria eleita, ao Diretor do Pôrto, que a-fim-de dar vigor à Associação, imprescindível para os trabalhadores portuários, concedeu, a título de gratificação mensal, Cr.\$100,00, a cada membro da Diretoria em exercício.

Isto feito, autorizou, o Exm^o. Snr. Ministro da Viação e Obras Públicas, pela Portaria n^o. 687, a cobrança de 30% sôbre as antigas taxas da tarifa portuária, para fazer face aos aumentos de salários, convencionados em assembleia geral acima aludida [...].¹³⁴

O documento continua, apresentando as condições do porto de Paranaguá em relação aos portos de Antonina, São Francisco e Itajaí. Em linhas gerais, Ruy Cunha discorre que esses três portos não se estabeleceram, de igual maneira, tal como o “vultoso capital que exigiu a construção do Porto de Paranaguá” e que, não possuindo esse investimento, facilitam “serviços pelo menor preço que o de Paranaguá; êste regido por leis federais, com tarifas, fiscalização etc., aqueles sem formalidades algumas, realizando o próprio comércio”, dispõem do não compromisso de ressarcir o investimento que é empregado na construção do porto, por não estarem submetidos a fiscalizações rigorosas.

¹³⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. N^o: 584A. Topografia: 65. pp. 10-12. O anexo número 1 que é citado pelo secretário Ruy Cunha não foi localizado para esta pesquisa.

“Nos portos de instalações rudimentares, os armadores, proprietários de pontes e despachantes, constituem uma só pessoa, elemento que simplifica grandemente as operações”. Já nos portos organizados, “o porto é a primeira pessoa, o armador a segunda e o dono da mercadoria a terceira; as duas últimas visando lucros”. A questão, levantada pelo secretário Ruy Cunha, se caracteriza pelo problema dos portos não organizados subsistirem com taxas menores, “os clientes gosam de taxas menores [...] e algumas vezes preferência na movimentação de suas mercadorias”,¹³⁵ o que tem ocasionado a diminuição dos serviços do porto de Paranaguá.

Infelizmente, as informações que poderiam levar se o sindicato dos trabalhadores, articulado em parte pelos comunistas sindicalizados, conseguiu ou não seus objetivos de aumento de salários, não são possíveis de observar, dada a insuficiência das fontes em fornecer tal empreendimento com precisão, apenas constatamos propostas de negociações, uma vez que as autoridades portuárias não estão interessadas em negociar com o sindicato e sim com a organização proposta pelas próprias autoridades, qual seja a Associação dos Trabalhadores Portuários. Não esqueçamos a carta, já mencionada, do Delegado Palmyro de Oliveira, do dia 23 de novembro, onde consta que a mencionada Associação “não existe”, porém, vemos que ela surge se organizando, descrita pelo secretário Ruy Cunha no dia 28 de novembro.

Todavia, o que não deixa de ser interessante é a capacidade de organização que os operários de Paranaguá desenvolvem nesse período, mesmo não podendo observar a conquista ou o fracasso do aumento dos salários, o sindicato dos trabalhadores pode ter saído

¹³⁵ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 13.

fortalecido desses embates, em relação aos dirigentes do porto, que afirmam não estarem dispostos a negociarem com o sindicato. Se pensarmos na sincronia com o contexto mais amplo, isto é, aliado a outras situações, é possível se aproximar do comportamento operário, analisando outro documento, datado três anos após a greve de 1946.

Em carta encaminhada para a DOPS, com data de 1º de agosto de 1949, o Delegado Palmyro de Oliveira relata que os operários da Estiva Marítima aderiram à greve “em solidariedade com as Estivas de todos os Portos Nacionais, em sinal de protesto á Portaria N° 267 de 25 de julho do corrente ano, expedida pelo Ministério da Aviação, a qual reduziu em 50% na taxa de estiva e desestiva” das cargas que possuem o destino de exportação. O Delegado conclui, comunicando em seu documento que “os elementos componentes da Estiva Marítima grevista dêste Porto, em sua maioria são pertencentes ao ex-Partido Comunista Brasileiro, mas entre tanto adianto á V. S., que tal movimento grevista, parece não ser de cunho comunista”.¹³⁶

Nesse momento, o sapateiro Antônio Rocha expõe a sua percepção desse movimento organizado pelos trabalhadores, “[...] a gente deu apoio, né. Na greve da Estiva, o sindicato mais forte era o sindicato da Estiva. Aí a data não to me lembrando bem, 1949, né... A greve do carvão, né... Uma greve muito grande, e essa Estiva era forte [...]”.¹³⁷

¹³⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. N°: 584A. Topografia: 65. p. 2.

¹³⁷ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 06.

Os elementos dos quais o Delegado Palmyro de Oliveira comenta serem membros do PCB que, naquele momento encontrasse na clandestinidade desde 1947, são, na maioria, estivadores. De acordo com um levantamento encaminhado por Oliveira ao Delegado da DOPS do Paraná, em 7 de maio de 1948, segue “uma Relação nominal dos componentes do extinto Partido Comunista Brasileiro, desta cidade, com discriminação das profissões dos mesmos”.¹³⁸

O tipo de profissão, ofício ou ocupação dos trabalhadores é heterogêneo, mesmo a maioria possuindo relações com o porto. Podemos verificar a presença do alfaiate Angelo Maria Pattituci, do sapateiro Antônio Araújo Rocha e outros membros do partido.¹³⁹ Como sugerimos anteriormente, membros do PCB faziam-se presentes em diferentes setores na cidade de Paranaguá, principalmente após a entrada do partido na legalidade.

Aparecem comerciantes, padeiros, confeiteiros, barbeiros, estudantes, operários, motoristas, um operador cinematográfico e seu ajudante, vigias, ferroviários, pintores, lavradores, domésticas, bancários, garçons, mecânicos, um carpinteiro naval, carroceiros, eletricitas, pescadores, pedreiros, um encanador, marceneiros, funcionários públicos, conferentes do porto e um prático.¹⁴⁰ Ao todo, o levantamento do

¹³⁸ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 106.

¹³⁹ Dedicaremos, mais adiante, uma apresentação de outros membros do partido que, oscilam na documentação entre os anos 1930 aos anos 1950, aparecendo, vez ou outra, com maiores detalhes.

¹⁴⁰ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. pp. 107-112.

delegado soma 346 pessoas identificadas como comunistas naquela ocasião.

Faremos um breve intervalo, cuja necessidade justifica-se em inserir o contexto da cidade de Paranaguá em camadas um pouco mais amplas, para além de sua atmosfera. Sendo assim, podemos verificar a incidência de comunistas no litoral paranaense no estudo realizado por Valéria Villa Verde¹⁴¹ sobre as atividades sindicais dos trabalhadores de Paranaguá, com o recorte temporal entre a década de 1950 ao golpe militar de 1964, onde busca reconstruir certa memória operária/sindical, por meio de entrevistas com trabalhadores que vivenciaram o período, definindo como parâmetro analítico, os testemunhos das lideranças da unidade sindical, denominada *Fórum Sindical de Debates do Litoral Paranaense*.

Seus objetivos permeiam captar o movimento sindical no contexto das lutas político-sindicais do momento e o que julga em termos essenciais, recuperar uma memória operária de lutas, em nível local. Assim, a autora pretende compreender os processos político-culturais do país, optando teoricamente, para a atenção em momentos específicos e locais que, por sua vez, podem ser capazes de oferecer elementos que contribuam para uma compreensão da história social do país.¹⁴²

A contribuição da autora é, sem dúvida, um importante estudo para o entendimento da história das lutas políticas dos trabalhadores no Estado do Paraná, dedicando-se a analisar o espaço de Paranaguá como

¹⁴¹ VERDE, Valéria Villa. *Fórum Sindical em Paranaguá: Tecendo um princípio*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1988.

¹⁴² Idem. p. 4.

campo de lutas. Entretanto, deixa de lado um passado em que a mobilização dos trabalhadores estava sendo gestada pela militância política. Villa Verde deixa escapar as relações dos trabalhadores com a Aliança Nacional Libertadora durante a década de trinta, bem como com o PCB, uma vez que se atém de maneira única aos acontecimentos da década de cinquenta.

Apesar desta lacuna, Villa Verde afirma que se dedica que o movimento sindical de Paranaguá está nos fins dos anos quarenta e a partir dos anos cinquenta, integrado ao chamado sindicalismo político, caracterizado pela crescente articulação dos trabalhadores na organização autônoma e nas discussões das questões nacionais. Essa autonomia sindical alimenta o temor dos setores conservadores da sociedade brasileira, pois ela demonstra suas capacidades de atuação em confrontos com os seus interesses contra os da burguesia industrial.¹⁴³

A autora afirma que, a economia paranaense está voltada em uma estrutura predominantemente agrária, com pequenas empresas dos setores tradicionais da economia daquele contexto. O porto de Paranaguá é o agente do escoamento dessa economia, em transações relacionadas ao café e outras importações.

Em 1953, o governador Bento Munhoz da Rocha apresenta suas preocupações, comentando que seria necessária uma modernização na administração do porto, pelo crescente desenvolvimento comercial que estava passando. A autora destaca que os trabalhadores portuários de Paranaguá desenvolvem uma atuação sindical eficiente, em conquistas dos direitos trabalhistas, bem como reivindicações políticas-econômicas,

¹⁴³ VERDE, 1988, p. 34.

experimentando um processo de construção e fortalecimento das organizações sindicais.¹⁴⁴

Villa Verde também identifica a atividade de comunistas entre os estivadores, “a estiva, em Paranaguá, é a categoria, nesse momento, mais próxima dos comunistas e sua liderança está vinculada ao Partido”, sendo uma entidade que já estava em funcionamento, antes daquelas que se organizariam durante os anos cinquenta.

A partir do depoimento de um comunista, de nome João Teixeira, estivador, que participava de comícios do partido como orador, próximo do Sindicato dos Trabalhadores Terrestres, sendo no ano de 1946, como apresenta a sua ficha na DOPS, “elemento novo no Partido, ao qual é muito dedicado e onde tem atuado de maneira; a demonstrar sua perfeita compreensão da linha do Partido. Sua atuação também tem se destacado nas tarefas de avivamento para o Partido, principalmente no seio de sua classe”,¹⁴⁵ a autora destaca que os estivadores de Paranaguá estabeleciam trocas de experiências - via João Teixeira em seu contato com os portuários da cidade de Santos - solidarizando-se com trabalhadores que se dispunham em se organizar nos sindicatos.¹⁴⁶

Ainda que longe de nosso recorte temporal, mas pensando ser necessário para ter uma dimensão das ressonâncias da atuação dos militantes comunistas e da produção de um imaginário anticomunista,

¹⁴⁴ VERDE, 1988. p. 37.

¹⁴⁵ DEAP/DOPS. Ficha individual de João Teixeira. Nº 44.005.

¹⁴⁶ VERDE, Valéria Villa. Op. cit. p. 39.

elencamos um trecho de um relatório da DOPS, a respeito dos sindicatos em Paranaguá, no ano de 1966.

INFLUÊNCIA DO P. C. NA CLASSE DOS TRABALHADORES:

Inegavelmente, dentro do Estado do Paraná, é nesta cidade, que se concentra o maior número de comunistas e simpatizantes. Este fato é devido a circunstância de que a cidade sendo portuária concentra os trabalhadores marítimos, ao mesmo tempo a quase totalidade dos marítimos são analfabetos. Devido essa ignorância não há propriamente comunistas convictos, mas sim, simples simpatizantes. Verificamos, também que não funciona as “escolas” das células comunistas. O “foco” de comunistas convictos é o Fórum Sindical de Debates do Litoral, sediado nessa cidade. Esta entidade que diz congrega 18 sindicatos de trabalhadores de Paranaguá e Antonina. Os elementos de proa do Fórum são funcionários do Banco do Brasil.

FORUM SINDICAL DE DEBATES DO LITORAL:

Entidade esta que congrega diversos sindicatos pertencentes não só a Paranaguá, mas também de Antonina. O atual presidente é o bancário Vitor Horácio de Souza Costa, que trabalha no Banco do Brasil de Paranaguá. Este presidente além desse cargo ocupa o de Presidente do Sindicato dos Bancários de Paranaguá.

O Fórum Sindical, também possuem uma delegacia em Antonina. Foram nestes últimos meses que se evidenciou, pois até poucos meses era uma entidade desconhecida.

Todos os elementos pertencentes a este Fórum são comunistas e simpatizantes. O Fórum não recebe subvenção de nenhuma espécie de entidades estranhas a classe e de nenhuma potência estrangeira, pois os recursos são coletados dos sindicatos que congregam nesse Fórum.

Dos Sindicatos congregados ao Fórum Sindical somente 3 são dirigidos por elementos comunistas, que são os seguintes:

Sindicato dos Bancários de Paranaguá, Sindicato dos Carregadores e Ensacadores de Café de Paranaguá, Sindicatos dos Arrumadores de Paranaguá.¹⁴⁷

O contato de João Teixeira com os portuários de Santos foi fundamental para a formação do Fórum Sindical de Debates do Litoral, pois, dada as condições, é provável que essas trocas de experiências influenciariam a fundação da entidade, inspirada na existente em Santos e em suas experiências sindicais.¹⁴⁸ Segundo Villa Verde, com a organização dos estivadores pelos sindicatos, iniciar-se-iam conflitos entre os próprios trabalhadores. Estes acusaram a gerência da estiva como exploradora de seus trabalhos, realizando uma administração corrupta do Sindicato.

Imaginemos que estamos na estação ferroviária, no centro de Paranaguá, compramos nosso bilhete de passagem com destino ao interior do Paraná. Lá, as relações entre comunistas e sindicatos também estiveram presente, por vezes sendo conflituosas. Segundo Osvaldo Heller da Silva, após a ocupação de Porecatú se iniciou uma disputa em volta da posse das terras que possibilitaria mais adiante provocar a implantação do PCB no campo, surgindo as primeiras representações coletivas do campesinato, conhecidas como *ligas camponesas*.

Com a supressão do conflito pela força repressiva da polícia, os comunistas que restaram desse episódio se tornariam o mecanismo para o desenvolvimento que se deu posteriormente a isso, as Uniãos Gerais dos Trabalhadores. O autor as entende como “organismos

¹⁴⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. pp. 263-264.

¹⁴⁸ SARTI, Ingrid. *Porto Vermelho*: Os estivadores santistas no sindicato e na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

embrionários de representação, com vocação sindical, enquadrando indistintamente grupos sociais rurais e urbanos”.¹⁴⁹

Nesse sentido, o autor afirma que sob a iniciativa dos militantes comunistas os sindicatos no meio rural espalharam-se, entrando em tensões com interesses das oligarquias rurais e da Igreja Católica. Com o apoio dessas oligarquias, a Igreja Católica aderiu ao espaço de disputa pela sindicalização das populações rurais, organizando a Frente Agrária Paranaense. Com o golpe militar de 1964, os comunistas do PCB seriam expurgados da região. A partir dessa data, os sindicalistas formados pelas Congregações Marianas iriam ocupar o vazio deixado pelos comunistas, dirigindo a estrutura sindical que se criou pela iniciativa dos primeiros.¹⁵⁰

Contudo, a evasão dos militantes seria apenas aparente, a repressão não teria desmantelado de uma vez por todas o partido, pois os comunistas retomaram os trabalhos entre as camadas sociais mais baixas, procurando adesões através da circulação de panfletos, jornais e reuniões nas fazendas. Sem delongas, o retorno das manifestações rurais acionou os ódios políticos, mais uma vez, vindo das elites políticas, imprensa, da Igreja Católica e da polícia.

Segundo Angelo Priori, a intervenção do PCB na região e na organização do movimento armado de Porecatú tornou-se passível de se realizar em decorrência às mudanças na orientação política do partido. Nos manifestos de janeiro de 1948 e agosto de 1950

¹⁴⁹ SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz: Comunistas e Católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná*. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006. p. 19.

¹⁵⁰ Idem. p. 20.

argumentou-se a necessidade imediata pela utilização da *violência revolucionária*, com vistas à tomada do poder pelos trabalhadores, propondo a organização de uma Frente Democrática de Libertação Nacional a caminho da *revolução agrária e anti-imperialista*, em defesa da entrega das terras dos grandes latifundiários para os camponeses que ali estavam sobrevivendo. Para que isso se concretizasse, o partido necessitava que os camponeses elaborassem sua organização – pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, meeiros, parceiros – junto aos trabalhadores rurais, que eram assalariados.

A atuação dos comunistas na região, segundo Priori, teve uma dupla repercussão. Desse desdobramento, o autor se dedica a explorá-lo, de modo que os camponeses entraram em conflito porque mantinham interesses que divergiam do partido. O projeto revolucionário não se caracterizava como uma urgência para os posseiros, mas lhe era mais cara a organização para resistir contra a violência praticada pelos latifundiários e jagunços e a luta pela posse da terra, de maneira legalizada. Isso gestaria tensões entre militância local e os dirigentes partidários. Assim, Priori defende que “foram lutas e conflitos de classe como esses que proporcionaram a emergência política dos camponeses enquanto sujeitos sociais e políticos”.¹⁵¹

Do trabalho na terra pelos camponeses e de suas lutas, junto aos comunistas, na região norte do Estado, imaginemos que estamos à espera do próximo trem para verificar outro fragmento da história política do Paraná, qual seja, a militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), entre 1934 e 1945, na pesquisa de

¹⁵¹ PRIORI, Angelo. *A revolta camponesa em Porecatú: A luta pela defesa da terra camponesa e a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo (1942-1952)*. Tese (Doutorado em História). Assis: UNESP, 2000. p. 17.

Claudia Monteiro. Seu objetivo é compreender a relação entre trabalho e atuação política na ferrovia, analisando experiências de ferroviários e os motivos que os levaram a agir de forma coletiva, mobilizando greves.¹⁵²

Monteiro esclarece que, através de sua pesquisa e da documentação que utilizou, é possível entender ambientes de agitações e de militância política que ainda são pouco conhecidos, como greves, organização de grupos em sindicatos, ligas e associações que foram, em grande medida, clandestinas. Igualmente, sendo observáveis outros tipos de manifestações de trabalhadores, militantes de esquerda ou direita, em comícios, na distribuição de panfletos e campanhas políticas.¹⁵³

Dos ferroviários comunistas, iremos de encontro às elites do partido, estudadas por Márcio Mauri Kieller Gonçalves. O autor busca entender o perfil sócio-econômico dos dirigentes comunistas, analisando a lógica de organização do partido, entre 1945 e 1964, que formaram cinco direções estaduais, com o objetivo de observar quem decidia na estrutura interna do partido e suas características pessoais, bem como as trajetórias políticas dessas pessoas. Por fim, busca analisar seu veículo de informação, que, segundo o autor foi o principal instrumento unificador do partido, intitulado *Jornal do Povo*, posteriormente modificado para *Tribuna do Povo*.¹⁵⁴

¹⁵² MONTEIRO, Claudia. *“Fora dos Trilhos”*: As experiências da militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (1934 – 1945). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 8.

¹⁵³ Idem, p. 14.

¹⁵⁴ GONÇALVES, 2004, pp. 2-4.

Trata-se de importante contribuição para os estudos dos partidos políticos no Paraná, pois enfoca o funcionamento de um partido, via seus dirigentes; porém, ao fazê-lo, mesmo sabendo que as experiências dos militantes estão ligadas, de alguma maneira, com os dirigentes, ficamos com a sensação de que não haveria conflitos internos no partido, de modo que o autor afirma uma unificação em potencial, através do jornal Tribuna do Povo.

Uma vez apresentadas, nesse primeiro momento, as atuações comunistas no Paraná, partindo de Paranaguá, necessitamos apontar alguns aspectos a respeito da história do Partido Comunista do Brasil, pois, sem esse arcabouço, pensamos não ser possível entender como se deu a militância comunista na cidade de Paranaguá.

Segundo Leôncio Rodrigues, o PCB não se formou a partir de dissidências à esquerda da social-democracia, pois no período de sua fundação, não havia no país uma tradição marxista e os partidos socialistas não tinham expressividade visível.¹⁵⁵

É com o impacto da Revolução Russa, logo após a Primeira Guerra, que se formam diferentes grupos comunistas no Brasil, reunindo em seu bojo, militantes sindicais e intelectuais que estavam entrando em processo de dissidência e rompimento com o anarquismo. Em 1921, mês de novembro, no Rio de Janeiro, foi formado o Grupo Comunista com o objetivo de formar um partido comunista, partindo das 21 condições de adesão à III Internacional Comunista.

¹⁵⁵ RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: Os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. (Dir.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930 – 1964)*. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. Tomo III. 3º vol. p. 363.

O partido seria fundado no próximo ano, em março de 1922. Recém-formado, o partido teria poucos meses de ação, sendo logo caçado, retornando em 1927 na legalidade, por mais um curto período entre janeiro e agosto. Após a isso, o partido só iria conhecer novamente um contexto fora da clandestinidade com a abertura democrática de 1945. Até lá, sua trajetória será marcada por repressão, disputas e problemas internos.¹⁵⁶

A partir dos anos trinta, o partido adotará a orientação política de proletarização da estrutura partidária, afastando os intelectuais de origem burguesa de suas fileiras, em favor da promoção de militantes vindos das periferias, de origem operária. Isso significou uma radicalização da política do partido, abraçando a organização as possibilidades de práticas insurrecionais para a sua agenda.¹⁵⁷ Contudo, essa política de radicalização e valorização do obreirismo teria curta duração, após a vitória do Partido Nazista na Alemanha, os partidos comunistas repensaram as suas restrições com os socialistas. A nova orientação foi definida em julho de 1935, no VII Congresso da Internacional.

A criação da Aliança Nacional Libertadora, em março de 1935 foi em favor das liberdades democráticas, da luta contra o fascismo e imperialismo, bem como pelo processo de nacionalização das empresas estrangeiras e da luta objetivando a divisão de terras. Sua existência iniciou como um órgão legal, entretanto, foi logo fechada em julho daquele ano, pelo governo. O motivo para seu fechamento foi justificado pelo manifesto de Prestes, em nome da Aliança, que

¹⁵⁶ RODRIGUES, 1983. p. 365.

¹⁵⁷ Idem, p. 369.

defendia a consolidação de um governo nacional, popular e revolucionário, através de um levante popular.¹⁵⁸

Na década de trinta, há um aparato estatal repressivo que entra em funcionamento, para controlar e expurgar todo tipo de material que pudesse colocar a ordem social e política a mercê das esquerdas. Essa radicalização política do governo Vargas editou uma legislação, direcionada para o combate aos “extremismos”, isto é, o combate à esquerda, fundamentalmente, os militantes comunistas. Entre os dispositivos do que ficou conhecido como “Lei Monstro”, se encontra um artigo autorizando o Estado a apreender todo tipo de publicações consideradas ofensivas e potencialmente perigosas para a ordem, em grande medida, livros, jornais, revistas e panfletos.

Logo após os acontecimentos de novembro de 1935, ou seja, da Intentona Comunista, levante armado contra o governo, a legislação voltada para a “caça às bruxas” se intensificou. O levante deu origem à primeira grande onda anticomunista no Brasil, mobilizando setores da sociedade civil (imprensa, igreja, empresários) e o Estado.

É nesse clima que Vargas consegue apoio para vigorar o *Estado de Guerra*, um dispositivo legal, que suspende garantias constitucionais, dando para o governo um poder extraordinário. Segundo Rodrigo Motta, a campanha anticomunista após os eventos de trinta e cinco, deu sustentação para o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, justificando a necessidade de fortalecer a repressão ao comunismo.¹⁵⁹

¹⁵⁸ RODRIGUES, 1983, p. 372.

¹⁵⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 141.

Essa onda repressiva se infiltrou pela sociedade, em certa medida, pelo material impresso. Maria Tucci Carneiro destaca que os impressos considerados subversivos e seus mentores (comunistas, anarquistas, socialistas, antifascistas) eram, ao mesmo tempo, contra atacados pelos impressos que circulavam livremente, como é o caso dos periódicos nazistas, fascistas e integralistas, tendências à maior tolerância e negociação pelas elites.¹⁶⁰

Nesse contexto, entre as décadas de quarenta e cinquenta, marcadas respectivamente pela entrada do PCB na legalidade em 1945 e, logo em seguida, em 1947 na ilegalidade, na esfera nacional e, pela crise do comunismo, na esfera internacional, a autora coloca que a Polícia Política submeteu as ideias inimigas da nação dentro de uma hierarquia, situando-as “diariamente a um processo seletivo com o objetivo de ‘higienizar’ a sociedade” dos males sediciosos.¹⁶¹

O comunismo foi “materializado”, segundo Maria Carneiro, com base nos impressos apreendidos, demonstrando a ação *redentora e purificadora* praticada pelas autoridades oficiais, muito a favor do clima que pairou com a Guerra Fria, contudo, no período em que esteve legalizado, o PCB chegou a ter aproximadamente duzentos mil inscritos por todo o Brasil.¹⁶²

¹⁶⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 161.

¹⁶¹ Idem. p. 171.

¹⁶² Idem. p. 172.

Nesse período, os comunistas detinham apenas de seus próprios meios de comunicação, sendo estes os que sobreviveram com a extinção do Partido, é aí que entra a função do impresso, o jornal, na construção do trabalho de organização, informação e disseminação da linha política do PCB.

Fernando Teixeira da Silva e Marco Aurélio Santana destacam que, de um ponto de vista específico, o PCB interage com a história de um partido e, simultaneamente, a história da sociedade em que está inserido. Isso porque, logo no pós-guerra, o partido se insere no cenário político nacional e no movimento sindical de forma que ainda não havia feito. Esse destaque se dá na década de 1950, tendo seu ápice no início de 1960.

Entre o período de 1945 a 1964, quando o PCB teve uma forte inserção na organização dos trabalhadores, os autores exteriorizam que a história do comunismo e do movimento operário são distintas, mas possuem uma forte ligação que não se pode deixar de lado, isto é, estão vinculadas pelas reivindicações que os partidos comunistas fazem em relação ao mundo operário.¹⁶³

Para comprovar suas afirmações, evidenciam o papel do partido na organização de operários, como a participação de trabalhadores eleitos para o Congresso, e suas ofensivas nos sindicatos para se inserir na estrutura sindical, buscando fortalecer seus laços com os trabalhadores e sua posição no sistema político. Os autores destacam, por

¹⁶³ SILVA, Fernando Teixeira da; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (orgs). *A formação das tradições: 1889 – 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. As esquerdas no Brasil. Vol. 2. p. 104.

um lado, o papel do partido na organização de seu corpo de militantes e suas divergências, mostrando que o mesmo partido não possuía homogeneidade.

Muitos trabalhadores não se interessavam em discutir o marxismo, as ideias de Lenin, ou estar de acordo com o estatuto do partido, mas, aderiram pelo anseio de libertação; porém, como discutiremos mais adiante, o sapateiro Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá, demonstrou um grande interesse nas ideias marxistas, elaborando apropriações e estabelecendo uma divisão na sua vida; uma anterior à entrada ao Partido Comunista e uma posterior à adesão, que lhe conferiu uma outra narrativa, oferecendo-lhe organização para compreender a sua própria vida, mesmo assim, produziu críticas à organização do Partido, em fins dos anos quarenta e mais adiante, nos anos sessenta. Assim, Silva e Santana articulam divergências na estrutura do partido, observando que militantes e direção do partido não estavam alinhados, ambos possuíam interesses distintos.

Desse modo, mesmo com tais divergências, a atuação do PCB foi suficiente para aumentar o descontentamento entre as elites. Como uma pedra no sapato dos burgueses, os autores argumentam que, no Congresso, os deputados oriundos dos partidos conservadores ficavam pouco à vontade em aceitar um partido comunista dividindo o mesmo espaço, por estarem com membros da classe trabalhadora.¹⁶⁴

No Paraná houve uma grande massa de comunistas, particularmente em Paranaguá e Antonina, cidades portuárias, em contato constante com estrangeiros que traziam notícias da União Soviética, e

¹⁶⁴ SILVA;SANTANA, 2007, p. 107.

mais, o Partido incentivou o surgimento de organizações sindicais e agrárias no momento pós-1945, tais como o Fórum de debates, fundado em Paranaguá e que apresentava muitos comunistas na sua organização.

Dentro da esfera dos impressos, a militância comunista no Paraná se fundamentou, em sua maioria, em jornais como *Tribuna do Povo*, *Novos Rumos*, *A Classe Operária*, *Tribuna Operária*, *Hoje*, *Imprensa Popular*, *O Cruzeiro* etc. Em específico, o jornal *Tribuna do Povo*: segundo Hermógenes Lazier, diretor do jornal a partir de 1950, as edições da *Tribuna* eram aguardadas ansiosamente pelos militantes do Partido em outros municípios, pois se encontravam ali as orientações gerais da política da Direção Estadual do Partido, além de notícias sobre o movimento comunista internacional e nacional,

Eu me lembro lá em Paranaguá esse jornal era esperado! [...] havia uma equipe que saía de casa em casa, na estiva, no porto dizendo: “Olha a *Tribuna do Povo*, olha a *Tribuna do Povo*!” [...] uma coisa de doido, em Paranaguá principalmente.¹⁶⁵

Entre 1935 e 1964, com base na documentação analisada, localizamos pouco mais de 700 comunistas em Paranaguá (com uma população de 24.915 no ano de 1950)¹⁶⁶ muitos deles atravessando todo este período delimitado, levando-nos a considerar regularidades em suas atividades políticas ou estarem sob o estigma de serem comunistas, na

¹⁶⁵ KIELLER, Márcio; OLIVEIRA, Márcio de. A “*Tribuna do Povo*” e os comunistas paranaenses. In: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. (Orgs.). *Ensaios de Sociologia e História Intelectual do Paraná*. Curitiba: Editora UFPR, 2009. p. 96.

¹⁶⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Comitê popular contra a ditadura. Nº 289. Topografia: 32. p. 32. Informação levanta pelo Departamento Estadual de Estatística – Paraná, em 1950.

lógica da vigilância das Polícias Políticas – acusados ou suspeitos – num ambiente muito articulado pelo anticomunismo.

2.2 “Isto é o cúmulo do desaforo!”: Quem são os companheiros de Antônio Araújo Rocha?

“Como brasileiro amante da liberdade e defensor do regime do liberalismo em que temos vivido, cumpre-me levar ao vosso conhecimento, uma ocorrência grave que presenciei no dia 1º do corrente, nesta cidade. Um comício comunista [...]”.¹⁶⁷ Assim tem início uma denúncia encaminhada ao Secretário de Segurança Pública do Estado do Paraná, em 3 de agosto de 1954. A carta continua, informando detalhes, como por exemplo: Quem eram as pessoas participantes e o conteúdo do que foi pronunciado.

O autor da denúncia sugere medidas a serem tomadas pelas autoridades responsáveis pela segurança do Estado, demonstrando preocupação e incômodo diante do que presenciou na Praça Fernando Amaro, localizada ao centro da cidade, um lugar de ampla circulação e de encontro da população de Paranaguá. No centro da praça há um coreto, possivelmente a fala dos comunistas foi estabelecida daquele ponto. Nas palavras do anônimo, o comício foi

[...] levado a efeito pelos candidatos da chamada Liga de Emancipação Nacional. O candidato Felipe Chede, repisou o chavão norte americano e propugnou medidas socialisadoras, mas em um terreno um pouco mais elevado. Os demais oradores, foram ao extremo da tolerância. Estanislau

¹⁶⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 60.

Cardoso, Ubirajara e outros, fizeram profissão de fé comunista, sem reboços. O primeiro desancou o Presidente da República, os ministros de Estado, Governador, Generais, etc. a quem chamou de miseráveis traidores e entreguistas. Concitou os presentes a ingressarem no Partido Comunista do Brasil, que é no seu dizer, o único repositório de dignidade e patriotismo...Terminou fazendo a saudação de punhos fechados e pedindo uma salva de palmas ao camarada Prestes, ao que a claque colocada na tribuna correspondeu arduamente.

Isto é o cúmulo do desaforo! Não há polícia neste Estado? Não podemos ficar a mercê desses desclassificados, dessa caterva indecente. A reação deve partir dos poderes públicos. Que não venham dizer que isto é democracia e deve ser livre a propaganda das ideias. Aos que assim pensam, devemos mandar que atravessem a “cortina de ferro” e que façam lá a propaganda. Diz o provérbio popular que quem cala consente. Silenciar num caso deste é um crime. Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Acautelem-se os poderes constituídos, porque nossa liberdade e o regime correm perigo. Cordialmente o saúda, um eleitor.¹⁶⁸

É perceptível certo desconforto, por parte da pessoa que escreveu a carta, no que se refere ao que foi levantado pelos oradores, principalmente quando é manifestada a oposição em relação ao governo. As atitudes dos comunistas são recebidas como ofensa aos ouvidos do autor, exteriorizando seu sentimento de revolta e o desejo que possui para que ela se realize. A própria atmosfera de ilegalidade do PCB e o anticomunismo, dão condições para o autor proferir tais argumentações. Diante disso, observam-se dois momentos presentes na carta, o primeiro; com um tom de delação, buscando descrever com detalhes a

¹⁶⁸ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº:584C. Topografia: 65. p. 60.

cena do comício e, o segundo; com um tom autoritário, desaprovando o que foi dito.

De acordo com Pierre Ansart, as paixões políticas e, mais precisamente, as sensibilidades políticas, são um fenômeno decisivo no desenrolar da história, de maneira que, a dimensão afetiva da vida política não está separada em uma zona externa, não há separação entre a razão e as paixões na política, ambas atuam juntas nas ações humanas.¹⁶⁹ Considerando essa argumentação, um sistema passional não é simplesmente um acompanhante da vida política, mas um conjunto dinâmico e regulador da experiência e da vida, pelos agentes sociais.

Cada momento da vida política é marcado pela difusão de múltiplas mensagens, que visam a influenciar os apegos e as repugnâncias, as esperanças e as crenças, em determinados cenários políticos. Ansart argumenta que, toda situação se acompanha, nos diferentes meios sociais, de atitudes afetivas diversas, homogêneas ou conflituais e que são passíveis de observação, tanto em suas evoluções rápidas ou lentas, indo da indiferença para a cólera, bem como do entusiasmo para a decepção.¹⁷⁰

Pensando a denúncia, podemos analisar que o autor da carta concede um lugar para si e um complementar ao outro, o secretário de segurança pública, no sentido de que este reconheça o lugar de onde o autor está falando. Assim, justifica sua denúncia argumentando que é “amante da liberdade e defensor do regime do liberalismo em que temos vivido”, articulando um reconhecimento afetivo entre os dois,

¹⁶⁹ ANSART, 1983. p. 7.

¹⁷⁰ Idem. p. 11.

principalmente no uso das palavras “amante” e “defensor”, ao qual deixa exposto um sentido de ameaça eminente, citando a Liga da Emancipação Nacional, possivelmente demonstrando a repugnância por tal organização, nutrida por sentimentos anticomunistas e que será desmantelada com o apoio da Cruzada Brasileira Anticomunista.

Por outro lado, vejamos a possibilidade de captar signos co-moventes, sinais de emoções que buscam mobilizar uma reação aos comunistas, por meio das paixões, tal como Ansart pensou, entendendo por paixões um termo envolto de ambiguidades, que pode designar a afetividade vivenciada e intensidades da ação, ambas ao mesmo tempo.¹⁷¹ Esses impulsos emocionais que surgem, através de expressões como “isto é o cúmulo do desaforo!”, quando reagrupados, nos mostram que o sentimento de revolta está presente na escrita do anônimo, levando-nos ao sistema afetivo potencialmente dominante, os afetos anticomunistas.

Rodrigo Motta reflete que o liberalismo é uma das matrizes do anticomunismo, principalmente na recusa do comunismo como um atentado à propriedade privada e a liberdade, ameaçando a sociedade com o autoritarismo político. No entanto, o autor da denúncia parece equiparar liberalismo e democracia, afirmando que é “amante da liberdade”. Nisso, Motta argumenta que o anticomunismo liberal brasileiro não circulava de maneira coerente, pois defendia a liberdade e a democracia, mas, estava baseado numa tradição autoritária.¹⁷²

¹⁷¹ ANSART, Pierre. Em defesa de uma Ciência Social das Paixões Políticas. In: História: Questões & Debates, n. 33, p. 153. 2001. Editora da UFPR.

¹⁷² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 38. Segundo Motta, as matrizes do anticomunismo no Brasil caracterizam-se pelo Nacionalismo, Catolicismo e Liberalismo.

A partir de 1948, finda a política de união nacional e o início de uma virada à esquerda, onde a principal pauta era a luta contra o Governo Dutra. O PCB detinha uma logística organizativa mais coesa se tratando de mobilização dos trabalhadores, pois “no início dos anos 50, as lutas mais importantes dos trabalhadores se destacaram no chão das fábricas. Esse período reavivou o PCB no meio proletário”.¹⁷³

Segundo Jorge Ferreira, o segundo governo de Getúlio Vargas se caracteriza como um período de crises, herança do governo antecessor de Eurico Dutra, com dificuldades econômicas, principalmente devido à inflação e um desequilíbrio financeiro no setor público.

Dentro desse quadro, as propostas do governo Vargas, seriam, em um primeiro momento, regular essas dificuldades, equilibrando as finanças públicas e projetar o crescimento econômico. Inicialmente houve uma ajuda financeira do governo norte americano, instalando-se a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, com a proposta de investimentos em infraestrutura; Por outro lado, a elevação do preço do café no mercado internacional beneficiou o governo.

Porém, em 1953, Vargas se deparou com novas ondas de dificuldades, começando pela vitória do Partido Republicano nas eleições presidenciais norte-americanas. O presidente eleito, Eisenhower, com uma política de combate ao comunismo e com a alegação de conter gastos públicos, desarticulou os laços da Comissão Mista, ao mesmo

¹⁷³ NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3. p. 61.

tempo em que o Banco Mundial passou a cobrar dívidas de empréstimos que estavam vencidos.¹⁷⁴

Voltando à denúncia citada, esta evidencia reflexos daquela conjuntura, estando de acordo com uma postura conservadora, pela maneira que articula suas ideias ao decorrer de sua escrita, representando opiniões opositoras ao comunismo, ao comentar que o primeiro orador – Estanislau Cardoso – referiu-se às autoridades institucionais (Presidente, Ministros, Governador) como “miseráveis e entreguistas”, busca nesse ponto, uma identificação de si com o secretário de segurança pública, revelando pelo modo de se expressar, a reação que busca criar.

Neste sentido, uma pessoa que se coloca em oposição às esquerdas, articula sua linguagem de forma contrária e, considerando a conjuntura daquele momento, sua escrita elabora a imagem de uma pessoa que defende seu país diante do que ela compreende como perigoso. Isto seria um estereótipo que circula em uma cultura determinada.¹⁷⁵

Pensando de acordo com a diferença que se estabelece entre o autor da carta e os comunistas denunciados, acerca dos ritos de instituição, em especial onde há uma reflexão que separa um grupo do outro, a investidura “consiste em sancionar e em santificar uma diferença – preexistente ou não, fazendo-a conhecer e reconhecer,

¹⁷⁴ FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3. p. 305.

¹⁷⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989. p. 47.

fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais”.¹⁷⁶

Encontra-se uma divisão, separando os que se encontram enquanto subversivos à lei, ao Estado, ao imaginário social; dos que estão estabelecidos, que fazem parte de uma ordem legitimada, instituída e reconhecida por parte do próprio povo, com o objetivo de manter a ordem.

Mais adiante, o anônimo autor comunica que os oradores mencionaram Luiz Carlos Prestes, pedindo uma salva de palmas, e terminando o comício com uma saudação de punhos fechados. O efeito de sentido que isso causa no autor da carta é violento ao final do comício, e isso é explicitado, articulando um tipo de discurso autoritário.

Podemos imaginar que os oradores terem mencionado Prestes, foi compreendido como um insulto, aos ouvidos conservadores, bem como o restante do que foi dito, ficando caracterizada uma tensão entre ideologias. Segundo Ferreira, Prestes possui um grande carisma entre o povo brasileiro e, principalmente dentro do PCB, devido à sua vida, onde tornou-se nas décadas de 1930, 1940 e 1950 uma das figuras mais importantes da política brasileira, ao lado de Getúlio Vargas, porém, ao contrário deste, que formou sua popularidade exercendo o poder, enquanto que Luiz Carlos Prestes se popularizou por meio de suas lutas.

Entretanto, é problemático pensar que Prestes era cultuado de maneira homogênea entre os militantes do PCB, principalmente. Ao argumentar que Prestes é um símbolo da resistência ao autoritarismo, Ferreira parece silenciar a estrutura partidária em seus conflitos internos que

¹⁷⁶ MAINGUENEAU, 1989, p. 47.

são inerentes ao processo de sua própria formação. A base do partido não adere totalmente e de forma homogênea ao culto aos seus símbolos, por diversos motivos. Podemos problematizar isso partindo da compreensão que Antônio Rocha possui em relação a Prestes. Em seu depoimento, os entrevistadores parecem induzir uma valoração da imagem de Prestes como referência máxima de oposição a Getúlio Vargas.

Perguntado se é um “prestista”, Rocha responde: “Não totalmente um prestista, né, mas sim comunista, eu venho da classe operária, do Partido Comunista, socialista. Até porque ele era um dirigente da classe, Prestes, e comandante, homem de conhecimento de âmbito nacional, fez a revolução de 24, na data da Coluna, né, um homem de prestígio”.¹⁷⁷ Rocha reconhece Prestes como uma pessoa de influência partidária, porém, sua ligação afetiva é mais presente em relação ao partido e ao que ele entende por classe operária. Talvez, por um lado, sua autonomia como militante está em não reconhecer-se como adepto da imagem de Prestes como chefe absoluto do partido e, por outro, em posicionar-se como não sindicalizado em suas tarefas políticas.

Com o fim do Estado Novo, passou a ser exaltado por suas virtudes, respeitado pelo seu saber e pelo seu heroísmo. Assim, após 1945, sua imagem exerce um grande carisma popular, pois sua exaltação circulava entre seus admiradores, partidários ou simpatizantes, como afirmação de uma identidade social e de resistência.

Os comunistas faziam propaganda das virtudes e do saber de Prestes, com o objetivo de disseminar os ideais do PCB.¹⁷⁸ Logo,

¹⁷⁷ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 28.

¹⁷⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói; Eduff; Rio de Janeiro; Mauad, 2002.

quando é proferido o discurso dos oradores, inserindo ao mesmo tempo o nome e a popularidade de Prestes, o efeito de sentido causado é o esperado, uma resposta de adesão, ao que parece, pela maioria que estava presente no comício. Prestes possui um papel de líder simbólico potencialmente mobilizador, principalmente pelo seu passado de lutas na conhecida Coluna Prestes. Os militantes se voltarem para sua figura representa um apelo de força para a militância política.

Em uma interpretação mais imediata, pela linguagem utilizada, poderíamos supor que, quem escreveu a denúncia foi uma pessoa ciente dos debates políticos e portadora de um conhecimento sobre a ação do PCB, provavelmente uma pessoa que manteve um hábito de leitura e talvez, algum profissional liberal – advogado, jornalista – ou um professor, ou médico, pois, a escrita possui uma coerência que deixa transparecer, ao menos, uma atenção na utilização das palavras, articulando o texto com certos detalhes.

O delator exprime um discurso a respeito do que se encontra fora da maneira que organiza seu mundo. Utilizando da primeira pessoa, forja um *efeito de sentido de subjetividade*. Ademais, também fornece indícios de que, o que está dizendo constitui um *discurso direto* sobre o discurso dos oradores, de maneira a buscar repetir em seu próprio discurso o que esses falaram. Portanto, de acordo com Fiorin, o discurso direto possui a característica de criar um *efeito de sentido de “verdade”*.¹⁷⁹

¹⁷⁹ FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 18.

A formação ideológica que se manifesta no interior do discurso em questão é uma visão de mundo de uma classe social, o autor da carta a representa quando escreve “Não podemos ficar a mercê desses desclassificados, dessa caterva indecente”, nesse ponto fornece uma das portas de acesso para compreender qual a sua formação ideológica, que é, por sua vez, materializada pelo imaginário social,¹⁸⁰ todo esse conjunto de temas e de figuras que elaborou a visão de mundo do anônimo.¹⁸¹

Assim compreendido, observa-se dois momentos ao mesmo tempo no discurso, de um lado, é o lugar das coerções sociais, das ideologias e, por outro, o texto é o lugar de certa “liberdade” individual do anônimo, onde condensa as coerções e as exterioriza.¹⁸²

O discurso almeja uma autoridade que é reconhecida no Secretário de Segurança Pública, estando nas mãos do último o poder de exercer a autoridade diante dos oradores comunistas e de decidir o que fazer. É interessante como o autor da carta articula esse momento, se referindo ao provérbio popular, fortalecendo seu discurso de um modo que, aparentemente, não haja outra opção de combater os comunistas, uma vez que “quem cala consente”, não haveria outra saída para o Secretário. Desse modo, refletir a respeito desta denúncia é oferecida a possibilidade de perceber o contraponto dos comunistas na cidade de

¹⁸⁰ Entendemos como imaginário social, a definição que Pierre Ansart propõe, argumentando ser um conjunto de evidências que se apresentam implícitas, juntamente com normas e valores que buscam assegurar a renovação das relações sociais. ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder*. Trad. Aurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 18.

¹⁸¹ FIORIN, 1983, p. 32.

¹⁸² Idem. p. 42.

Paranaguá, ou seja, as potenciais opiniões e conjunto de ideias e práticas anticomunistas que certamente circulava pela cidade.

Passados sete dias após a denúncia do comício comunista, em 10 de agosto, o primeiro suplente em exercício da 2ª Delegacia Regional de Polícia de Paranaguá, chamado Aggripino Picanço, escreve uma carta ao Chefe de Polícia do Estado do Paraná, em Curitiba, o Coronel Carlos Assumpção. Na carta, Aggripino Picanço declara que está enviando “um relatório e diversos prospectos de propaganda, referente ao Comício realizado nesta cidade, em data de 1º do corrente, e do qual foram oradores as seguintes pessoas: Felipe Chede, Ubirajara Moreira, Estanislau Cardoso, Eustáquio Quadros, Orlando Ceccon e Antonio Rocha”.¹⁸³

O relatório possui muitos detalhes capazes de fazer ver uma realidade de conflitos, de vigilância, de repressão política, e da circulação dos comunistas no espaço público, demonstrando suas ideias e militância. Optamos em reproduzir todo o relatório, pelo caráter curioso e, de certa forma, rico em informações.

Comício realizado no dia 1º de agosto de 1954:

O comício foi aberto pelo Snr. Antoninho, sapateiro, e que é nesta cidade o distribuidor do jornal “TRIBUNA POPULAR”. Seguiu-se ao microfone o cidadão Miguel Fan, ferroviário que manteve uma linguagem decente; disse sobre reivindicações que devem ser feitas pelos ferroviários a cuja classe pertence.

O orador seguinte foi o estivador Estanislau Eloy Cardoso, que se diz candidato a deputado estadual. Esse orador,

¹⁸³ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 61.

homem semi-analfabéto, fez críticas aleivasas ao governador M. da Rocha “mentiroso” tecendo elogios á Russia, onde, afirmou se inaugurára ao mesmo dia em que aqui se entregava ao publico um simples aparelho de Raio X, a 2ª Estação Atomica; adiante acusou o facultativo Dr. Ginez Gebram de ser um médico desumano. Leu o seu manifesto impresso.

Em prosseguimento usou da palavra o ferroviário Estacio Gomes que feriu com violência aos Governos Federal e do Estado, afirmando em linguajar demagógico a mancomunação de nossos homens públicos com os Estados Unidos insistindo em ofender o Snr. Getulio Vargas do qual, disse, se deveria exigir o “Congelamento dos preços das Utilidades” terminou sua arenga com uma exaltação ao P. C. B, insistindo em que vivemos num regime de força onde espancamentos se sucedem e o povo morre de fome.

O Dr. Ubirajara Moreira, Secretario da Liga de Emancipação Nacional que falou após o orador, limitou-se, agressivamente a exaltar Prestes e o Cumunismo, chamou Getulio Vargas de “Traidor do Povo” e de “Tubarão” como dono que é de “Estancia de Gado” etc.

Estaquio Quadros, mais moderado, resumiu sua oração em torno de ataques ás grandes organizações estrangeiras, taes a Light etc... as quaes a seu ver devem ser nacionalisadas.

O Candidato Felipe Chede fez demagogia, procurando demonstrar-se fogoso e interessando-se em conquistar a massa inculta que, em maioria, assistia ao Comicio. Teve palavras de ataque á Swift (Organização de Frigorificos), em resumo: nada disse de expressivo.

Encerrou o Comicio o sapateiro Antoninho. Este foi o mais exaltado dos oradores. Suas expressões baixas e improprietas, culminaram com as adjetivações insolentes de denominar o Snr. Getulio Vargas de “Bandido” de “Sacana” de “ímundo” que deveria ser enforcado pelo povo.

Fez o elogio de Prestes e referiu-se ardorosamente ao Comunismo á Rússia.¹⁸⁴

Para buscar entender o que os comunistas estão exteriorizando, pela denúncia e pelo relatório, apontamos que é necessário lançar uma breve menção ao o que é a *Liga da Emancipação Nacional*, que aparece em ambos os documentos. De acordo com o verbete voltado à LEN, presente no *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, foi uma organização fundada no Rio de Janeiro, no dia 5 de abril de 1954, e seus objetivos se caracterizavam em defender as liberdades democráticas e lutar para que o Brasil desenvolvesse a economia de forma independente, as atividades da LEN eram veiculadas por um jornal, intitulado *Emancipação*. No governo do presidente Juscelino Kubitschek teve suas atividades encerradas, por meio do Decreto nº 39.338, dois anos após sua fundação, em 11 de junho de 1956.¹⁸⁵ Sua atuação pode ser compreendida, para além da defesa das liberdades democráticas. Adotou uma posição crítica, em relação ao governo Vargas, alegando um aprofundamento dos programas de reforma do presidente, acusando-o de permitir a corrupção administrativa, não possuindo posturas firmes diante dos grupos empresariais norte-americanos.

¹⁸⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. pp. 62-63.

¹⁸⁵ A partir de três artigos, decreta: “Art. 1º Fica suspenso pelo prazo de seis meses, funcionamento da ‘Liga de Emancipação Nacional’, com sede nesta capital. Art. 2º O Ministério Público Federal promoverá imediatamente, nos termos do art. 6º, parágrafo único do citado Decreto-Lei nº 9.085-46 a competente ação de dissolução da entidade referida no artigo primeiro. Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário”. BRASIL, Presidência da República. Decreto-Lei Nº 39.338, de 11 de junho de 1956.

A LEN representou um desdobramento do órgão que teve a iniciativa de fundá-la, no caso, o Centro de Estudos de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), cuja fundação foi no mês de abril de 1948, com o objetivo central de propagar a tese do monopólio do petróleo ao Estado. Suas prerrogativas fundavam-se nos argumentos de que era necessária a existência de uma organização – que seria a LEN – que mantivesse posições claras na ampliação, unificação e coordenação das lutas nacionalistas, em oposição ao que era considerada a penetração do imperialismo norte-americano, em solo brasileiro.¹⁸⁶

Poucos meses antes do comício em Paranaguá, onde a denúncia afirma que os membros que promoveram o “desaforo!” são da LEN, em abril de 1954, a CEDPEN realizou a Convenção de Emancipação Nacional. Este evento foi convocado em novembro de 1953, com a participação de aproximadamente quinhentas pessoas de todo o país. Representavam trabalhadores rurais, comerciantes, operários, militares, industriais e donas-de-casa e, em seu último dia, fundou-se a Liga de Emancipação Nacional, se estabelecendo como seria composto o diretório central da recém-formada organização, partindo de sua base documental, intitulada *Carta da emancipação nacional*.

No setor econômico, ainda segundo a definição do verbete, a carta atacava a atuação dos trustes e monopólios norte-americanos, com a acusação de que estavam impedindo o processo de desenvolvimento

¹⁸⁶ LAMARÃO, Sérgio; FLAKSMAN, Dora. Liga da Emancipação Nacional. In: BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: FGV/CPDOC, 1984. Vol. III. p. 1814.

da indústria brasileira, bem como ameaçar de desnacionalização os recursos naturais do país, principalmente os minerais.¹⁸⁷

Na resolução da Convenção pela Emancipação Nacional, é destacado que a LEN seria uma entidade civil, pretendendo “reunir todas as entidades e pessoas que aceitem e apoiem os princípios enunciados na Carta da Emancipação Nacional, como as associações patrióticas, estudantis, sindicais, camponêsas, técnicas, femininas e todas as que adiram aos seus postulados”. Em seu último parágrafo, é explicitado o campo de ação: “deverá atuar no campo parlamentar, como no extra-parlamentar, no político, como no social, pela imprensa e pelos comícios, conferências, congressos, organizando campanhas e lutas capazes de levar à vitória seus objetivos”.¹⁸⁸

A carta partia dos argumentos que, contra o povo brasileiro, estava praticando-se “frequentemente toda a sorte de violências e arbitrariedades. A Constituição brasileira é desrespeitada, mormente em seus dispositivos que garantem os direitos dos cidadãos e as franquias democráticas. Os desmandos das autoridades são uma prática constantes”, reivindicava, também, “a defesa da cultura nacional ameaçada, o estímulo do pleno florescimento das ciências, da literatura, das artes e o amparo à indústria cinematográfica nacional”.¹⁸⁹

¹⁸⁷ LAMARÃO; FLASKMAN, 1984, p. 1815.

¹⁸⁸ RESOLUÇÃO da Convenção pela Emancipação Nacional. Belo Horizonte. p. 2.

¹⁸⁹ LIGA da Emancipação Nacional. Carta da Emancipação Nacional. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1954. pp. 3-4.

Após o falecimento de Getúlio Vargas, a LEN publicou uma nota no jornal carioca *Imprensa Popular*, ligado ao PCB, com o título “Sobre o agravamento da situação política”. Em linhas gerais, segundo o verbete presente no dicionário, escrito por Sérgio Lamarão e Dora Flaksman, a nota publicada no jornal afirmava que a crise pela qual estava passando o país era de cunho golpista, com a presença dos monopólios norte-americanos e do governo dos EUA, estaria ameaçando os direitos constitucionais.

Direcionada à população, a nota convocava o povo para fazer uso do voto para “derrubar os entreguistas e eleger os patriotas”. A ação da LEN passou a ser de caráter mais sistemático, diante da política econômica que o novo chefe do Executivo – João Café Filho, vice-presidente de Vargas – estava empreendendo, sendo favorável ao capital estrangeiro e entregando postos-chave do aparelho do Estado a políticos do partido União Democrática Nacional (UDN).

Buscou defender a livre realização das eleições de 1955, com a liberdade do voto e livre propaganda eleitoral, e abordou denúncias da existência de “tentativas antidemocráticas de golpes contra a Constituição”. Por fim, foi diluída pelo decreto presidencial, em 11 de junho de 1956, a pedido da Cruzada Brasileira Anticomunista, encaminhado pelo então Ministro da Justiça, Nereu Ramos. “Os grupos capitalistas estrangeiros – descontentes com as resoluções do congresso – também tiveram participação na interdição da liga, pressionando o governo através da grande imprensa a eles vinculados”.¹⁹⁰

¹⁹⁰ LAMARÃO; FLASKMAN, 1984, p.1815.

É sintomático e muito coincidente, talvez, a LEN ser diluída a pedido da Cruzada Brasileira Anticomunista no mesmo ano em que os crimes de Stalin são revelados na URSS, abrindo uma crise no movimento comunista internacional. Essa conjuntura torna-se muito problemática para os partidos de orientação stalinista, ocasionando diversos rompimentos e grande evasão de muitos intelectuais, em vários países, muitos sendo recebidos de braços abertos pelo anticomunismo.

Diante disso, compreendendo as principais reivindicações da organização e a maneira pela qual atuava, voltemos ao ambiente da denúncia do comício, que nos fez transitar através da Liga da Emancipação Nacional. Com base na documentação levantada pela Polícia Política, é possível nos aproximar de quase todos os que formaram a “caterva indecente”, no dia do comício. Obviamente, as informações fornecidas não oferecem um amplo rastreamento da trajetória de cada um, mas, possibilita chegar perto de suas trajetórias e ideias.

Buscando apropriar-se destas reminiscências e torná-las capazes de serem compreendidas como parte de um processo, tal como Edward Thompson refletiu, “cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos, amplamente separados no tempo e espaço, revelam, quando se estabelece relação entre eles, regularidades de processo”,¹⁹¹ adentraremos nos corredores da desconfiança, repressão e vigilância da Polícia Política. Neste contexto, articulado até aqui, é que atua o sapateiro Antônio Rocha.

¹⁹¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 97.

2.3 *As militâncias dos comunistas em Paranaguá: Entre organização e conflitos*

A militância dos comunistas, na história política brasileira, é imersa em mudanças programáticas e tensões com os seus adversários. Segundo Daniel Aarão Reis Filho, a partir de 1946, os comunistas passaram a adotar uma atitude mais combativa, ainda dentro dos parâmetros da legalidade em que se encontravam. Havia uma nova inflexão programática, principalmente ao novo governo que se instaurava no pós-guerra. O general Dutra havia sido eleito para a presidência da república, com isso, no lugar do nacional-estatismo, agora a política concentrava-se numa perspectiva internacionalista liberal, deixava-se de lado a ambição autonomista para uma aliança com os Estados Unidos. Sem mais propostas de integração e conciliação com os trabalhadores, mas de repressão aos sindicatos e às lutas sociais.¹⁹²

Seguindo os indícios presentes no comício, como em um labirinto, tentamos caminhar através de um fio. Sem perder o rastro por onde fizemos a entrada, podemos imaginar o sapateiro Antônio Araújo Rocha, ao término de mais uma jornada de trabalho, fechando a sua sapataria, arrumando o seu bigode e se preparando para um dia de emoções e paixões políticas exaltadas, revendo, talvez, as anotações que fizera especialmente para chegar ao centro da cidade e encontrar seus companheiros de militância.

¹⁹² REIS FILHO, Daniel Aarão. Entre Reforma e Revolução: A trajetória do Partido Comunista Brasileiro no Brasil entre 1943 e 1964. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 78. Vol. 5.

Surge da documentação um comunista de atividade intensa, entre suas funções, é destacada a posição como membro efetivo no Comitê Municipal do PCB. A trajetória de Antônio Araújo Rocha é observada pela Polícia Política, em sua ficha, a partir de 1946, seguindo seus passos até o ano de 1967. Em abril de 1946, interceptando uma das atas de reunião da Célula do partido, no centro de Paranaguá, é informado que o sapateiro é Secretário Político desta Célula e que, no dia 24 de abril daquele ano, “presidindo a mesa, tomou a palavra e fez um rápido esboço sobre a situação política nacional, em face do PCB [...]”.

Dias depois, em 29 de abril, a informação de que realizou uma autocrítica, “na qual, o fichado se intitula Sec. da Célula do Centro e dadas razões pela qual não desempenhou as suas funções a contento do Partido”.¹⁹³ É possível que esta autocrítica possa ter sido realizada em decorrência de algum conflito interno. Entre os membros do partido, nas situações que pudessem colocar em risco a estrutura dos partidos comunistas e de suas células, aqueles membros que entravam em querelas com os dirigentes, em razões de críticas à organização ao programa, às estratégias de militância, eram expulsos ou obrigados a fazer a autocrítica, se pretendessem continuar no partido.

Ainda no mesmo ano, as informações destacam “comunista militante”, inscrito como Secretário de Divulgação e, após 1947, é o “elemento encarregado da distribuição de boletins do ex-PCB, na cidade de Paranaguá” e “membro da Comissão provisória da Reorganização do Centro de Petróleo de Paranaguá, conforme publicação feita pela Tribuna do Povo de 05 de novembro de 1949”.

¹⁹³ DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

A conjuntura pós-1947, com a cassação do PCB, caracteriza-se pela radicalização revolucionária. Desse modo, dois textos políticos representam o novo curso programático: o manifesto de 1948 e o de agosto de 1950. O governo nacional foi denunciado como traidor da nação e marionetes do imperialismo norte-americano. O novo programa do partido previa uma revolução agrária, anti-imperialista, que deveria ser conduzida por uma Frente Democrática de Libertação Nacional, esse programa destacava um governo democrático, popular e revolucionário. Nesse sentido, a aliança com o PTB entrava em ruínas, acusados de estarem de acordo com os interesses reacionários, traidores da classe operária. Porém, após a morte de Getúlio Vargas, a situação mudaria, de traidores, os trabalhistas passaram para a condição de irmãos, companheiros de luta.¹⁹⁴

Em 31 de março de 1949 foi detido pela DOPS, “por exercer atividades comunistas”, sendo posto em liberdade no dia seguinte. Entre 1950 e 1954, Antônio Araújo Rocha seguiu publicando textos no jornal *Tribuna do Povo*. Em 1952, segundo os dados levantados na ficha, publicou pelo menos dois textos no jornal, intitulados *Trinta anos de lutas do PCB por paz, pão, terra, e liberdade para o nosso povo; O manifesto de Prestes, Guia da Paz e da Independência do Brasil* e uma assinatura, “protestando contra a guerra Bacteriológica”.

Além de ter sido eleito, em 1950, “2º Tesoureiro da União Sindical dos Trabalhadores do Paraná, em reunião realizada em Paranaguá”, foi apontado pelo Delegado da cidade, no ano de 1953, como “líder dos comunistas de Paranaguá” e, um dia antes do polêmico comício no centro da cidade, no dia primeiro de agosto de 1954, “foi

¹⁹⁴ REIS FILHO, 2007, pp. 80-88.

lançada sua candidatura a deputado estadual pelo estinto PCB sem legenda”.

Treze anos depois, em 1967, com seus 59 anos de idade, a última informação de sua ficha declara, “consta que Antonio Rocha, o fichado foi representante do jornal *Voz Operária*, é comunista militante, entretanto atualmente, não tem qualquer atividade nesse sentido, manifestando-se em ser um cidadão pacato”.¹⁹⁵

Além de ter feito uma autocrítica, onde sugerimos a existência de um possível conflito no interior do partido, o sapateiro dedicou críticas ao partido, no momento do IV Congresso do PCB, precisamente, a respeito de sua organização em uma conferência municipal para o referido congresso, datado em 21 de abril de 1947, assinado como Secretário de Organização do Comitê Municipal.

O sapateiro Antônio Rocha argumenta a necessidade dos quadros dirigentes do partido para que se eduquem o suficiente para “compreender a linha política do Partido para realizar na prática a justa política orgânica que caracteriza o nosso Partido”. Compreendemos esta passagem como uma crítica à organização do partido e que ela deve ser “sanada” pela educação, ou seja, muito possivelmente pela leitura e discussão da ideologia comunista. Isto fica mais claro no seguinte trecho: “O que nos cabe confessar é que ainda somos fracos tanto politicamente como ideologicamente, o que nos impede de aplicar com justesa as tarefas de forma que delas se colham os melhores resultados.”¹⁹⁶

¹⁹⁵ DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

¹⁹⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

Antes de elencar estes argumentos, Antônio Rocha elabora um conjunto de ideias que justificam a sua crítica aos dirigentes, esclarecendo primeiramente que,

Com a realização do 4º Congresso do nosso Partido que hora se realiza em todo o Paiz, com a realização de assembleias de células distritais e com a realização de Conferencias Municipais é necessário que se faça com nitides e compreensão a análise da vida interna da nossa Patria examinando com bastante claresa todos os problemas de vital importância para o progresso e bem estar do nosso povo. Esses problemas só poderam ser levantados por um partido disciplinadamente organizado e profundamente ligado ás mais amplas camadas do povo, e, esse Partido é o nosso Partido, o Partido Comunista do Brasil.

É portanto necessário que de todos os recanto deste imenso Paiz se faça ouvir pela voz de todos os militante do nosso Partido, os problemas mais cruciantes do povo brasileiro, as reivindicações mais sentidas pelos trabalhadores das cidades vilas e do campo bem como de todos os bairros ou empresas que compõem a comunidade nacional.

É muito comum ouvir-se dos nossos militantes que isso só será possível a medida que tivermos uma imprensa capaz de levar ás massas a orientação do nosso Partido educando o povo para a luta organizada e o esclarecimento político necessário ás massas populares, isso sem duvida é justo, mas antes e acima de tudo é necessário que os quadros dirigentes do Partido se eduquem [...].¹⁹⁷

¹⁹⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

Fica clara a crítica de Antônio Rocha, apontando que naquele momento, havia uma distância entre povo, militantes e dirigentes, e que um dos caminhos para a resolução deste problema visualizado pelo sapateiro, para além da educação dos membros, seria necessária maior disciplina na estrutura do partido, visando a aproximação com o povo. Podemos perceber a ligação afetiva que Antônio Rocha realiza, especificamente através da utilização que faz, quando indica que “somos fracos tanto politicamente como ideologicamente”, estaria sinalizando, possivelmente, a renovação da afetividade política do grupo, com base na formação política de militantes e de dirigentes.

Ansart pode nos elucidar as possibilidades que a ideologia política desempenha na organização de seus adeptos, de modo que esta “renova o empreendimento mítico e religioso da identificação dos indivíduos. Convocando um grupo particular (partido, classe, nação) para uma ação também particular, estabelece as fronteiras e recria os instrumentos de magnificação do grupo envolvido”.¹⁹⁸ Porém, parece que isso está nebuloso na realidade que Antônio Rocha descreve.

O sapateiro é incisivo e declara que “as nossas células ainda são organismos fechados vivendo nos bairros e nas empresas sem se identificarem com a massa e sem a menor preocupação pelos seus problemas, são portanto organismos desconhecidos ignorados pelo povo”. Em seu ponto de vista, os dirigentes não possuem mecanismos suficientes para desenvolver vínculos sólidos com as pessoas, “ainda não se capacitaram da importância desses organismos no trabalho de ligação com as massas dos bairros, das empresas ou do campo”. Neste sentido, suas críticas avançam para a própria identidade do ser comu-

¹⁹⁸ ANSART, 1978, p. 40.

nista, argumentando que “é necessário que se compreenda que o povo não nos seguirá pelo simples fato de sermos Comunistas mas sim pela dedicação e espírito de luta na defesa de seus interesses”, enfatizando a necessidade da ação política.

Continua, propondo que a distância entre dirigentes, militantes e povo seja diminuída, haja o objetivo de “transformar as nossas células em organismos vivos, sentidos pelo povo dos bairros e operários de empresas como órgão político dirigente e orientando o povo nas lutas, vivendo com o povo os seus problemas em discussões amplas e populares”.

A manifestação de Antônio Rocha a respeito da organização do partido encontra-se num ponto específico, ele não está deixando de lado o entusiasmo ideológico para estabelecer diretamente um compromisso com as pessoas, tal como Ansart define, refletindo que a prática cotidiana do militante produz este deslocamento,¹⁹⁹ mas, sim, está levantando um problema específico, qual seja, o de reformular as práticas políticas do partido para que a relação entre partido e povo seja mais clara e objetiva. Percebendo esta separação, o sapateiro a problematiza.

Verificamos certa autonomia de Antônio Rocha nesse momento, pois está “colocando o dedo na ferida”, elaborando seu pensamento sobre um problema que julga ser fundamental para o desenvolvimento do PCB. Assim, sendo o sapateiro um militante e Secretário de Organização nesta ocasião, concordamos com Ansart – retomando nosso primeiro capítulo – que os membros da base tendem a

¹⁹⁹ ANSART, 1983, p.119.

não internalizar de maneira integral as mensagens vindas dos dirigentes, buscam compreender a situação que se encontram, pensando a partir de sua própria cultura, evidenciando conflitos entre membros e lugares de disputas internas.²⁰⁰

O sapateiro também dedica suas críticas acerca da organização das reuniões de células e da discussão que as envolve, de maneira a afirmar que,

As nossas reuniões falham pela forma errada que as conduzimos, esquecemos que devemos preparar e distribuir com antecedência as ordens do dia para que cada militante venha preparado para discutilas e possamos sahir de cada reunião com tarefas concretas não ficando nenhum militante sem uma tarefa por menor que seja, tendo-se o necessario cuidado para que ninguém seja sobrecarregado e que os militantes mais novos só recebam tarefas que possam executar. Tambem devemos regularisar o funcionamento das células de forma que as suas reuniões se realizem nos dias marcados isto é, a célula de 20 em 20 dias e o secretariado da mesma uma vez por semana, só assim podemos transferir o centro de trabalho para as células.²⁰¹

Antônio Rocha demonstra suas propostas organizativas, preocupando-se com um funcionamento pleno das células, objetivando uma articulação mais efetiva entre os membros, na esfera interna do partido. Poderíamos imaginar como estes argumentos foram recebidos pelos outros membros, talvez, deve ter causado descontentamento e

²⁰⁰ ANSART, 1983, p. 120.

²⁰¹ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

desconforto, uma vez que está problematizando sistematicamente os pontos fracos da situação do partido em Paranaguá. Não seria difícil terem acontecido resistências internas ao que foi levantado pelo sapateiro.

Sua crítica estende-se, incisivamente, ao citar que “a organização é por assim dizer a alma do Partido” e que é necessário, “na medida do possível dizer o que pensamos da verdadeira situação do Partido neste Município”. Diante disso, sua leitura do contexto municipal reflete que a organização, naquele momento, “é ainda inteiramente débil, motivo porque crescemos em quantidade de militantes mas não progredimos na política de formação de quadros, ficando a maioria dos nossos militantes sem organismo [...]”. Isto, segundo o sapateiro, estaria levando os militantes ao aborrecimento, pois acabavam esperando a indicação do organismo onde deveriam atuar. Para ele, este problema seria um dos que estavam causando a distância com as massas, “isso sem dúvida retarda a formação de quadros de que tanto ressentimos e impede a nossa ligação com a massa”.²⁰²

A formação e recrutamento de militantes no interior do partido é apresentada por Antonio Rocha como um “expontaneismo da massa que procura o nosso Partido, ultima esperança para a solução dos seus problemas, quando deveria ser um trabalho planejado e realizado através de um trabalho de massa em movimento de reivindicações”. Pensando esta formulação, juntamente com o relatório da DOPS a respeito do porto, no início deste capítulo, onde o agente Louis Antoine aponta os operários comentando que uma das principais causas de muitos trabalhadores aderirem ao partido seria a violência

²⁰² DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

cometida pela polícia, podemos imaginar que partindo pelo menos destes dois motivos, formar-se-ia a militância comunista na cidade.

Em meio aos problemas de organização, Antônio Rocha esclarece que “apesar de tantas debilidades, podemos afirmar que temos um Partido no Município respeitado pela própria reação que não cria nenhum embaraço ao nosso trabalho e com um pouco de compreensão e boa vontade podemos transformar num grande Partido de massas”. Naquele momento, o sapateiro apresenta qual a situação das células e as condições de funcionamento de cada uma, bem como a quantidade destas em Paranaguá. Segundo sua declaração, em 1947 havia na cidade seis células; sendo duas de empresas, três localizadas nos bairros e uma rural. Outras células haviam se estruturado, existindo uma em Guaratuba e outra na Ilha de Piassaguera, entretanto, não estavam funcionando pelo motivo de abandono.

Argumenta que não seria possível afirmar o funcionamento pleno, ocorrendo a dificuldade de reunir as células da cidade de Paranaguá, “para a realização das conferências de células não foi possível reuni-las de conformidade com as normas orgânicas para o 4º Congresso mesmo as duas células de empresas, da estiva marítima e da estiva terrestre apenas dão sinal de vida não como órgão mas como corpo inorgânico”.

Suas principais críticas a respeito das células caracterizam-se pela inoperância destas, o que leva-nos a pensar que Antônio Rocha possuía ferramentas teóricas para pensar sobre o assunto, fundamentalmente se for considerada a carga de leitura que desenvolveu, direcionada para os estudos da teoria marxista – isto será analisado no terceiro capítulo. Contudo, uma das problemáticas que levanta é o desequilíbrio entre elementos quantitativos e qualitativos da militância em Paranaguá. Em

suas palavras: “algumas dessas células contam com elevado número de militantes, mas que não se reúnem dentro de suas sedes onde possam discutir os problemas partidários e os problemas da classe e tomar resoluções para resolve-los”.

Referindo-se a um Comitê Distrital no porto, que foi estruturado para dar apoio às células dos bairros da região portuária de Paranaguá, Antonio Rocha destaca que este comitê acabou se dissolvendo, pela falta de experiência organizativa, “isso nos indica que a descentralização do Partido no Município foi prematura, por falta de base orgânica e de senso de responsabilidade de alguns dirigentes”.²⁰³

Sua atenção volta-se para a reestruturação do partido, em face da desorganização que compreende estar à sua frente, o sapateiro estabelece que o objetivo emergencial para tal empreendimento “é um trabalho de recuperação planejado de forma proceder o levantamento das bases existentes e a estruturação de novos organismos” e que, “sentimos que no momento os trabalhos do Partido se realizam pela boa vontade de meia dúzia de militantes esforçados e mais ou menos esclarecidos mas mesmo assim de maneira individual”.

Por fim, Antônio Rocha termina o seu informe, tecendo mais críticas aos dirigentes, inclusive identificando um deles. Assim,

Cabe sem duvida ao Comitê Municipal a maior culpa por essa situação que não soube tirar das bases elementos responsáveis e dedicados para suprir as faltas de quadros para

²⁰³ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

a composição das secretarias única forma de dirigir os trabalhos sem que ninguém carregue o Partido nas costas e termine enfim exgotado. Recebemos do antigo Secretario de Organização, comp. Oscar Costa o Partido na situação em que ele, hoje se encontra, dado também a nossa falta de tempo e de experiência não podíamos realizar o milagre de transforma-lo do dia para a noite naquilo que ele deve ser: um Partido organizado. Temos portanto que cuidar com urgência do levantamento do Partido, planejando as nossas tarefas, criando as secretarias necessárias para controle das tarefas. Façamos do nosso Partido a vanguarda verdadeira do povo, lutando pelas suas reivindicações mais sentidas.²⁰⁴

É possível perceber ao longo de seu texto aquilo que Ansart designou para o estudo dos sentimentos na política, ou seja, os signos comoventes, principalmente quando se refere às coletividades, como a utilização de palavras como “nosso partido”, “nosso povo”, “nossa pátria”, ou quando identifica que o PCB é o partido que está ligado diretamente com o povo brasileiro, podemos compreender que há constantemente uma identificação pela afetividade, isto é, na dramatização de conflitos travados tanto externamente (adversários políticos) como internamente (membros do partido), que possuem fortes cargas emocionais, potencialmente geradoras de emoções coletivas intensas, quando considerado que, dada a conjuntura presente, uma renovação das emoções coletivas poderia oferecer os resultados esperados por Antônio Rocha.²⁰⁵

²⁰⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

²⁰⁵ ANSART, 1983, pp. 69-70.

Antonio Gramsci pode ser fundamental para entendermos como as críticas de Antônio Rocha se desenvolvem, em torno da organização do partido e daqueles militantes que não estão cumprindo com as suas tarefas. Gramsci, em seu texto *Os indiferentes*, publicado em 1917, aponta a necessidade de problematizar a indiferença na organização partidária. Para o autor, a indiferença “é aquilo que confunde os programas, que destrói os planos mesmo os mais bem construídos”, nesse sentido, a indiferença manifestada pelos militantes de Paranaquá, onde Rocha argumenta que não fazem escolhas para exercer as tarefas, mas ficam no aguardo, esperando serem designados; e que também não fazem as leituras que são recomendadas para as reuniões de célula, vai na direção do que Gramsci reflete acerca deste tipo de militante, ao qual expõe seus sentimentos, comentando que odeia os indiferentes políticos, esses que não fazem escolhas, que não tomam partido. Para Gramsci, “a indiferença é o peso morto da história”. A insatisfação de Rocha ao perceber os problemas de organização do partido, poderia ser identificada como uma insatisfação com a indiferença de alguns militantes, que não fazem as suas escolhas para que o aparelho partidário tenha sua continuidade como organismo.²⁰⁶

Além de formular estas críticas, quase dez anos depois, em 1956, seu nome está em uma lista levantada pela DOPS, identificando “agentes comunistas, chefes de comitês municipais e distribuidores de órgãos da imprensa comunista no Estado do Paraná”, precisamente, o sapateiro é relacionado como o representante dos comunistas de Paranaquá, onde nome completo e endereço de sua sapataria estão presentes.²⁰⁷

²⁰⁶ GRAMSCI, Antonio. Os Indiferentes. In: GRAMSCI, Antonio. *Convite à leitura de Gramsci*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d. p. 87.

²⁰⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P2 (Documentos diversos). Nº 1468B. Topografia: 174. p. 102.

Já nos primeiros anos da década de sessenta, no dia 3 de junho de 1964, em um relatório para a 3ª Subdivisão Policial do Litoral, o então Delegado Peregrino Dias da Rosa Filho escreve para o seu superior em Curitiba, “após o vitorioso movimento militar que pôs fim ao processo de comunização do Paiz, por pessoas que direta ou indiretamente propiciaram meios para o calamitoso estado em que se encontrava a Nação” que prendeu vários comunistas em Paranaguá.

Sua reação é entusiasmada, descrevendo que “se a revolução fracassasse esses homens seriam certamente os que iriam mandar fuzilar os ‘reacionários’ e ‘gorilas’ de Paranaguá”, e que manteve vigilância antes de realizar a captura de cada um, relatando suas atividades de modo a destacar, “há muito esses indivíduos vinham sendo observados porem pouco ou nada se podia fazer já que suas atividades eram encorajadas pelo próprio governo do Sr. João Goulart”.²⁰⁸

O delegado faz uma “triagem” e separa os comunistas em três grupos, classificando o primeiro grupo como os intelectuais; o segundo como os atuantes; e o terceiro como os menos perigosos, “usados pelo primeiro e segundo grupo”. O primeiro grupo é composto por Victor Horácio da Costa, Miguel Salomão, Niland Dutra dos Santos e Deogenes Leal de Oliveira. O segundo, composto pelo sapateiro Antônio Rocha, Oswaldo Barbosa dos Santos, Augusto Chagas, Francisco João dos Santos, Claudio Lopes, Antonio Maria, Angelo Alves, Aurelio Meirelles, João de Souza Reis, Adão Nascimento, Antonio Camilo do Nascimento Junior, Estanislau Eloi Cardoso e João Teixeira. O terceiro, composto por Antonio Berlin Junior, Eudes Marques

²⁰⁸ DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. p..283.

Vianna, Guaraci Nobre Rolin, Antenor Albini, João Pessoa da Costa, Adilson de Souza Pinheiro, Antonio Paixão e Milo Albini.²⁰⁹

Cada um dos capturados apresentou declarações ao delegado. Segundo o relatório, o sapateiro declarou ser simpatizante das ideias comunistas, que pertenceu ao Partido Comunista, estando preso diversas vezes como elemento comunista e que esteve presente por causa de um incidente, em um “quebra-quebra” no bar chamado Americano, onde duas pessoas perderam a vida.

Alguns dias após o golpe, foi expedido um comunicado, que solicitou a captura do sapateiro Antônio Rocha, precisamente, em 15 de abril, para ser processado como incurso na Lei de Segurança Nacional.²¹⁰ Milton Ivan Heller se refere a Antônio Rocha, destacando-o como um velho militante comunista de Paranaguá, estando no dia do golpe de 1964 em Curitiba, logo avisado pela família para não voltar ao litoral, pois a polícia estava no seu encalço. Contudo, o sapateiro decidiu seguir adiante e desceu a Serra.

Resolvi retornar à minha cidade e me apresentei ao delegado de polícia, dizendo que eu não tinha motivos para fugir e que apenas estava apoiando as reformas de base defendidas por João Goulart e participando do Fórum Sindical, que reunia todos os sindicatos de Paranaguá. O delegado ouviu e disse: “Está certo, volte para casa, mas o senhor não pode sair de Paranaguá sem autorização da delegacia. E

²⁰⁹ DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. p. 284-285.

²¹⁰ DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242. p. 88A.

toda segunda-feira venha aqui com um relatório, dizendo o que fez na semana anterior”.²¹¹

Segundo Heller, o sapateiro não acatou as ordens do delegado, não se afastando da militância política, com argumentos de que, mesmo João Goulart tendo sido deposto, a luta continuava, principalmente pela reforma agrária e a valorização dos salários dos trabalhadores, expondo que,

Após trinta dias, mais ou menos, dois policiais me prenderam na minha sapataria, com mais uns quarenta de Paranaguá, quase todos trabalhadores que atuavam nos sindicatos. Fiquei mais vinte dias na cadeia, respondendo a interrogatórios na Capitania dos Portos, onde foi realizado um inquérito contra elementos tidos como subversivos. As perguntas eram feitas por um capitão do Exército, e um tenente anotava tudo. Perguntaram se eu era comunista e eu disse que sim, porque em Paranaguá todos me conheciam e eu já havia sido preso, diversas vezes, distribuindo a *Voz Operária*. Aí me mandaram embora e nunca mais fui preso. Depois me afastei do PCB porque ele se dividiu em doze ou quinze pedaços, mas acho que a reação e a violência contra os trabalhadores vão acabar empurrando o povo para o socialismo.²¹²

Nessa conjuntura, em que o golpe de Estado é efetivado, é possível compreender um pouco mais da leitura que Antônio Rocha fez do momento voltando ao seu depoimento, onde destaca: “[...] o

²¹¹ HELLER, Milton Ivan. *Resistência Democrática: A repressão no Paraná*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988. p. 248.

²¹² Idem.

golpe veio, quando eles viram que os trabalhadores estavam começando a entender os seus direitos de classe, né... Então eles aplicaram o golpe.”²¹³ Anos mais tarde, também revela tensões com o PTB, expondo que “o PTB entregou o partido pra ditadura [...]”.²¹⁴ Na percepção de Antônio Rocha o golpe é designado, fundamentalmente, como desarticulador dos sindicatos, nesse sentido, destaca que “em consequência do golpe, da ditadura, né, os trabalhadores ficaram muito prejudicados, a atuação do sindicato ficou muito ruim, elementos estranhos desviaram o interesse da classe, desviaram a luta, mas, vai avançando.”²¹⁵

Da sapataria à beira mar, imaginemos que uma carona nos leva para o outro lado da cidade. Entre cargas pesadas, caminhões em circulação pelo porto, navios atracando no cais, ouvimos os pombos nos armazéns, observamos cavalos comendo capim às margens da avenida que leva ao local, brigas nas proximidades da área portuária e botecos que recebem os estivadores a todo instante, sedentos por uma cerveja ou, talvez, algumas doses de cachaça. É o fim de mais um dia na vida destes trabalhadores e, no meio da multidão que segue para casa, nos deparamos com o estivador Estanislau Eloy Cardoso, outro membro presente no comício.

Suas atividades como militante comunista datam de 1944 até 1954 em sua ficha da DOPS. Entretanto, os dados são mais presentes entre os anos de 1944 e 1947, com um hiato até 1954, porém, isso não significa necessariamente, que deixou de atuar como militante político.

²¹³ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 09.

²¹⁴ *Idem.*

²¹⁵ *Idem.*

Assim como Antônio Araújo Rocha, também aparece como Secretário Político, no ano de 1944, dois anos antes do sapateiro.

Foi orador em reunião da Célula dos Estivadores, bem como “elemento estruturado”, participando de outras reuniões na Célula Esperança, localizada na Ilha dos Valadares, uma ilha muito próxima do centro de Paranaguá, onde atualmente é possível chegar através de uma ponte. Em 1946, no dia 14 de junho, “consta o nome do fichado num abaixo assinado, junto à Assembleia Constituinte, ‘protestando a vinda dos 107.000 soldados fascistas do exercito Polonez do General Inglez Amdrews, por não haver nem país para os brasileiros’, e contra a Carta fascista de 1.937”.

Junto a essas informações, a DOPS levantou a sua renda, “com salário mensal de Cr\$600,00, e contribue com a quantia de Cr\$6,00 para o Partido”. Por fim, em março de 1954, no dia 30, “foi eleito pela Convenção Estadual de Emancipação Nacional à membro da Comissão de Planejamento e Organização, e ainda o fichado em seguida assinou um manifesto lançado à Nação” e, igualmente ao sapateiro Antônio Rocha, um dia antes do comício “foi lançada a sua candidatura a deputação Estadual pelo estinto P. C. B. sem legenda.”²¹⁶

Contudo, em sua Pasta Individual, há mais alguns dados sobre sua trajetória como comunista até o ano de 1966. Logo após o Golpe Militar de 1964, se iniciando o período de ditadura, no dia 4 de maio daquele ano, “o fichado, conforme Portaria Especial do Delegado Chefe da 3ª Sub-Divisão Policial com séde em Paranaguá, datada

²¹⁶ DEAP/DOPS. Ficha Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 07.295.

de 15 de abril último, é comunista e agitador, estando incurso na Lei de Segurança Nacional”.

Algumas semanas depois, em 22 de maio, “o fichado, nesta data foi recolhido á Prisão Provisória do Ahú, por ordem Superior”, sendo posto em liberdade quase um mês após sua prisão, no dia 15 de junho. Mais adiante, em 31 de outubro de 1966, é destacado que, “no relatório de 3 Jun 64 da 3ª Subdivisão Policial de Paranaguá, consta sôbre o fichado: ‘mantinha no porto uma cantina onde fazia distribuição de literatura subversiva e do jornal Novos Rumos. Farto material foi apreendido e encaminhado à DOPS’.”²¹⁷

Em seu manifesto, escrito para o comício de 1954, Estanislau Cardoso expõe suas angústias e o que pensa a respeito do momento da política nacional e local, texto que reproduzimos na forma integral:

MANIFESTO do Candidato a Deputado Estadual ESTANISLAU CARDOSO

Aos trabalhadores e ao povo de Paranaguá!
Aos meus companheiros da estiva e do porto de Paranaguá!

A situação dos trabalhadores e do povo de Paranaguá é de verdadeira calamidade. Devido à política dos governos de Getúlio e Bento Munhoz, o movimento do porto de Paranaguá está diminuindo cada vez mais, acarretando a falta de trabalho para os estivadores e portuários e paralizando toda a vida econômica da cidade. Como consequência dessa política dos govêrnos federal e estadual, elevam-se dia a

²¹⁷ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 2.

dia os preços de 1ª necessidade, da habitação e dos transportes, tornando insustentável a vida dos que se mantêm por meio de salários e ordenados. Cada elevação dos preços significa uma diminuição do salário real.

A Prefeitura de Paranaguá, dirigida por Roque Vernalha, nada fez em benefício do povo da cidade. O que se vê são negociatas do atual Prefeito com terrenos, a cidade sem um hospital municipal nem os mínimos recursos médicos, falta de transportes, de saneamento, de água, de luz e de energia, sacrificando o povo e impedindo o desenvolvimento e instalação de indústrias em nossa cidade.

Contra essa situação de atraso, fome e miséria, todo o povo de Paranaguá deve se mobilizar e comparecer em massa às próximas eleições para votar contra os governos de Getúlio, Bento Munhoz e Roque Vernalha.

Como estivador marítimo de Paranaguá, fiel às lutas da classe operária por suas reivindicações, como candidato a deputado estadual, escolhido pela vanguarda consciente dos trabalhadores, proponho-me a defender o seguinte programa de reivindicações do povo de Paranaguá, na Assembleia Legislativa do Estado:

- 1 – Defesa da paz mundial e proibição das armas de extermínio em massa como a bomba atômica;
- 2 – Por relações amistosas com todos os países, principalmente com a União Soviética e a China, o que permitirá o desenvolvimento das nossas trocas comerciais e um grande aumento do movimento do Porto de Paranaguá;
- 3 – Contra os privilégios e concessões aos trustes americanos Anderson Clayton e American Coffee que açambarcam o transporte, armazenamento e o comércio do café;
- 4 – Defesa das liberdades democráticas, pela liberdade sindical, pela liberdade para os operários terem o seu partido político independente, isto é, pela legalidade do Partido Comunista do Brasil;
- 5 – Aumento da taxa de estiva em benefício dos estivadores, pelo contrato coletivo do trabalho, aumento dos

vencimentos e salários dos portuários e de todos os trabalhadores, empregados e funcionários públicos estaduais e municipais, de acôrdo com o atual aumento de custo de vida; pagamento o salário-base para os ensacadores de café; aplicação efetiva do salário mínimo, principalmente em relação às mulheres e aos menores, pela entrega do impôsto sindical integralmente aos sindicatos; pelo congelamento dos prêços;

6 – Pela encampação da Cia. Força e Luz do Paraná e da Cia. Telefônica e pelo fornecimento de energia abundante e barata para o desenvolvimento industrial do Estado e de Paranaguá;

7 – Pela abolição de tôdas as restrições ao livre trabalho dos pescadores. Ajuda pelo Estado aos pescadores por meio de concessão de crédito para a construção de casas, entrepostos, etc., e fornecimento de instrumentos e embarcações para a pesca;

8 – Garantia pelo Estado de prêços mínimos para os produtos agrícolas para que os sitiantes não sejam obrigados a entregar os seus produtos quasi de graça para, depois açambarcados pelos especuladores, serem levados a prêços inacessíveis ao povo; direito de utilização dos recursos das matas do Estado pelos camponeses para a obtenção da caça, palmito, varas, cipós e hervas;

9 – Por assistência médica e hospitalar à altura das necessidades da população de Paranaguá, pelo saneamento e fornecimento de água abundante;

10 – Pela baixa dos impostos que recaem sobre o povo em geral e aumento do imposto territorial sobre os latifundiários;

Este programa, que me comprometo a defender, só se converterá em realidade, entretanto, se o povo e os trabalhadores organizarem-se e pôr ele lutarem desde já, dentro dos seus sindicatos, nas emprêsas, nas concentrações de pescadores e de camponeses.

Concito a todos os homens e mulheres progressistas de

Paranaguá a formarem uma ampla frente única eleitoral, em torno deste programa, elegendo os candidatos que se disponham a aplicá-lo e a apoiá-lo publicamente, sem distinção de partido político, de ideologia e de crença religiosa.

Paranaguá, Julho de 1954.

a) Estanislau Elói Cardoso, estivador marítimo de Paranaguá.²¹⁸

Como discutido anteriormente, podemos compreender a orientação política do manifesto de Estanislau Cardoso em relação às orientações descritas e defendidas pela Liga da Emancipação Nacional, o qual “foi lido pelo autor” no comício, de acordo com o que está escrito em seu dossiê, reivindicando para si a identidade da classe operária, como trabalhador que busca melhores condições de vida, atacando as formas de governo na esfera local e nacional. O manifesto de Cardoso está inserido num programa político sintonizado ao realismo socialista e sua agenda programática, elaborada URSS, podemos compará-la, segundo Dênis de Moraes, observando os pontos principais em que o debate dos comunistas deveriam circundar, como: “denúncia do imperialismo, defesa da paz mundial, organização popular pela libertação nacional e pela implantação do socialismo”.²¹⁹

É curioso observar o texto e refletir sobre o que foi escrito no relatório a respeito do comício, apontando o autor como um “homem

²¹⁸ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 3.

²¹⁹ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994. p. 143.

semi-analfabéto”,²²⁰ quando aqui, se considerarmos que o manifesto foi escrito pelo próprio, constatamos contradições na documentação sobre o estivador, precisamente em sua “distribuição de literatura subversiva e do jornal *Novos Rumos*” no porto.²²¹ Neste sentido, é possível que Estanislau Cardoso fosse mais do que uma pessoa semianalfabeta ou uma simples peça do partido, reelaborando e interpretando aquilo que entrava em contato, por meio da leitura e pelas reuniões nas células comunistas.

Saindo do porto, podemos imaginar um encontro com Felipe Chede, outro comunista presente como orador no mesmo comício no dia 1º de agosto de 1954, no centro de Paranaguá. Iremos transitar entre Paranaguá, Ponta Grossa e Curitiba, pois a documentação levantada pela Polícia Política manteve vigilância ao caixeiro-viajante, nestas três cidades. Nos dados presentes na ficha e pasta individual, a trajetória de Felipe Chede é documentada desde meados de 1934 à 1981. Na década de trinta, suas ações são observadas como um importante líder local, de modo que,

[...] foi presidente da Aliança Nacional Libertadora. Candidatou-se em 1934 a prefeito municipal, tendo votação irrisória. Dirigiu antes de novembro de 35 violenta campanha contra o governo, acenando ao povo com os benefícios de diversas padarias que prometeu abrir de acordo com o sistema comunista. Desapareceu de Paranaguá pouco antes da intentona comunista, regressando àquela cidade vários meses depois, quando já serenados os ânimos. Voltou a

²²⁰ DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 62.

²²¹ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 2.

chefiar as reuniões comunistas, feitas no Templo Maçônico. 1936 – Transferiu residência para Laguna ou Tubarão-Sta Catarina. 1944 - Detido por atitude inconveniente em comício estudantil promovido por comunistas. Prestou declarações. 1945 – Reorganizado o P. C. B. o fichado desenvolveu, veladamente, intenso trabalho em favor do Partido, não aparecendo nas notícias oficiais como elemento filiado [...].²²²

No ano de 1935, “dispunha de grande influência no meio operário, tendo sido candidato à Prefeitura de Paranaguá [...] pouco antes do levante de 27 de novembro de 1935, encetou verbalmente uma campanha contra o preço do pão”. Após a insurreição, publicou textos no jornal *Diário da Tarde* sobre o ocorrido.²²³ Em 1944, participou de uma passeata na capital paranaense, promovida pelos Colégios Liceu Rio Branco e Novo Ateneu, na ocasião, “proferiu um violento discurso enaltecendo a Rússia e afirmando que o único homem digno de sentar-se a mesa da Conferência da Paz seria Luiz Carlos Prestes. Dois dias após, isto é, a 24 de agosto de 1944, foi detido por ter feito tal pronunciamento”.²²⁴ Quatro dias em seguida de ser preso, “prestou declarações, e depois de severamente advertido foi posto em liberdade”, mais uma vez, falou em público em outra passeata, no dia 5 de setembro do mesmo ano, “usou novamente da palavra e depois de

²²² DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 3.

²²³ DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08.895.

²²⁴ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 6.

falar sobre a data, alegou que por ocasião de sua detenção havia sido preso como um vagabundo qualquer”.²²⁵

Em seu auto de declarações, observamos outras impressões, muito diferentes das que estão em sua ficha, comentando que em Curitiba

[...] usou da palavra, fazendo ligeiro discurso; que reconhece haver se excedido nas suas expressões, pois chegou a dizer que “Luís Carlos Prestes é um brasileiro democrata e que si, na ocasião da paz, não estiver encarcerado, será digno de tomar assento entre os que figurarem na aludida conferencia!”; que o declarante não se recorda das outras expressões que usou, mas sabe haver feito alusões à França redimida, e, de maneira elogiosa, se referiu à bandeira nacional e ao exercito expedicionário; que o declarante não conhece o rapaz que o convidou para falar, e supõe que o mesmo o conheça, ou tenha notícia a seu respeito, desde o tempo em que o declarante, em Paranaguá, falava em público, principalmente na tribuna do Juri, pois, embora sem ser solicitador, advogava naquela cidade; que, nesta Capital, o declarante nunca falara em publico, embora fôsse orador da “Associação Paranaguense”, entidade que aqui existe, constituída de elementos de Paranaguá, e com a finalidade de manter sempre em camaradagem as pessoas que, daquela cidade, para aqui transfiram residência; que o declarante está arrependido e até envergonhado, da expressão usada sobre Luís Carlos Prestes no seu discurso do dia vinte e treis, pois jamais se envolveu em política e “soltou à toa” aquela expressão a respeito do ex-chefe comunista, levado, um tanto, pelo que os outros oradores haviam dito, isto é, pelo tom inconveniente dos seus discursos; que o declarante possui, nesta Capital, um irmão mais moço, que é estudante de Contabilidade na Faculdade de Comercio e também aluno do Curso Pré-Científico do Ginasio Novo-Atenêo; que o declarante não sabe se foi esse seu irmão

²²⁵ DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08.895.

quem o indicara para falar, pois a passeata era organizada também pelos alunos do Novo Atenêo e o seu irmão se achava no palanque; que pode afirmar não ter, o seu irmão, ideias extremistas, pois o mesmo nem fala em política, o que ocorre, em geral, também, com o declarante; que deseja afirmar, mais uma vez, haver o seu discurso do dia vinte e três, sido o “tipo da burrada”, do que está muito envergonhado; que reside nesta Capital há três anos, e é funcionário da agencia do Frigorífico Wilson do Brasil S. A. Nada mais disse. Lido e achado conforme vae devidamente assinado e rubricadas as folhas pelo declarante e autoridade.²²⁶

O arrependimento que Felipe Chede demonstra nas declarações, acerca do que é questionado sobre a sua presença e sobre o que falou junto aos outros oradores, pode ser uma estratégia, tornando aquilo que exteriorizou a respeito de Prestes como algo irracional, sem importância, movido pela energia do momento, pelos ânimos exaltados diante dos estudantes, para, talvez, aliviar de alguma maneira as acusações a respeito de si.

Pode ser que haja alguma imprecisão, quando da confecção dos dados na documentação, ou Felipe Chede participou de outra passeata no dia 6, pois informa-se que, neste dia, “em um discurso manifestou-se fervorosamente comunista”,²²⁷ retornando para a cadeia no dia 7 de setembro. “Depois de severamente advertido pelo Exmo. Sr. Cap. Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública, foi posto em

²²⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. pp. 33-35.

²²⁷ Idem, p.1.

liberdade” no dia seguinte.²²⁸ A partir de 1945, foi morar na cidade de Ponta Grossa, residindo anteriormente em Curitiba, desde 1941.²²⁹

Em Ponta Grossa, auxilia o partido, sem ser filiado e, no mês de novembro de 1946, os dados a respeito de Felipe Chede em sua ficha destacam que trocou cartas com Prestes, na qual este o indica para se candidatar como Deputado Estadual pela cidade de Paranaguá. No entanto, não fica claro se foi lançada a sua candidatura.

Em 1947, aparece como candidato à prefeitura de Paranaguá; entre os meses de outubro e novembro daquele ano são veiculadas algumas notícias sobre sua candidatura nos jornais *Diário da Tarde* e *Jornal do Povo*. Neste último, com data de 12 de outubro, a notícia inicia-se apresentando o papel da cidade na recepção do PCB, argumentando que, “dentre os municípios do Estado, onde os comunistas contam com maiores possibilidades de vitória, destaca-se o município de Paranaguá”, continua destacando que nas eleições de dezembro de 1945, o partido conseguiu “apreciável votação colocando-se em terceiro lugar na classificação dos partidos” que disputaram as eleições.

Mesmo com o partido estando na ilegalidade e o PTB possuir maiores chances de vitória na cidade, como é afirmado pelo jornal, “a grande massa eleitoral comunista de Paranaguá não poderiam ficar sem exercer o direito de voto [...] assim, sob a legenda do Partido Libertador, os comunistas de Paranaguá concorrem até com candidato a prefeito”. É interessante destacarmos essa característica de autonomia

²²⁸ DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08.895.

²²⁹ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. pp. 6-7.

dos militantes, em disputar eleições sob outras legendas, mas estando presente o pano de fundo do PCB, seria um caminho independente feito pelos militantes, com objetivos muito específicos. Diante das lutas políticas, por outro lado, haveria muitas tensões entre PTB e PCB, durante um período significativo, a partir de 1945.

É possível traçar esse caminho independente dos comunistas, que foram candidatos políticos por outras legendas, por exemplo, nas eleições municipais de 1947. Em Paranaguá, os comunistas Angelo Patitucci, João Teixeira, Eustáquio Quadros e Felipe Chede foram lançados pelo Partido Libertador; em Morretes o partido escolhido para a militância foi a União Democrática Nacional; em Londrina, foi o Partido Trabalhista Brasileiro; em Ponta Grossa, pelo Partido Republicano.²³⁰

O candidato é apresentado como “líder popular, cidadão querido em Paranaguá por suas atitudes firmes em favor da classe operária e do povo, com o qual irão para a vitória nas eleições do próximo domingo”. Outros comunistas foram candidatos a vereador, como o já mencionado e controverso Angelo Maria Pattituci, descrito no jornal como “querido e prestigiado líder popular, que tem o apoio de todas as classes”; João Batista Teixeira, “líder da estiva, o combativo operário”; Eustachio Quadros, “organizador da classe operária e líder sindical”; João Policarpo, “elemento de prestígio no seio da estiva terrestre” e, por fim, Antonio Berlim, apresentado como “elemento popular e ligado aos pequenos camponeses da zona agrícola de Paranaguá”.²³¹

²³⁰ CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio. *A elite dos comunistas e sua história no Paraná...* Op. cit. p. 45.

²³¹ DEAP/DOPS. Dossiê: PCB P1 – Documentos diversos. Nº 1468A. Topografia: 174. p. 141.

No *Diário da Tarde*, em 3 de novembro, “a política de Paranaguá chegou ao ponto máximo do seu entusiasmo dado o valor das candidaturas apresentadas ao eleitorado”, assim, o candidato comunista pelo Partido Libertador, “desde longos anos tem sido um ardoroso batalhador pelas liberdades publicas, falou ao povo da cidade pelo rádio”.²³²

Próximo ao final do mês, no dia 25, o jornal apresenta resumidamente o seu programa político, “um programa que abrange todas as reivindicações do povo daquele próspero município paranaense e que abrange ainda as justas aspirações dos operários daquela comarca”, finaliza a coluna, dedicando a atenção do candidato aos trabalhadores, pelo menos aparentemente, “nos comícios que realizou, grande foi a multidão que o apoiou, sendo seu nome aclamado principalmente pela classe operária, que nele deposita a sua confiança, que nele toma a sua grande esperança”.²³³

A vitória não aconteceu, Felipe Chede ficou em terceiro lugar, com 597 votos, atrás do segundo lugar, o candidato Eugênio José de Souza, pelo Partido Republicano, reunindo 1161 votos e, o vitorioso, o candidato João Eugênio Cominese, com 1917 votos, pelo Partido Social Democrata.²³⁴ Já no ano de 1950, Felipe Chede entra em conflito com os comunistas que, através do jornal *Tribuna do Povo*, é acusado de ser agente reacionário, publicando um texto no citado jornal, no dia 15 de outubro explicam os motivos. Segue o escrito, intitulado

²³² DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 20.

²³³ *Ildem*, p. 23.

²³⁴ PARANÁ, Tribunal Regional Eleitoral. Resultado das eleições municipais de 1947.

*Desmascarando dois renegados – Agentes da reação e dos tubarões
Felipe Chede e Maria Machado:*

Prestes no seu monumental Manifesto de 1º de agosto, referindo-se as eleições dizia: “Saibamos utilizar a oportunidade para desmascarar sistematicamente os demagogos agentes da reação e do imperialismo e só votemos nos melhores filhos do povo que participem ativamente da grande luta pela paz e a libertação nacional, aqueles que sejam capazes, nos postos eletivos a que forem alçados de prosseguirem com energia redobrada a luta pela vitória revolucionária do programa da Frente Democrática de Libertação Nacional”. Esse trecho foi bastante para que os renegados Felipe Chede e Maria Machado, tirassem suas máscaras e aparecessem a público como oportunistas e carreiristas que sempre foram.

Sentindo-se incapazes de realizar ou lutar por 1 ponto sequer da Frente de Libertação, essas duas pessoas, cujas atividades passadas são de mentiras, demagogia e constantes recuos, face aos problemas do povo, buscaram abrigo em legendas partidárias para darem vãs às suas vaidades pessoais, como candidatos a qualquer coisa.

O Sr. Felipe Chede, não só buscou a legenda do assassino de comunistas Ademar de Barros, como fez toda sua propaganda elogiando esse traidor dos Campos Eliseos bem como Vargas o tirano de Itú que em outros tempos o Sr. Chede dizia combater.

Dizendo-se candidato comunista esse Sr. sofreu tremendo ataque histérico quando soube que os candidatos de Prestes haviam sido lançados e registrados pelo Tribunal. Sofrendo essa 1ª derrota, continuou porém em seu nefasto trabalho de sapa conseguindo dos menos avisados que aceitassem seus materiais nojentos de propaganda, ainda sob o pretexto de que era um candidato comunista camuflado... Para outros do tipo Kolada, usava a técnica dos sujos politiquinhos – dava dinheiro, fazendas ou exigia retribuição em votos por um pequeno favor qualquer.

Aliado à renegada Maria Machado em Ponta Grossa arrancava ou colava sua propaganda em cima de todos os cartazes dos candidatos de Prestes aparecidos nessa cidade. E foi mais longe: Dias antes das eleições, fez com que seus cabos eleitorais – os traidores do tipo Quadros – espalhassem em Paranaguá o boato de que não adiantava votar nos candidatos de Prestes porque era jogar votos fóra porquanto seus mandatos iam ser cassados. Que nele Chede é que deviam votar porque não havia perigo de cassação. Os democratas e especialmente os comunistas devem guardar bem esses dois nomes.²³⁵

Seria Felipe Chede um oportunista? Em 1944, quando foi preso em Curitiba, por participar da passeata dos estudantes, argumentando que jamais se envolveu com política, estaria ele afirmando essas posições, agora tornadas públicas pelos comunistas em suas críticas? Passados seis dias depois da publicação da acusação feita pela Tribuna do Povo, Felipe Chede emite uma resposta publicada pelo Diário da Tarde, no dia 21 de outubro de 1950, sob o título *Tão somente como satisfação ao povo “Desmascarando dois renegados”*, expondo que

No jornal “Tribuna do Povo” do dia 15, que se edita em Curitiba, sob a direção do Sr. Izaurino Gomes Patriota, deparei com um artigo da redação [trecho ilegível] que serve de título a este, razão porque venho a publicar nestas colunas do “Diario da Tarde” dar uma satisfação aos meus amigos, aos que me conhecem e ao povo em geral, afim de que os canalhas passem a ser mais comedidos e não lancem

²³⁵ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 50. O texto continuaria em uma próxima página, mas, apenas este trecho está presente no acervo do Arquivo Público do Paraná.

injúrias, infâmias e calúnias, naqueles que a mercê de Deus estão ilesos de serem atingidos.

Antes de mais nada, quero dizer a quem, que ainda não nasceu quem possa me desmascarar, porque nunca uzei mascaras e ainda mais, porque a baba e a vileza dos miseráveis que menosprezam a dignidade alheia, porque não a possuem, não me alcançam, pois tenho um passado limpo, que não teme devassas. Preciso frizar que ninguém me assusta, que nada temo, porque nunca fui servil nunca estive a serviços de quem quer que seja, nunca abdiquei de minha personalidade e nunca servi, não sirvo e não servirei de instrumento a reação, porque, sou independente.

Sempre estive, estou e estarei, segundo as minhas possibilidades, nas vanguardas dos movimentos populares de reivindicações, sempre combati combato e combaterei os usurpadores das liberdades e dos direitos do povo. Sempre atuei com desassombro, assumindo as responsabilidades oriundas de meus atos e nunca estive, não estou e não estarei a soldo dos tubarões ou de quem quer que seja, porque, a minha mentalidade foi forjada na luta árdua pela vida, no estudo particular e constante das necessidades do povo e por isso, a minha dignidade, o meu caráter e sobre tudo o meu espírito de inconformado ante as injustiças sociais, não admitem cerceamentos, não aceitam canga e exigem que lute pela evolução, afim de que a humanidade tenha o direito a melhores dias de Paz e fartura.

Os meus detratores gratuitos e despeitados, não têm ombridade para me acusar, porque, nada fiz contra os interesses do povo, nada fiz contra os candidatos de Prestes ou de outros Partidos, apenas, usei de um direito e fui candidato a deputado estadual, tratando pelos meios legais de conseguir uma tribuna para defender com intransigência os direitos do povo, sem estar sujeito a constantes perseguições policiaiscas.

Das minhas atitudes políticas não tenho que dar satisfações à “Tribuna do Povo”, estou no Partido Social Progressista porque quero, fiz a propaganda de Getúlio Vargas para

estar com o povo. Fiz a minha propaganda política, com independência, alertando o povo contra os fazedores de guerra, contra todos os seus exploradores, pregando a necessidade da organização dos trabalhadores em Sindicatos livres para a defesa de seus direitos.

Agora repto a quem de direito, repto o redator da “Tribuna do Povo”, que é o responsável pelo artigo intitulado “Desmascarando dois Renegados”, se tiver honra, se tiver caráter, se tiver dignidade, para provar de maneira irretorquível e clara o seguinte:

1º Que prove que tenha dito a alguém que era candidato comunista;

2º Que prove que tenha dado dinheiro ou fazendas a quem quer que seja em troca de votos;

3º Que prove que seja aliado de dona Maria Peixoto Machado, candidata do mesmo partido porque disputaram os candidatos de Prestes, o P. T. N;

4º Que prove tenha solicitado votos dos comunistas;

5º Que prove tenha pedido que não votassem nos candidatos de Prestes, porquanto os seus mandatos seriam cassados;

6º Que prove que tenha dito a alguém era candidato comunista camuflado;

7º Que prove que seja agente dos tubarões e que seja aventureiro.

Encerro esses comentários e aguardo serenamente a manifestação dos atassalhadores da dignidade alheia e se não fôra a necessidade de dar uma satisfação cabal ao povo, ouviria êste conselho de Rubem Dario: – “Se te detiveres em teu caminho para atirar uma pedra em cada cão que ladra à tua passagem, jamais terás tempo para alcançar o teu destino”.

Felipe Chede.²³⁶

²³⁶ DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 51.

Com esta resposta, vemos acusações de ambos os lados e Felipe Chede se esquivando da identidade de comunista traidor e oportunista que lhe foi concebida. Para além de buscar saber quem está certo ou errado nas acusações, o interessante aqui é perceber o conflito que se trava. Por um lado, os comunistas da Tribuna do Povo acusam Chede de ser um oportunista e agente da reação, aproveitando para angariar votos pela identidade de comunista e defensor dos interesses dos operários; por outro lado, a defesa de Chede se constitui em negar que se denominou como um candidato comunista, tentando se distanciar da alcunha, onde se afasta da acusação de ser um agente da reação, se aproximando da figura de Getúlio Vargas e o que este representa, talvez, buscando prestígio entre os trabalhadores que apoiaram os governos de Vargas.

Nosso objetivo, ao apresentar brevemente alguns pontos das trajetórias de Estanislau Cardoso e Felipe Chede, concentra-se em observar como a militância comunista em Paranaguá formava-se de maneira heterogênea e conflituosa. Por um lado, observamos as críticas do sapateiro Antônio Araújo Rocha a organização do partido e da necessidade de disciplina. Em outro momento, vemos a atuação de Estanislau Cardoso, estivador, militante ativo, exposto como “homem semi-analfabeto” pela documentação da DOPS, no entanto, seu texto manifesto, apresentado para a sua candidatura a deputado estadual, revela sua conexão às orientações do partido e sua articulação no manejo com as propostas do PCB. Por outro lado, os conflitos do comerciante Felipe Chede com os comunistas tornaram-se, provavelmente, muito complicados para a sua atuação no campo político, pois foi acusado como reacionário e aproveitador do PCB em suas candidaturas.

Por fim, este capítulo teve o objetivo de analisar a formação da militância comunista como processo de lutas e reivindicações nas melhorias das condições de vida dos trabalhadores, especificamente na

obtenção de maiores salários entre os operários do Porto de Paranaguá. Destacamos também a ligação afetiva que se estabeleceu, em diferentes níveis, entre estes mesmos trabalhadores com o aparelho partidário e com a figura de Luiz Carlos Prestes, como catalisador das mobilizações políticas na cidade, bem como os debates em torno dos conflitos políticos locais, internamente, entre membros do partido. Por outro lado, observamos a repressão e vigilância do Estado em relação a esses trabalhadores, pelo menos, desde meados dos anos trinta até os primeiros anos da ditadura militar, instaurada pelo golpe de estado de 1964.

Diante disso, o nosso próximo passo dedica-se à análise mais aproximada da trajetória de Antônio Araújo Rocha. O capítulo que segue busca entender sua relação com a política e com a leitura, um componente fundamental em sua formação, tanto como militante político, como sapateiro.

CAPÍTULO 3

“UM SAPATEIRO E SUA BIBLIOTECA: NOS RASTROS DAS LEITURAS DE UM COMUNISTA

3.1 *Das ilhas para a sapataria: Um artífice em formação ou “a leitura é uma necessidade na vida”*

Chamava-se Antônio Araújo Rocha, conhecido por Antônio sapateiro. Nasceu em 1908, em Superagui, uma ilha do litoral do Paraná, povoada em sua maioria por pescadores. Viveu pouco tempo nesta ilha, ainda com dois anos de idade seus pais mudaram-se para a Ilha da Cotinga, mais próxima da cidade de Paranaguá. Em seguida, cerca de dois anos após estarem morando na Ilha da Cotinga, seguiram moradia para a cidade de Paranaguá, no bairro da Costeira, um bairro muito próximo da região portuária e do centro da cidade, habitado por operários, portuários e pescadores. De origem humilde, vindo de família pobre, Antônio Araújo Rocha não concluiu seus estudos básicos, abandonando a escola pública ainda muito cedo, segundo ele próprio, ficou “até o meado do quarto ano, depois eu sai”.²³⁷

²³⁷ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 03.

Seus pais, Arcelino Rocha e Presciliana Araújo Rocha, insistiram para que continuasse os seus estudos, porém, sua vontade de continuar foi cerceada por conflitos e brigas dentro do ambiente escolar, pois, “[...] havia uma divisão muito grande entre os alunos... briga, a gente brigava, né. Foi por causa dessa divisão que eu saí da escola, acabei brigando lá.... [...]”. Como parou de frequentar a escola, decidiu ir aprender o ofício de sapateiro. A partir de 1922, aproximadamente, Antônio Araújo Rocha iniciaria sua vida de trabalhador, dedicando-se à confecção e consertos de sapatos.

Para o jovem sapateiro, um mundo se abriria a partir da experiência que iria adquirir diante do ofício. Paciência, atenção, dedicação e solidão fariam parte do seu cotidiano nesse mundo do trabalho. E diante desse mundo do trabalho, outro ingrediente faria parte de sua vida, algo que o acompanharia para o resto de seus dias e que estava sendo desenvolvida, ainda nos tempos da escola primária, uma companhia silenciosa e falante, sempre à sua espera nas manhãs, tardes, noites e madrugadas, junto com um café quente e fresco ou, a velha e boa pinga. Essa companhia seria a leitura, um instrumento poderoso e de grande importância para o sapateiro, aquilo que o faria pensar e agir, intervindo à sua maneira, na sociedade em que viveu, mas que o transportou para outros lugares, através da imaginação.

Sua leitura de si, através da memória, permite-nos uma noção de como era sua relação com o mundo das letras, “[...] por intuição, sempre gostei de ler, desde guri... Sempre gostei de revista, livro, tudo. Fui me dedicando a leitura... Foi indo, foi indo. Eu leio bastante, eu leio bastante, eu leio muito [...]”.²³⁸ Em outro momento, comenta que

²³⁸ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 03.

seu gosto pela leitura teve incentivo por parte de um antigo professor, nos tempos de escola, chamado Manoel Viana.²³⁹

Nesse período, após iniciar suas atividades como um artífice sapateiro, na década de 1920, Antônio Rocha estava amadurecendo as suas ferramentas de leitura, ainda não chegara às leituras mais densas, diretamente direcionadas para as reflexões do pensamento político – refiro-me aos livros e revistas de conteúdo marxista, ligados ao Partido Comunista, por exemplo. No entanto, entraria em contato com assuntos que eram de seu interesse e que, de certa maneira, o preparariam para o que viria, nesse sentido, podemos compreender esta fase de sua vida como uma conjuntura em que gestar-se-ia o militante político que viria a ser, alguns anos mais tarde.

Suas leituras, durante os anos vinte – bem como em todas as décadas adiante –, são rodeadas por assuntos diversos, mas que possuem, de certa forma, um fio condutor em comum. Este fio condutor pode ser identificado com o possível gosto pela atividade de imaginar, pelo sentimento de curiosidade e pela necessidade do conhecimento, pois, por exemplo, o interesse pelo cinema e as publicações em torno desta arte, materializado nos indícios que emergem de seu acervo e de sua experiência como leitor, sugerem que nesse momento sua formação como leitor autodidata se desenvolve através do que estava sendo debatido nos círculos especialistas, dedicados às análises das obras filmicas. Haveria certa circularidade da cultura do cinema, apropriada e reelaborada por ele.

²³⁹ Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinaldo Atem.

A revista *Cinearte* é uma das referências que fazem parte desse universo de leitura, experimentada por Antônio Rocha neste primeiro estágio, lembrada por ele como uma revista do cinema mundo.²⁴⁰ Ir ao cinema, nos anos vinte, em terras brasileiras, e principalmente em São Paulo, significava dividir a companhia de um filme com muitos trabalhadores das camadas populares, curiosos pelas produções cinematográficas que chegavam aos trópicos. Porém, os cinemas eram restritos às grandes cidades brasileiras, dificultando o acesso para quem quisesse deitar os olhos em uma tela. Para muitos, a única maneira de aproximar-se dos filmes era manter contato com as publicações que dedicavam-se aos assuntos cinematográficos.²⁴¹

Quantos trabalhadores manifestaram suas curiosidades e vontades de aprofundamento no conhecimento a respeito do cinema e não puderam, por ter o acesso limitado? Quantos desejaram ler sobre o assunto e não conseguiram, pois não sabiam ler? No momento, não temos como saber a quantidade de trabalhadores que sentiram o encantamento pelo cinema, entretanto, certamente, este número de pessoas interessadas foi elevado, e por causas diversas, não tiveram oportunidades em seguir seus desejos e vontades, em alimentar suas paixões e sentimentos.

²⁴⁰ No processo de catalogação de seu acervo de livros e revistas, a revista *Cinearte* não estava presente em suas estantes. É muito possível que tenha se perdido nos anos que se passaram.

²⁴¹ A historiadora Sheila Schvarzman traz apontamentos interessantes a respeito do cinema dos anos 1920 em São Paulo, oferecendo questões que podem ser pensadas no contexto do Paraná, na mesma época. Ver: SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº49, p. 153-174 – 2005. Nesse sentido, apontamos a necessidade de estudos a respeito do cinema e de sua recepção no Paraná, especialmente em Curitiba e nas cidades próximas, como em Paranaguá, principalmente na relação entre Cinema e trabalhadores.

O gosto pelo cinema acompanha Antônio Rocha desde cedo em sua vida, é possível que o contato com os filmes, em algum momento de sua infância ou adolescência, o tenha levado para uma vida de leituras. A respeito do assunto, o sapateiro expõe para a revista curitibana *Outras Palavras*, em 1978, que “o cinema o tem fascinado e foi o que o iniciou no amor à cultura, antes mesmo das letras. Leu Sadoul, Pudovkin”.²⁴²

Em seu acervo de livros localizam-se as seguintes referências, que nos oferecem as possibilidades de leitura que havia disponível acerca da temática cinematográfica: Vsevolod Pudovkin, *O ator no cinema*, sem data de publicação; Carlos Ortiz, *Romance do gato preto: História breve do cinema*, sem data de publicação; Georges Sadoul aparece com três livros, *O cinema: Sua arte, sua técnica, sua economia*, com data de 1951, *A vida de Carlitos: Charles Spencer Chaplin, seus filmes e sua época*, de 1952 e *História do cinema mundial: Das origens a nossos dias*, publicado em 1963; Ismail Xavier, *D. W. Griffith: O nascimento de um cinema*, de 1984; Salvyano Cavalcanti de Piva, *O gangster no cinema*, sem data de publicação; Alberto Cavalcanti, *Filme e Realidade*, sem data de publicação; e por fim, Bela Balazs, *Estética do Filme*, de 1958.

As diferenças entre as datas de publicação – e a ausência de algumas – , permitem a interpretação de que Antônio Rocha continuou alimentando o interesse pelo cinema no decorrer do tempo, no entanto, não é possível um aprofundamento a respeito do modo como leu esses livros, pois não é presente na documentação – nos livros, na forma de anotações – informações que nos levem para a compreensão do sapateiro

²⁴² Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinaldo Atem.

acerca da leitura que realizou. Contudo, o contato com tais autores revelam que Antônio Rocha estava, pelo menos, sabendo do que cada um escreveu, caso a leitura dos livros tenha se realizado.

Além do interesse pelo cinema, dedicava-se à leitura de romances, que o acompanhariam por longos anos. Porém, o seu início na atividade de sapateiro caracteriza-se, para além da leitura ligada a assuntos do cinema e de romances – geralmente de folhetins, entre as décadas de vinte e trinta –, como um período de aprendizado autodidata nos temas da gramática da língua portuguesa e da administração de finanças, bem como da matemática. Como abandonou a escola, suas necessidades de conhecimento aumentaram.

Com uma sapataria para administrar, podemos imaginar que havia a necessidade de desenvolver as suas capacidades de escrita, leitura e administração dos materiais de trabalho, principalmente na compra de couro, cola, graxa de sapato e ferramentas que o auxiliariam no cotidiano da sapataria, de forma que o amadurecimento como leitor se deu em compasso com o seu amadurecimento como sapateiro.

A atividade rotineiramente isolada do artífice contribuiu, ora consciente, ora inconscientemente, para que forjasse o leitor que se tornou. Como Eric Hobsbawm e Joan Scott comentam, aquele ambiente de trabalho solitário, característico de muitos sapateiros, durante o século XIX europeu, também se manifestou à sua maneira neste caso, somando para que Antônio Rocha intercalasse o seu trabalho com leituras diversas, aprimorando o seu método de leitura com o passar dos anos.²⁴³

²⁴³ HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 158.

Para poder compreender como o roteiro de leituras de Antônio Rocha estava se constituindo, é necessário apresentar os títulos que provavelmente serviram de aprimoramento ao seu conhecimento. Sugerimos denominar esse conhecimento como utilitário e/ou prático, para as tarefas cotidianas do trabalho na sapataria, lembrando que esse acúmulo de leituras não dissociam-se do aprendizado autônomo de outras leituras – romances, em especial.

Diante disso, entre os anos vinte e trinta, as incidências de livros voltados para o aprendizado da língua portuguesa caracterizam-se com alguns títulos do autor Carlos Goés.²⁴⁴ Com data de publicação de 1921, o *Diccionario de Raizes e Cognatos da Lingua Portuguesa* aparece com a assinatura de Antônio Rocha do dia 5 de agosto de 1932. Outro livro presente é a segunda edição de *Syntaxe da Construcção: Inclusive collocação dos pronomes pessoas obliquos atonos*, publicado em 1936, novamente assinado pelo sapateiro, com data de 5 de agosto de 1937.

Há, também, o *Diccionario de Affixos e Desinencias* e o *Pontos de Língua Pátria*, ambos publicados em 1930. Em sua terceira edição, o livro *Ortographia, Dictado, Pontuação, Crase*, de 1935 está presente, bem como o *Gramática Expositiva Primária*, sexta edição, de 1939. Por ter grafado as datas nas folhas de rosto, vemos o mecanismo – bem conhecido entre muitos leitores – de registrar o momento

²⁴⁴ Carlos Goés foi um proeminente dicionarista, dramaturgo, poeta e gramático brasileiro. Nasceu em 1881, tendo data de sua morte o ano de 1934. No seu *Diccionario de Galicismos*, publicado em 1921, seu objetivo era o de excluir a proliferação da língua francesa do vocabulário português, observando que, entre as décadas de vinte e trinta do século XX, havia um número excessivo de palavras francesas no uso cotidiano do português. Ver: SCHMITZ, John Robert. Palavras estrangeiras e a língua portuguesa: Invasão cultural ou desenvolvimento técnico-científico? *Calibán, Revista de Cultura*. Recife, maio 2000, pp. 42-46.

de aquisição dos livros, assim, localizam-se no tempo o seu interesse por tais leituras, ou seja, aquilo que estava circulando em seu repertório de conhecimento.

A busca por tais temas refletem o abandono da escola e o desejo de educar-se por conta própria. Outros livros com a mesma temática também são presentes, como o *Lingua Vernacula: Grammatica e Anthologia*, publicado em 1935, de José de Sá Nunes; *Aprende tu mesmo a redigir: Breves lições de redação em prosa, para uso dos alunos da 4ª e 5ª série, e da mocidade em geral*, de 1937, autoria de Estevão Cruz; *Escrever certo*, de 1938, autoria de Aires da Mata Machado Filho, com assinatura do sapateiro e o provável dia da aquisição do livro, grafado em 14 de agosto de 1938; *Iniciação Linguística*, de 1929, escrito por F. V. Lorenz; por fim, a sexta edição de *Grammatica Historica*, sendo o autor Eduardo Carlos Teixeira, publicado em 1929, mas adquirido por Antônio Rocha em 25 de agosto de 1934.

Ao passo em que esses tipos de livros surgem no acervo de Antônio Rocha, verificam-se publicações direcionadas para o desenvolver do conhecimento administrativo e contábil, provavelmente a ser pensado junto às atividades como sapateiro, na organização das contas da sapataria e dos possíveis lucros e gastos. A observação dos títulos oferece os rastros da preocupação com os assuntos relacionados, significando um importante indício para entender o cotidiano de leituras ao qual Antônio Rocha estava formando para si.

Os títulos que circundam essa temática são os seguintes: *Analyse logica no curso primário pelo processo dos diagramas*, autoria de José Scaramelli, publicado em 1927, com assinatura do sapateiro datada em 1º de abril de 1936; *Noções de Commercio e Escripção Mercantil*, escrito por Horacio Berlink, publicado em 1921 e com um pequeno aviso escrito na folha de rosto, onde é informado por

Antônio Rocha que o livro foi comprado em junho de 1934; *Vida Eficiente*,²⁴⁵ livro escrito por Edward Earle Purinton, sem data de publicação, mas, assinado e datado em 2 de fevereiro de 1932; *Contabilidade: Noções preliminares*, autoria de Francisco D’Auria, publicado em 1939; *Matemática fácil e atraente: Metodologia da matemática na escola primária*, sem autor, publicado em 1938, assinado e datado por Antônio Rocha em 9 de julho do mesmo ano; e, por último, a sétima edição do *Método Prático de Análise Lógica*, escrito por Antenor Nascentes e publicado em 1930.

Alguns livros não são possíveis de se fazer identificar o momento da aquisição, mesmo assim interessa mencionar a relação de possuir tais livros em seu acervo, podendo neles estarem as respostas que Antônio Rocha procurava, instigando o interesse em aprender o mínimo ou o máximo possível, para a sua educação autodidata e para sua formação como trabalhador, na hora de realizar e resolver as questões ligadas ao comércio.

Ao mesmo tempo em que encontram-se os livros relacionados ao aprendizado da gramática e ao conhecimento das atividades comerciais, em pelo menos no atravessar de uma década para a outra, ou seja, dos anos vinte para os anos trinta, Antônio Rocha mantém um hábito que é possível observar, como citado anteriormente, ligado à leitura de romances que, segundo ele, eram vendidos de porta

²⁴⁵ Este livro pode ser encarado como dentro dos dois grupos de leituras até aqui apresentados, isto é, das leituras de aprendizado gramatical e das leituras voltadas para as atividades comerciais, pois apresenta em seu índice questões ligadas para a constituição de pessoas eficientes em vários setores da vida, como, por exemplo: o trabalho, o estudo, a alimentação, o lar, etc. Possivelmente o significado da palavra “eficiência”, nessas áreas, despertou a atenção de Antônio Rocha para que este livro formasse parte de seu acervo.

em porta, bem como revistas e almanaques, livros de psicologia e literatura brasileira e europeia dos séculos XIX e XX. Podemos rastrear essas leituras, e em alguns casos, obter maior aproximação do que chamou a atenção do leitor em formação, através de grifados e anotações nos livros. Como o número de livros é expressivamente alto, optamos por apresentar alguns e pensar a partir deles.²⁴⁶

Esse período de leituras, identificado posteriormente por Antônio Rocha como um período de *leituras de prazer*, é interessante pela heterogeneidade de temas que se forma em seu acervo, podemos entendê-las como leituras diletantes, realizadas pelo prazer da leitura, para passar o tempo, apreciando as linguagens diversas com que eram escritas e, talvez, o estimular da imaginação e o enriquecimento do vocabulário, como ele mesmo afirma.²⁴⁷ É importante destacar que, dada a dimensão de seu acervo, é possível que não tenha lido tudo o que adquiriu, há livros que estão com as páginas a serem separadas, pois até aproximadamente os anos sessenta do século XX, muitos livros eram editados dessa forma, ficando para o leitor a responsabilidade de separá-las, utilizando tesouras, estiletes, facas, ou qualquer outra ferramenta cortante.

Publicado em 1929, em sua quinta edição, o livro *Pequena História do Brasil: Para uso das escolas primarias*, escrito por Mario da Veiga Cabral, constitui esse aglomerado de assuntos diversos que irão aparecer ao longo das décadas, no acervo de Antônio Rocha.

²⁴⁶ A totalidade do acervo de Antônio Araújo Rocha encontra-se listada em anexo a este trabalho, para fins de consulta.

²⁴⁷ A heterogeneidade do acervo que constitui a biblioteca de Antônio Rocha é uma característica que se tornará constante até o fim de sua vida, quando para de alimentar de suas estantes com livros, revistas e almanaques.

Outro livro de história é presente com o exemplar do historiador francês Ernest Renan, *Os evangelhos e a segunda geração cristã*, de 1929; o *Romanceiro*, terceira edição, escrito por Coelho Netto e publicado em 1924, mas com assinatura e data de 10 de junho de 1937; há um livro de Ruy Barbosa, de 1923, intitulado como *Orações do Apostolado: Marques de Pombal, Lyceu de Artes e Offícios, Jornal do Commercio, Ensaio sobre Swift*.

O escritor espanhol Vicente Blasco Ibañez²⁴⁸ marca presença nas estantes de Antônio Rocha, com o livro *Os quatro cavaleiros do Apocalipse*, segunda edição, publicado em 1924 na cidade de Lisboa, e com assinatura e data do sapateiro em 8 de novembro de 1937. Este livro oferece grifos em vários trechos, e que podem nos fornecer detalhes potencialmente reveladores para compreender a dimensão do tipo de leitura realizada, atraindo o olhar de Antônio Rocha para um conjunto de ideias mais amplas e que estavam sendo muito discutidas na conjuntura internacional, no momento em que adquire o livro.

A partir dos grifos deixados por Antônio Rocha, aproximamos-nos de seu olhar diante do texto; os conteúdos dos trechos destacados parecem evidenciar uma identificação com os personagens oprimidos, por um lado, e as características autoritárias e opressoras de conflitos entre classes, por outro. Considerando a leitura que faz de si mesmo, lembrando-se de seu contexto nos anos quarenta, Antônio Rocha irá comentar que suas *leituras da realidade* passaram a ter outros sentidos após entrar em contato com o Partido Comunista, porém, muito provavelmente esta percepção poderia estar sendo gestada anos antes, do seu próprio modo, sem intervenções exteriores, sem seguir as

²⁴⁸ Escritor espanhol que dedicou-se a política, a literatura e ao jornalismo. Nasceu em 1867 e morreu em 1928. Caracterizado como entusiasta e defensor dos ideais republicanos, opondo-se às monarquias.

orientações do partido do que deveria ser lido, e principalmente, da forma como ler.²⁴⁹

Assim, pensamos ser interessante direcionar a atenção para a maneira como as frases estão articuladas, oferecendo situações e ideias para o leitor trabalhar a imaginação, ou trazendo respostas para os seus anseios, estimulando os sentimentos de identidade em relação a conjuntos argumentativos. O trecho a seguir refere-se às camadas mais pobres das sociedades modernas:

[...] A filosofia da democracia moderna é um cristianismo laico. Nós, os socialistas, amamos os humildes, os necessitados, os fracos. Defendemos o seu direito à vida e ao bem estar, como os grandes exaltados da religião, que em todos os infelizes e deserdados viram irmãos. Exigimos o respeito pelo pobre em nome da justiça; os outros pedem-no em nome da piedade. Isto nos separa unicamente. Mas uns e outros diligenciamos porque os homens se ponham de acordo para uma vida melhor; que o forte se sacrifique pelo fraco, o poderoso pelo humilde, e que o mundo se reja pela fraternidade, procurando a maior igualdade possível.

[...] A civilização é o afinamento do espírito, o respeito do semelhante, a tolerância pela opinião alheia, a suavidade dos costumes.²⁵⁰

²⁴⁹ Mais adiante, iremos comentar a respeito da transição de leituras feita por Antônio Rocha, reconhecidas por ele em dois momentos, feitas de um modo diferente antes da entrada no Partido Comunista do Brasil e o significado das leituras, que passaram a serem realizadas após o ingresso no PCB.

²⁵⁰ IBAÑEZ, Vicente Blasco. *Os quatro cavaleiros do apocalipse*. 2ªed. Trad. Raul Proença. Lisboa: Livraria Peninsular Editora, 1924. Respectivamente, a primeira citação encontra-se grifada na página 133 e a segunda na página 136.

Em comum, os dois trechos expõem a necessidade da compreensão do outro e de suas diferenças, tornando viável a participação política dos mais pobres. Seria possível Antônio Rocha ter manifestado alguma empatia com esses trechos? Acreditamos que sim, principalmente, para o processo de formação como militante político. A própria orientação *obreirista* do PCB, durante os anos trinta, ofereceria tais condições de interpretação dos ideais revolucionários, identificando na figura do pobre, o potencial transformador da sociedade, vindo da classe trabalhadora.

Por outro lado, o contato e a identificação com os mais pobres e o sofrimento que estes passam remetem à outra hipótese de Hobsbawm e Scott, a respeito da inclinação para o radicalismo político que os sapateiros teriam forjado. Segundo o próprio sapateiro, expõe que também passou por sofrimentos nos tempos de infância, provavelmente entre 1910 e 1920, destacando que “minha família era muito pobre, de trabalhador, de operário, né. A vida é muito difícil naquele tempo, como hoje, né, mais difícil ainda. Apesar de todas essas dificuldades, a gente vai crescendo, vai vivendo, a vida de trabalhador é assim, né, passa fome, sofre, frio”.²⁵¹ Pode ser que certo sentimento, unido à empatia diante de leituras que o motivassem a pensar acerca dos problemas sociais – fome, principalmente –, contribuiria para esse caldeirão de experiências reais adquiridas e imaginárias, formando o sapateiro-leitor-militante.

A partir deste ponto, pensamos ser necessário realizar um recorte no acervo de Antônio Rocha e procurar entender como se constitui um repertório de leituras voltadas para os problemas sociais, especificamente,

²⁵¹ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 02.

partindo do que ele compreende como algumas leituras que o fizeram pensar nessas questões. Entre finais dos anos vinte e durante a década de trinta, houve uma mudança na compreensão de leitura e do significado atribuído a essa atividade pelo sapateiro, podemos refletir que o processo de amadurecimento estava começando a consolidar-se.

É nesse contexto, alguns anos antes de sua entrada no PCB, que essa modificação na leitura se faz, de forma lenta e que, após o ingresso no partido, seria interpretada de outra maneira, como mencionado anteriormente. Anos mais tarde, em seu depoimento, comenta sobre o seu entendimento acerca do que significa a leitura para si. É muito interessante observar como desenvolve suas ideias:

[...] Daqui um dia, você vai selecionar a leitura, você vai começar a compreender porque você está lendo o que você gosta de ler... Passando do prazer para a realidade. Passa a compreender que a leitura é uma necessidade na vida, tanto quanto o pão, é uma necessidade tanto quanto comer pão, né... Respirar o ar... Hoje, eu entendo assim.

Aí passei a ler outros autores. Por exemplo... Humberto de Campos, que me levou a ter toda a literatura de Humberto de Campos... Cronista, poeta, jornalista. É... e também, aquele outro...o francês Alexandre Dumas, Balzac, esses estrangeiro, né. Eu li muito deles também, né. Aquele... Lima Barreto, conheço toda a obra de Lima Barreto... Machado de Assis, José de Alencar... Mais outros, mas, esses que eu me prendi mais foi José de Alencar, Lima Barreto e Euclides da Cunha, né... Principalmente, Euclides da Cunha, o livro “Os Sertões”.

Naquele livro que eu fui saber que havia uma luta nesse país contra o latifúndio. Eu tava pensando entrar dizendo que era o latifúndio. Ali, o que que tá acontecendo? É uma batalha muito grande contra o latifúndio nesse país. E, Antonio Conselheiro - comandante da luta - , esmagaram com

ele.. esmagaram... três vezes, na quarta investida, esmagaram com... esqueci o nome... do lugar que ele travou essa batalha, né... Canudos!²⁵²

Antônio Rocha divide sua vida de leituras em dois momentos, uma voltada para as leituras que ele julga serem caracterizadas como de *prazer* e as que estão no campo da *realidade*, provavelmente serem estas leituras as que compreendeu como questionadoras de sua realidade e que lhe ofereceram as ferramentas para criticar a organização do Partido Comunista em 1947, como demonstrado no capítulo anterior. O interessante aqui é que as leituras *prazerosas* formaram a capacidade de interpretação do sapateiro, de modo que, quando entrou em contato com as leituras da *realidade*, desenvolveu diferenciações no campo da leitura, selecionando as leituras potencialmente transformadoras de seu próprio mundo.

Em uma de suas anotações, vemos o seu interesse particular pelo livro de Euclides da Cunha, onde escreveu um trecho do capítulo seis, chamado *Canudos não se rendeu*, expondo o seguinte: “Canudos não se rendeu. Expugnado palmo à palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.²⁵³

²⁵² Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988, pp.3-4.

²⁵³ Anotação atrás de correspondência destinada a Antônio Araújo Rocha, em posse de sua família, na cidade de Paranaguá. Trecho presente em: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

A citação está no livro publicado em 1940, este sendo a décima quinta edição. A anotação, por sua vez, não é desse período, mas de no mínimo vinte anos depois, pois está escrita atrás de uma carta destinada a Antônio Rocha, sendo o remetente um de seus irmãos, com data de 14 de dezembro de 1960. Mesmo a anotação ter sido escrita, provavelmente, nesta data, não podemos descartar o interesse do sapateiro com esse trecho, que pode nos revelar o seu olhar para o tema da resistência, diante da opressão, num momento em que já atua politicamente, em nome do PCB, possuindo uma leitura diferente – mas que possui as suas continuidades de temas – da que estamos refletindo.

Assim, é possível afirmar que essa mudança de leituras se deu, aproximadamente, a partir de 1934/1937, quando os livros de Humberto de Campos começam a aparecer em suas estantes. O mesmo acontece com Balzac, Alexandre Dumas, Euclides da Cunha, José de Alencar e Machado Assis – este último, aparecendo na sua biblioteca nos anos cinquenta, mas que está anos antes no seu acervo, biografado por outros autores. Muitos outros aparecem em suas estantes, como George Bernard Shaw, Emile Zola, Edgar Allan Poe, Mark Twain, Charles Dickens, Jack London, Leon Tolstoi, Michel Zevaco, John Steinback, Karl May, José Lins do Rego, Nikolai Gogol, Arthur Conan Doyle, entre outros.²⁵⁴

Com tal repertório de conhecimento, Rocha iria seguir para o Partido Comunista do Brasil. No entanto, em documento de 1936, emerge detido como preso político, juntamente com outras setenta e

²⁵⁴ Lima Barreto e Michel Zevaco, por exemplo, foram ligados ao anarquismo. Mesmo em dois países diferentes, - o primeiro estando no Brasil e o segundo na França -, buscavam intervir na sociedade através de seus escritos e, de maneiras distintas, atuando politicamente. A trajetória de Michel Zevaco é interessante, pois, esteve envolvido no caso Dreyfuss, em fins do século XIX.

cinco pessoas, também na condição de presos políticos, na “Casa de detenção, anexa a Penitenciária do Estado”, preso entre 30 de novembro de 1935 e 05 de dezembro do mesmo ano.²⁵⁵ Em seu depoimento, confirma esta informação,

[...] Em trinta e quatro, a gente a foi preso, né, fui preso lá. Fui preso uma vez também, me mandaram pra cá, pra Curitiba, né, vim pra cá, esses tempos vendiam bebida no trem, né, vendiam bebida no trem, e daí o polícia veio me trazendo, aí o polícia, ‘quer beber alguma coisa?’ Quando cheguei em Curitiba, cheguei bem. Aqui fiquei preso no DOPS aí, um dia, dois dias, essa data eu não lembro.²⁵⁶

Percebemos que há um erro de datação do ocorrido, como o depoimento foi dado na década de oitenta, é provável que a memória o traia nesses detalhes. Porém, ter sido detido como preso político no final de novembro de 1935 é um acontecimento potencialmente revelador, não apenas pelo fato de que a insurreição comunista tivesse ocorrido dias antes de sua prisão, no dia 25 de novembro, na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, mas pelo motivo de que a Aliança Nacional Libertadora tenha sido fundada meses antes, no mês de março.

Assim, podemos imaginar que Rocha foi detido por ter ligações com a ANL, como membro-militante, ou por manifestar ideias próximas às propostas de esquerda que eram veiculadas em sua conjuntura. Sua ligação ou não com a ANL não é possível de esclarecer, contudo, a ação de ter sido colocado em detenção elucidou-nos que representava uma ameaça à ordem, na percepção do Estado. Diante

²⁵⁵ DEAP/DOPS. Pasta Temática Nº 1468a. Topografia: 174. p. 174.

²⁵⁶ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 20.

disso, iremos abordar a sua transição para o PCB e as possibilidades do que isso significou, principalmente para a maneira de ler e atuar politicamente.

3.2 “Os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”: o ingresso no PCB e as leituras marxistas

Antes de oficializar a sua entrada ao PCB, como comentamos anteriormente, a percepção de leitura de Rocha já estava sofrendo alterações significativas, direcionando o seu olhar para reflexões literárias que problematizavam questões amplas na sociedade, como a fome, miséria, sofrimento diante da exploração e da opressão. Estar diante do partido o colocaria em contato com outra agenda de leituras, ao mesmo tempo próximas e distantes das que estava habituado a ler.

Esse contexto de pré-transição para o PCB caracteriza-se como um momento particular em sua trajetória, pois, segundo ele, “daí pra cá eu fui lendo, fui entrando em contato com outras leituras, com o Partido Comunista. Antes de eu entrar em contato com o Partido Comunista, no fim da Guerra de 1946, né”.²⁵⁷ Isto significa ser um ponto de referência, podendo estabelecer comparações entre as de *prazer* e as da *realidade*. Podemos entender isso, observando como Rocha lida com essas leituras distintas de conteúdo e abordagem, de um ponto de vista que se dá a partir dos seus próprios termos, ou seja, de acordo com a sua experiência.

²⁵⁷ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 04.

Assim, referenciando-se às leituras de *prazer*, destaca:

Então, eu li muito, mas, antes eu lia... a gente lia mas não aprendia, né... Lia por prazer, lia por prazer. [...] Lia o “Justicheiro”, esses romances... lia e não aprendia nada, né. O prazer de ler era o vocábulo que ficava na cabeça, a leitura traz isso. Por menos que ela traga uma compreensão oportuna, mas, diante de ti é o vocábulo que fica na cabeça... É a palavra, né. Você sabe falar, se expressar, né... É a leitura.²⁵⁸

A partir da ocasião em que entra em contato com o PCB, a sua percepção muda em relação a essas leituras, expondo o seguinte:

Então, eu fiquei lendo sempre assim, até cheguei... Até o Partido Comunista. Quando entrei no Partido Comunista foi quando teve a Primeira, Segunda Guerra Mundial... A gente colocou-se contra os países da turbulência nazifascista... Tinha um barbeiro lá perto de onde eu trabalhava, morou muito tempo ali... Então esse barbeiro era meu aliado, acabamo conhecendo o João Teixeira... João Teixeira que tá aqui do lado, João Teixeira... Então, esse barbeiro foi que me arrastou pra dentro do Partido, quando o Partido veio pra legalidade. Isso em 1946, quando veio a Anistia Ampla, né, quando o Partido veio pra legalidade. Então, foi... eu vim pra dentro do Partido.²⁵⁹

Ao entrar no partido, observamos uma cisão, particularmente, podemos considerar uma reorganização mental da compreensão de mundo que é oferecida ao sapateiro, quando adere ao partido, muito

²⁵⁸ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988, pp.3-4.

²⁵⁹ Idem, p. 04.

próximo do que Jorge Ferreira argumenta sobre a entrada de muitos, no mesmo período, no PCB, refletindo que a entrada no partido e sua iniciação nas práticas que envolvem para ser um comunista efetivo, possui o significado de entrar em contato com mitos fundadores, que fundaram realidades, aproximando-se e conhecendo segredos, mistérios que ele pouco imaginava ou sequer pensava a respeito.

Contudo, no caso de Antônio Rocha, observamos que antes de seu ingresso ao aparelho partidário, a gestação de uma compreensão crítica da realidade já manifestava-se, a partir dos anos que passou lendo literaturas distintas entre si. Talvez, as experiências de leitura teriam oferecido ferramentas de interpretação próprias do sapateiro, um método singular, criado em seus próprios termos.

Entretanto, mesmo com a entrada no PCB, esse contexto de leituras até aqui analisado revela-se em toda a sua complexidade e particularidade. Isso fica mais claro quando nos aproximamos de sua leitura de si, quando fez o ritual de passagem para o partido. É muito interessante a maneira como expõe os sentimentos em relação a isso. Vejamos:

Entre pra dentro do Partido sem saber o que tava fazendo, mas, reconhecia esse ânimo, essa vontade de... participar de alguma coisa, tava vindo essa vontade. Foi, foi indo, ali dentro o Partido me ensinou outras coisas, o Partido me ensinou a compreender o que se lê, né. A compreender por que se vive, pra que se vive, para que se vive... o Partido me ensinou. Aí fui ler Lenin, Marx, Engels, outros, né... os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência.²⁶⁰

²⁶⁰ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 05.

É possível perceber que Rocha oferece indícios de um sentimento de identificação, algo que o faz reconhecer a necessidade de responder a tais anseios. Identificando o partido como o objeto mobilizador desse desejo, uma sensibilidade política que já encontrava-se em gestação, vemos o partido como um aparelho afetivo, como Ansart argumenta. Também é possível sentir ecos da ansiedade de Rocha em participar daquilo que encontrara sentido para si, ao mesmo tempo oferecendo segurança para seguir os seus passos. De acordo com Ansart, o partido oferece um refúgio, um lugar seguro para os que aderem a sua estrutura, e isso torna possível a continuidade do aparelho, revelando-se uma dimensão essencial da afetividade partidária.²⁶¹

É curiosa a forma como designa Lênin, Marx e Engels, como “homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”, levando-nos aos indícios de suas apropriações, reelaborando um conjunto de ideias e de ideologia, orientando a sua vida a partir delas. Mais adiante iremos refletir sobre o que representa considerar tais autores como “realidade avançada, comandantes da ciência”.

Sugerimos fazer um intervalo e voltar para o seu acervo, agora, em busca das leituras ligadas direta e indiretamente ao PCB e ao Marxismo, bem como o tipo de literatura que surge em sua biblioteca, dos fins dos anos trinta em diante. Como o acervo é vasto, propõe-se um esforço em apresentar e discutir o que pode ter desempenhado um contato maior com o pensamento marxista, quais conjuntos de obras e quais autores aparecem nesse leque que se abre para Antônio Rocha.

Entender o que constitui esse repertório de leituras é significativo para compreendermos como se desenvolve, por exemplo, as críticas

²⁶¹ ANSART, 1983, p. 111.

de Rocha à organização do partido, como demonstramos no capítulo anterior. Além disso, acreditamos que se faz necessário, na medida em que Rocha oferece os rastros, em sua materialidade, analisar os indícios de uma cultura militante que se refere àqueles sapateiros europeus do final do século XVIII e durante todo o XIX. É inspiradora, para continuarmos a análise, a passagem em que o historiador Sérgio da Mata escreve sobre Max Weber, estudando os detalhes deixados pelo autor alemão nas formas de grifos e anotações, em muitos de seus livros. Mata aponta, em poucas palavras, o que tomamos como referência:

Já nos cansamos de ouvir que o passado deixa de existir, que o acesso a ele não passa de ficção. Isso contradiz toda experiência. Tal como uma estrela, cujo brilho atesta a própria existência mas nunca nos dá a imagem do seu agora, o passado pode ser “visto”. Ele pode ser percorrido, até mesmo tocado. Como vários pesquisadores antes de mim, tive nas mãos cartas que Weber escreveu de próprio punho. Cartas à mãe, aos irmãos, à esposa, ao seu estimado tio Baumgarten. Em tais momentos produzia-se, de novo, aquela sensação que continua a emprestar ao trabalho do historiador boa parte de seu encanto. Algo que, por assim dizer, emana de uma carta em sua materialidade, mais que pelas palavras que contém – como não dizer que Weber estava ali? Ele pousou suas mãos sobre o papel, dobrou-o cuidadosamente... No que hoje resta de sua biblioteca, em seus grifos e anotações à margem das páginas, com que entusiasmo descubro que seu olhar convergiu para este, não para aquele trecho: cada grifo é um pequeno tesouro, conta-nos uma história.²⁶²

²⁶² MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: As origens da obra de Max Weber*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 17-18.

Não estamos aqui equivalendo um intelectual da envergadura de Max Weber e de toda a sua produção como pesquisador, de maneira igual ao que trazemos sobre o sapateiro Antônio Rocha, nem temos cartas à mãe, aos irmãos, aos tios, muito menos à esposa – pois não se casou. Porém, consideramos legítimo partir do mesmo ponto de vista metodológico de que parte Sérgio da Mata, destacando que “cada grifo é um pequeno tesouro, conta-nos uma história”.

Tomemos o rastro que Rocha nos oferece, citando Lênin, Marx e Engels para adentrar a esse outro conjunto de leituras. Em suas estantes, observamos as seguintes obras: *O Materialismo: Filosofia do Proletariado*, publicado em 1934, com textos de autores como Lênin, Engels, Lafargue, Pumarega, Gueux e Bukharin; o livro de D. S. Mirsky, *Lenine: Sua vida e obra – Como apêndice um estudo de Maxim Gorki sobre Lenine*, de 1944; os livros de Vladimir Lênin, *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, de 1945; *Que fazer? Problemas candentes de nosso movimento; Marxismo e Revisonismo*; e *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, ambos de 1946; dois livros de autoria de Max Beer, *História do Socialismo e das Lutas Sociais: Antiguidade e Idade Média* e uma biografia de Karl Marx, *Carlos Marx: Sua vida e obra*, os dois com publicação em 1944; o livro escrito por I. Lapidus e K. Ostrovitianov, *Princípios de Economia Política*, também de 1944.

Estão presentes, também, livros de Karl Marx e Friedrich Engels. Os livros de Engels são: *O cristianismo primitivo: Estudos dialéticos das origens de uma religião*, sem data de publicação; *Anti-Dühring: Filosofia, Economia, Política, Socialismo*, publicado em 1945; *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, publicado em 1944; e *Dialética da Natureza*, de 1946.

Os livros de autoria de Karl Marx são: *Trechos escolhidos sobre Economia Política*, de 1946; alguns tomos de um livro que reúne textos de Marx, Lênin, Engels e Stalin, chamado *Imperialismo*, de 1951/1952. Em *A origem da família*, estão disponíveis alguns trechos grifados, sugerindo um interesse de Rocha pela questão da mulher na sociedade, no capítulo dois *A família*, analisada por Engels:

[...] Ora, lar comunista significa predominância da mulher na habitação, assim como o reconhecimento exclusivo de uma própria mãe. Sendo impossível saber quem é o pai, tal fato outorga alta consideração às mulheres, isto é, à mãe. Uma das ideias mais absurdas que nos foram transmitidas pela filosofia do século XVIII é a de se pensar que a mulher foi, desde a origem da sociedade, uma escrava do homem. A mulher tem, entre todos os selvagens e entre todos os bárbaros, dos estádios médio e inferior, mesmo em parte do estádio superior, uma situação não só livre, como bem considerada.²⁶³

Será que, após sua leitura de Engels, Antônio Rocha estaria mais sensível às reivindicações das mulheres, por mais liberdade e igualdade de direitos? Talvez seja significativo, o comentário que Rocha expõe a respeito das lutas das mulheres operárias em Paranaguá, aproximadamente na década de cinquenta ou início dos anos sessenta.

[...] tinha a Associação das Mulheres, né, as catadoras de café também, né... Naquele tempo, o café vinha pra ser beneficiado em Paranaguá, né. Então tinha as catadoras,

²⁶³ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. Trecho grifado na página 69.

em cada armazém trabalhava um grupo de catadoras, pra depois se especializar. Então organizaram uma... Uma Associação de Catadoras de Café, foi muito grande, até que uma vereadora aqui de Curitiba, chama-se Maria Olímpia, ela dava apoio, né. Esse... fizeram muitas lutas, a Associação das Mulheres, mil e duzentas operárias, né... Então esse foi um destaque, de muita importância da organização das mulheres.²⁶⁴

No livro escrito por Lênin, *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, encontramos alguns grifos que podem nos fazer entender o contexto de ingresso de Antônio Rocha no PCB, precisamente, em adquirir conhecimentos acerca da organização partidária. No capítulo intitulado *O comunismo “de esquerda” na Alemanha: Chefes, partido, classe, massa*, é possível observarmos o que atraiu o olhar de Rocha:

O simples fato de perguntar: “ditadura do partido *ou* ditadura de classe? Ditadura (partido) dos chefes *ou* ditadura (partido) das massas?” Indica a mais incrível e irremediável confusão de ideias. Existem uns senhores sabe-tudo que se esforçam para *inventar* alguma coisa inteiramente original, e, em seu afã de sabedoria, não conseguem mais do que cair no ridículo. Todos sabem que as massas se dividem em classes, e que só é permissível contrapor as massas às classes em um sentido: quando se opõe uma maioria esmagadora, em sua totalidade, sem se distinguir as posições ocupadas em relação ao regime social de produção, a categorias que ocupam posição especial neste regime; todos sabem que as classes estão geralmente, nas maiorias dos casos, pelo menos nos países civilizados

²⁶⁴ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 07.

modernos, dirigidas por partidos políticos; que os partidos políticos estão dirigidos, na regra geral, por grupos mais ou menos estáveis das pessoas mais autorizadas, influentes, experientes, eleitas para os cargos mais responsáveis, e que se chamam chefes. Tudo isto é o “ABC”, tudo é simples e claro.²⁶⁵

Mais adiante seguem outros trechos grifados. Poderíamos resumi-los, no entanto, pensamos ser necessário observá-los como foram grifados, de maneira completa, para podermos entender o que atraiu a atenção de Rocha. Optamos por reproduzi-los, antes de continuarmos na análise:

Nos últimos momentos da guerra imperialista e depois dela, foi quando se manifestou com mais vivacidade e relevo o divórcio entre “os chefes” e “a massa” em todos os países. A causa principal deste fenômeno foi explicada diversas vezes por Marx e Engels, de 1852 a 1892, tomando o exemplo da Inglaterra. A situação criada pelo monopólio exercido por este país, deu origem ao nascimento de uma “aristocracia operária” oportunista, semi-pequeno-burguesa, saída da “massa”. Os chefes desta aristocracia operária sempre se passavam para o lado da burguesia, e eram por ela direta ou indiretamente sustentados. Marx mereceu o ódio, que lhe honra, destes canalhas por tê-los desenhonrado publicamente chamando-os de traidores. O moderno imperialismo (do século XX) também criou, em benefício de alguns países adiantados, uma situação privilegiada, fruto do monopólio, e sobre este terreno vimos crescer, em todas as partes, dentro da Segunda

²⁶⁵ LENIN, V. I. *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*. Trad. Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946. Coleção “Unidade”. Trecho grifado na página 34.

Internacional, êsse tipo de chefes-traidores, oportunistas, social-chovinistas, que defendem os interesses de sua corporação, de seu estreito meio da aristocracia operária. Estes partidos oportunistas separaram-se das “massas”, isto é, dos setores mais amplos dos trabalhadores, da maioria dos mesmos, dos operários pior remunerados. A vitória do proletariado revolucionário é impossível se não se luta contra semelhante mal, se não se denuncia, se não se enfrenta, se não se expulsa os chefes oportunistas social-traidores; tal é a política levada á prática pela Terceira Internacional.²⁶⁶

[...] dispersão, inconstância, falta de capacidade para o domínio de si mesmo, para a união dos esforços, para a ação organizada.²⁶⁷

[...] São necessárias uma centralização e uma disciplina severíssimas no partido político do proletariado para impedir isso, para permitir que o proletariado exerça acertada, eficaz e vitoriosamente sua função *organizadora* (que é a sua função *principal*). A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da velha sociedade. A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de homens é a força mais terrível. Sem um partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo o que haja de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba tomar o pulso do estado de espírito das massas e influir sôbre esse estado de espírito, é impossível levar a cabo, com êxito, esta luta. É mil vezes mais fácil vencer a grande burguesia centralizada, do que vencer milhões e milhões de pequenos patrões que, com sua atividade corruptora invisível, impalpável, de todos os dias, produzem *os* resultados que a burguesia necessita, e que

²⁶⁶ LENIN, 1946. Trecho grifado na página 36.

²⁶⁷ Idem, trecho grifado na página 38.

determinam a *restauração* da mesma. Tudo o que enfraquece, por pouco que seja, a disciplina férrea dentro do partido proletário (sobretudo na época de sua ditadura), ajuda, na realidade, a burguesia contra o proletariado.

Ao lado da questão: chefes, partido, classe, massa, é preciso levantar a dos sindicatos “reacionários”.²⁶⁸

O interesse por tais reflexões pode ter sido muito significativo, para problematizar a organização do partido em Paranaguá, anos depois. A referência a Lênin e aos mecanismos que disponibiliza para organizar os trabalhadores seriam fundamentais para que Rocha desenvolvesse a sua militância. Não temos como apreender a maneira como pensou a leitura desses trechos, porém, a busca pela leitura de Lênin, se considerar a sua entrada no PCB, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e os trechos grifados, torna-se muito oportuna a característica dessas leituras estarem sendo realizadas para, agora, o amadurecer de Rocha enquanto militante ligado ao partido. Em seu último grifo, na conclusão do livro, observa-se o seguinte: “O que importa agora é que os comunistas de cada país adquiram consciência [...]”.²⁶⁹

Antônio Rocha comenta, em seu depoimento, esse contexto de leituras e militância, destacando como realizava as tarefas designadas pelo partido.

Atuava-se aí, a gente atuava politicamente, porque participava de tarefas políticas, [...] Por exemplo, tinha uma campanha pela intervenção da [palavra incompreensível],

²⁶⁸ LENIN, 1946. Trecho grifado nas páginas 38 e 39.

²⁶⁹ Idem, trecho grifado na página 106.

foi uma campanha muito grande, a gente participou dela, fizemos comando na rua, né. O João Teixeira que tá aqui do lado, Helena tá aí, né... O pai dela, Eustáquio Quadros... Antonio Maia, estivador, grande líder de todo o Paraná e talvez do Brasil... Tinha o Antonio Maia, o João Miranda, tinha o Chagas... Tinha uma porção de companheiro da estiva, dos outros sindicatos. Toda Paranaguá deve se orgulhar de ter esse privilégio, que tem uma porção de trabalhadores que participaram de lutas, greve, tudo isso. Então, a gente lia a leitura do trabalho, Marx, eu lia muito. Então a gente aplicava na tarefa, né. Aí entrou a campanha pelo monopólio estatal do Petróleo, “O petróleo é nosso”, então, o João Teixeira era suplente do vereador Silvio Drummond, Silvio Drummond precisou se ausentar, então o Teixeira entrou. Entrou de suplente pra ficar no lugar dele. Aí foi que nós levantamos a campanha na Câmara de Vereadores de Paranaguá, levantamos a campanha pelo monopólio estatal do petróleo, discutimos, fizemos um discurso lá.²⁷⁰

A campanha pelo monopólio estatal do petróleo é um acontecimento muito interessante, pois revela como os sinais/signos comoventes operam na mobilização da massa partidária, em prol de seu programa político. Podemos entendê-la como um sinal de possível renovação da afetividade política, justamente pelo modo como mobilizou os seus militantes, o “monopólio estatal” seria o signo que potencialmente uniria o povo ao partido, uma emoção coletiva. Nesse sentido, Ansart destaca que o lugar e a conjuntura política fazem toda a diferença para que os apelos políticos tenham cargas emocionais fortes.²⁷¹

²⁷⁰ Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 05.

²⁷¹ ANSART, 1983, p. 69.

Esse contexto de leituras marxistas é muito interessante, pois, unido aos livros, podemos verificar a incidência de revistas voltadas para o tema, onde traziam textos de diversos intelectuais de vários países, o que revela o contato de Antônio Rocha com a produção do período que debatia as teorias e projetos políticos que pensavam emancipar a sociedade, pensando a partir do marxismo. Assim, revistas presentes em seu acervo, como a *Divulgação Marxista*, *Problemas – Revista de Cultura Política*, *Fundamentos*, *Literatura*, reuniam uma gama de intelectuais interessados e, muitas vezes, ligados diretamente aos partidos comunistas de seus respectivos países, o que potencialmente ofereceria leituras distintas acerca da conjuntura daquele momento, para Antônio Rocha. Contudo, é preciso destacar que nosso objetivo *não é* traçar uma trajetória exaustiva das leituras de Rocha, mas identificar o seu cotidiano de leituras e observar que estava inserido em uma ampla rede de comunicação político-ideológica, muito além dos limites da cidade de Paranaguá.

Desta forma, é conveniente um esforço de reflexão acerca da conjuntura de debates em torno das políticas culturais do PCB. Segundo Antônio Rubim, o imbricamento política-ideologia, conduziu uma contínua e consciente preocupação com a produção e difusão de cultura, com meios que se fizeram necessários para a efetivação e eficácia de propagação. É interessante pensarmos, assim como Rubim, que como movimento político-ideológico, e fundamentalmente cultural, os marxistas se dedicaram a educar seus militantes e a “conquistar mentes e corações de trabalhadores e de outros grupos sociais não-dominantes e influenciar a sociedade como um todo em um patamar político-ideológico e cultural”.²⁷²

²⁷² RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. In: *História do Marxismo no Brasil 1995*. p. 379.

Entendendo-a como certa tradição, iniciando-se com Marx e Engels, a produção e difusão de cultura e seus meios, ligadas ao pensamento marxista e suas mais variadas orientações e dissidências, materializaram-se em várias formas, como: escolas de partido, jornais, revistas, editoras, livrarias, produtoras, distribuidoras cinematográficas, gravadoras, oficinas de arte, grupos de música, canto, teatro, dança, instituições e encontros culturais, entre outras. A partir disso, alguns partidos elaboraram complexas redes de organização, produção e difusão de cultura.²⁷³

Assim, Rubim aponta que o Partido Comunista buscou estruturar uma rede de aparelhos culturais, direcionada a seus militantes ou a um público mais amplo, objetivando e realizando sua intervenção político-ideológica na sociedade brasileira. Nem sempre suas intervenções foram feitas de maneira contínua, é significativo lembrarmos que, durante quase toda a sua existência, o partido atuou na clandestinidade, muitas vezes tendo que elaborar táticas de sobrevivência para continuar produzindo suas críticas e divulgando suas produções, onde reuniram-se diversos intelectuais.

Partiremos, novamente, dos indícios que o acervo de Antônio Rocha oferece, para entendermos como foi a dinâmica da imprensa comunista, em alguns momentos de sua existência. Por exemplo, o auge das publicações comunistas nos anos trinta concentra-se no ano de 1935, momento de maior polarização ideológica e luta política, basta lembrarmos da insurreição comunista no mês de novembro, que inicia em Natal e da fundação da ALN, em março. Diante disso, o partido possui acesso a pelo menos três publicações para os militares – Exército, Marinha e Aeronáutica, bem como jornais, boletins sindicais, jornais

²⁷³ RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: *História do Marxismo no Brasil 1995*. p. 379.

de estudantes, três jornais diários e revistas culturais, como *Inteligência*, *Flama*, *Revista Acadêmica*, *Belas Artes* e *Movimento*, um órgão do Clube de Cultura Moderna, uma entidade que mantinha proximidade com a ANL, segundo Antônio Rubim.

Entretanto, essa efervescência da imprensa comunista seria desmantelada logo ao final do mesmo ano, colocando a rede de jornais e revistas em grande dificuldade de manifestar-se. Mesmo assim, Rubim comenta que a repressão do Estado Novo não impediria a atividade dos comunistas na imprensa. A revista *Problemas* é um exemplo disso. Logo, em 1937, reuniam-se vários intelectuais de esquerda, sendo comunistas ou não, convergendo para os temas que a publicação destinava-se, com orientação antifascista e nacionalista, abordava temas de economia, política, literatura, poesia e história.²⁷⁴

Mais adiante, com a abertura democrática e o fim do Estado Novo, em 1945, os comunistas experimentariam o desenvolvimento de uma rede de comunicação ampla. Antônio Rubim argumenta que esse período seria a fase áurea da imprensa comunista no Brasil. Porém, a abertura política para o PCB iria até 1947, quando entra novamente na ilegalidade e a repressão torna-se constante. Desmantelando, novamente, a imprensa que se formara. Contudo, com a repressão e censura, a imprensa comunista se mantém, continuando a atuar politicamente. Nesse sentido, a conjuntura pós-1945 vê o renascimento do jornal *A Classe Operária* e o surgimento dos jornais *Momento Feminino*, *Terra Livre e Emancipação*. A revista *Divulgação Marxista*, *Psyke* e *Joaquim* também são criadas. No mesmo momento, a revista *Literatura* inicia a circulação, em 1946, por iniciativa de Astrojildo Pereira, tem o objetivo de aproximar cultura e povo, atraindo setores amplos

²⁷⁴ RUBIM, 1995. p. 386.

da intelectualidade para publicar em suas páginas. O conselho editorial compunha-se por Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Artur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa.²⁷⁵

Podemos observar, em alguns de seus números, presentes no acervo de Rocha, quais temas circulavam pela publicação: o número dois, de outubro de 1946, apresenta textos de Nelson Werneck Sodré, sob o título *O Post-Modernismo*; Aníbal Machado apresentando o texto *A Poesia na Resistência Francesa*; Orígenes Lessa com *Discurso em Fortaleza*; Floriano Gonçalves com *Discurso em Limeira*; Carlos Drummond de Andrade e seu *Cancioneiro Geral da Guerra Espanhola*; Guilherme Figueiredo em *Cena de Teatro em Altemburgo*, entre outros.²⁷⁶

Outra revista que está no acervo de Rocha e que citamos anteriormente é a revista *Fundamentos*. Iniciou suas atividades por iniciativa dos comunistas de São Paulo, em julho de 1948, editando quarenta números, finalizando a circulação em 1955. De acordo com Rubim, a revista passa a tecer críticas à cultura burguesa cosmopolita, sendo um pólo do debate em torno do cinema brasileiro. Os responsáveis pela revista são intelectuais como Monteiro Lobato, Caio Prado Jr, e outros. Durante os anos cinquenta, há uma proliferação de revistas político-culturais, que, segundo Rubim, é “parte de uma verdadeira blitz ideológica desencadeada pelo PC no seu período de auge do stalinismo e de sua versão na estética: o realismo socialista radicalizado de Zhdanov.”²⁷⁷

²⁷⁵ RUBIM, 1995. p. 390.

²⁷⁶ LITERATURA, Revista Mensal. Rio de Janeiro, Outubro de 1946, Ano I, Número 2.

²⁷⁷ RUBIM, 1995. pp. 391-392.

O próximo passo dedica-se a algumas reflexões a respeito do realismo socialista, faremos isso, de acordo com o nosso objetivo, partindo dos indícios e rastros que Antônio Rocha deixou em sua biblioteca.

3.3 As leituras proibidas de um comunista

O que significa um militante comunista possuir livros que discordam das orientações programáticas do partido? O partido, muitas vezes, proibiu que vários títulos, de vários autores, fossem lidos e estudados pelos seus quadros, acusando-os de anticomunistas, dissidentes, etc. Muitos dos livros proibidos pelos próprios comunistas, caracterizavam-se como críticos ao modo de pensar e organizar a política, contrários à submissão das orientações partidárias, contrários às decisões do PCUS, sendo colocados como leituras que não estimulariam o debate em que as direções dos partidos estavam interessadas em debater, orientadas pelas orientações propostas por Moscou.

Logo, o processo de gestação do realismo socialista produz, na década de 1920, suas ressonâncias na repressão ao campo da literatura russa, antes de sua plena implantação como projeto político-cultural nos anos trinta. Por exemplo, em 1924, vemos entrar em discussão uma proposta a ser estabelecida para distinguir o que seria acessível à massa e as publicações que estariam disponíveis apenas para os dirigentes do partido, na URSS. Em circulação naquele contexto, o romance de Ilya Ehrenburg, *As extraordinárias aventuras de Julio Jurenito*, é colocado em polêmica aos comentários de Vardin, “Quando o camarada Kamenev lê Ehrenburg, é uma coisa; quando uma estudante [...] lê essa literatura, é uma coisa inteiramente diversa”. Segundo Vittorio Strada, esse romance não foi reeditado por um

longo período, atravessando metade do século XX.²⁷⁸

O realismo socialista teria dois centros angulares, partindo do marxismo-leninismo soviético e internacional, predominantemente no campo da cultura, esses dois centros de formulação das propostas teóricas seriam Gorki e Zhdanov. O momento de implantação da política cultural do realismo socialista seria o *I Congresso dos Escritores Soviéticos* em 1934, o qual teria, dali em diante, uma poderosa reverberação nos partidos comunistas de diversos países, inclusive no Brasil.

O discurso de abertura do congresso, proferido por Zhdanov, evidencia o que seria produzido, destacando que para os escritores comunistas, segundo Strada,

Ser engenheiro de almas significa estar com os dois pés plantados no terreno da vida real; e aduzia que doravante também o futuro, para o qual o escritor “realista socialista” deve voltar os olhos, é “real”: “ele não será uma utopia, pois o nosso amanhã é preparado pelo trabalho planejado e consciente que realizamos já hoje”. Um “realismo” do presente e um “realismo” do futuro à luz de uma planificação total, cujo instrumento é a invencível doutrina de Marx-Engels-Lenin-Stalin.²⁷⁹

Desse modo, é possível dizer que uma estética marxista foi inventada na Rússia, durante a década de 1930, forjando o sedimento do período stalinista, a literatura que vêm dessa sedimentação

²⁷⁸ STRADA, Vittorio. “Da revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric. *História do Marxismo: O Marxismo na época da Terceira Internacional – Problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. IX. p. 146.

²⁷⁹ ZHDANOV apud STRADA In HOBBSAWM, 1987, p. 148.

possuiria aspectos ativos e produtivos, pois mobilizaria muitos intelectuais a favor das ideias de Gorki e Zhdanov, em defesa do pai da URSS, Stalin. De sua instauração até meados de 1945, o realismo socialista seria recebido com muito entusiasmo pelos intelectuais de esquerda, sobretudo soviéticos. Contudo, Strada aponta que somente no pós-45 é que o *modus operandi* stalinista começaria a apresentar um “processo de necrose, infectando toda sociedade soviética e o próprio regime pelo qual a sociedade era dominada”.²⁸⁰

Enquanto na URSS o realismo socialista entraria em declínio, no Brasil, no mesmo contexto, os ideais de Zhdanov começavam a se firmar na cultura política do PCB. Em linhas gerais, o realismo socialista caracteriza-se como um projeto político onde a cultura literária e outras áreas submetem-se à ideologia partidária, que objetivam chegar à sociedade via escritores, cientistas, artistas, intelectuais, militantes, entre outros. Durante os anos trinta, Strada comenta que os anos de Stalin no poder são também os anos em que o marxismo se solidifica de maneira decisiva no campo da cultura soviética, organizando-se em um sistema esquemático, articulando em ramificações que chegam a todos os setores da vida cultural.²⁸¹

²⁸⁰ STRADA, Vittorio. “Do realismo socialista” ao Zhdanovismo. In: HOBBS-BAWM, Eric. *História do Marxismo: O Marxismo na época da Terceira Internacional – Problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. IX. p. 153.

²⁸¹ Idem, pp. 154-155.

Nesse sentido, foi um instrumento ideológico que submeteu a literatura russa ao partido comunista, com um poderoso poder de atração e ideal de libertação política. Esse sistema político-cultural fez com que entrasse em declínio o senso e o critério da distinção entre o que era verdadeiro e o que era falso, na vida política. Destacando, fundamentalmente, que o que era verdadeiro era o que servia à revolução, e o falso como algo contrário ou que não se preocupava com o Partido-Estado e suas formas de legitimação na sociedade.²⁸²

Podemos encontrar, no acervo de Rocha, os assuntos russos sendo professados, em vários dos livros que constituem a sua biblioteca. O que significaria uma literatura censurada e proibida pelos comunistas, nas mãos de um militante comunista em Paranaguá, entre fins dos anos trinta em diante? Seria o interesse e curiosidade em relação ao que era proibido? Ou manifestava-se um interesse sincero pelos autores e suas obras, indo além e colocando a censura em segundo plano?

Destacam-se alguns livros da literatura russa, os quais é possível filtrar para uma aproximação com os livros e autores censurados, como o segundo e terceiro volume da coletânea *Os mais belos contos russos dos mais famosos autores*, de 1945, com textos de Ehrenburg, Dostoievski, Korolenko, Kuprin, Chejov, Gorki, Gogol, Turgueniev, Andreiev, Avertchenko, Tolstoi, Garin, Pushkin, entre vários outros; o livro de Dostoievski, *Recordações da Casa dos Mortos*, de 1942; os livros de Leon Tolstoi, *Guerra e Paz*, dois volumes, de 1942; *Polikuchka*, de 1944; publicado em co-autoria com Sofia Tolstoi, *Diários Íntimos*, de 1943. Mais adiante, na década de sessenta – publicados entre 1961 e 1962 -, encontramos outros livros da literatura russa, em nove volumes da coleção *Antologia do conto russo*, onde autores que

²⁸² STRADA In HOBBSAWM, 1987, p. 158.

já se encontram presentes no acervo de Rocha, reaparecem, como Dostoiévski, Gogol, Pushkin, Tchekov, Tolstoi, entre outros.

Essa literatura russa que reaparece entre as estantes de Antônio Rocha, anos depois de sua entrada no partido, pode sugerir uma continuidade de interesse pelo prazer da leitura dos autores russos e, talvez, um rompimento de si com o projeto político-cultural do realismo socialista.

No Brasil, esse projeto político-cultural do realismo socialista desempenha um poder diante da literatura que era produzida nos trópicos, é possível entender esse contexto de conflitos entre partido e alguns autores, tal como o caso de Graciliano Ramos. Segundo Dênis de Moraes, a recepção do realismo socialista no Brasil “plasmou um quadro de subserviência à URSS como núcleo elaborador de políticas para o campo simbólico”, assim, o partido colocou em funcionamento um sistema de conexões entre os periódicos que eram editados, como mencionado anteriormente, uma rede de difusão e de produção de uma cultura política, ligada ao projeto político proposto por Zhdanov ainda no início dos anos trinta, funcionaram como canais para esses códigos do realismo socialista chegarem no cotidiano político brasileiro. Diante disso, o zhdanovismo²⁸³ passou a circular pelo país a partir de 1947,

²⁸³ Segundo Vittorio Strada, a política cultural do último período stalinista, que seria conhecida como Zhdanovismo, caracteriza-se como uma política altamente negativa e repressiva, “sem nenhuma possibilidade de iniciativa ideológica; e, para a cultura russa, aqueles anos – que se seguirão a uma duríssima guerra vencida graças aos sacrifícios e aos heroísmos de todo o país – constituem uma página negra, que não tem igual em toda a sua história. Por isso, é justificado falar de uma evolução (regressiva) do ‘realismo socialista’ para o ‘zhdanovismo’”, dessa forma, Strada continua argumentando que o realismo socialista continuou como símbolo de toda uma fase da cultura soviética, seguindo como doutrina oficial mesmo após o período stalinista. STRADA In HOBSBAWM, 1987, p. 153.

tendo como porta de entrada a revista *Problemas*. As revistas *Fundamentos*, em São Paulo, e *Para todos*, no Rio de Janeiro, funcionariam como ponto estratégico para a disseminação da estética soviética entre a intelectualidade e militantes.²⁸⁴

A presença de linhas editoriais, vinculadas ao zhdanovismo, como a coleção dirigida por Jorge Amado, denominada *Romances do Povo*, com dezenove títulos estrangeiros, representa o interesse na publicação de obras que constituíam-se como representantes do realismo socialista em terras brasileiras.²⁸⁵ Nas estantes de Antônio Rocha, encontramos dez títulos desta coleção, todos publicados entre 1953 e 1955, período em que as ideias do realismo socialista encontravam o seu auge no Brasil. Com tais livros em mãos, o sapateiro Antônio Rocha estaria a difundir esse conjunto de ideais, disseminando-os para militantes e não-militantes, através de conversas ou debates?

O problema que se colocaria, para muitos escritores e intelectuais, é que a liberdade de criação era cerceada em nome da ideologia do partido, pois a mensagem da revolução deveria prevalecer sobre as demais, encontrando na literatura o seu lugar. Os autores e suas respectivas obras seriam dispositivos por onde o partido passaria. Com isso, conflitos se iniciariam, pois “as incursões de Diógenes de Arruda como censor literário se diversificaram: matou e ressuscitou personagens de Jorge Amado; impediu que romances de Alina Paim fossem levados à URSS para tradução; ridicularizou poetas e romancistas do

²⁸⁴ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994. pp. 142-144.

²⁸⁵ *Idem*, p. 145.

PCB; tentou influir para manter inéditos manuscritos de Graciliano Ramos”.²⁸⁶ Em última instância, de acordo com Moraes, a cúpula do partido desejava que muitos elementos da literatura fossem congelados, em um inventário preestabelecido de signos do universo romanesco, respondendo às suas necessidades. “Os literatos funcionavam como meros operadores técnicos do sistema de enunciação”.²⁸⁷

Isso foi o bastante para Graciliano Ramos. Como dissidente, rompeu com o projeto político-cultural do realismo socialista, percebendo que a ascendência de tal projeto mutilaria o veio criador de muitos intelectuais, e até mesmo o seu. Tentou se equilibrar “entre a fidelidade filosófica ao partido e a firme recusa do patrulhamento”, não admitindo que o potencial criativo se tornasse apenas porta-voz de grupos de pressão política. Durante o ano de 1935, entrou em debates criticando o caráter panfletário da obra *Suor*, de Jorge Amado. Graciliano Ramos escreveria “acho que transformar a literatura em instrumento de propaganda política é horrível. Li umas novelas russas e, francamente, não gostei”.²⁸⁸

Além de críticas a Jorge Amado, Graciliano Ramos entraria em dissenso com a direção do PCB. Estes acusariam sua obra, afirmando que estava impregnada de subjetivismo, deixando de lado a análise social objetiva e participante. O centro da discórdia estava em *Memórias do Cárcere*, na maneira como representava os cárceres getulistas. Moraes argumenta que, ao apresentar o quadro das prisões do

²⁸⁶ MORAES, 1994, p. 159.

²⁸⁷ Idem, p. 162.

²⁸⁸ RAMOS apud MORAES, 1994, p. 206.

Estado Novo, Graciliano Ramos destacava a sua crítica a insurreição comunista de 1935, identificando-a como um erro político.

A direção do partido o pressionou a modificar tais conteúdos da sua obra, a respeito dos tempos de reclusão política, no entanto, discordou. Graciliano Ramos realizou uma visita à URSS em 1952, podemos observar como foi sua relação com os comunistas e como o universo de proibição da literatura extrapolava os limites, tanto das fronteiras brasileiras, como das fronteiras da União Soviética. Segundo Moraes, os assistentes do PCUS irritavam-se com o que compreendiam como impertinências de Graciliano Ramos, onde perguntava sobre o cotidiano soviético, elencando dúvidas dos relatos ufanistas dos guias. Importante destacar que partimos destas proibições e restrições a autores, partindo do que o autor Dênis de Moraes expõe na biografia de Graciliano Ramos, de sua autoria, apresentando os problemas que levantam-se da censura soviética a escritores que não adequavam-se ao realismo socialista. No entanto, é muito curioso que, mesmo possuindo uma quantidade de literatura russa, Antônio Rocha não possui nenhum exemplar de Leon Trotski, dissidente e talvez o principal inimigo da URSS.

Em sua biografia, escrita por Dênis de Moraes, esse episódio de tensão entre Graciliano Ramos e os soviéticos é explorado. Na ocasião, Ramos pergunta: “por que vocês não tem aqui as obras de Dostoiévski?” causando desconforto aos soviéticos presentes. De acordo com Moraes, Dostoiévski foi excomungado pela literatura soviética mesmo após a sua morte, muito antes da revolução Russa de 1917, pois havia escrito *Os possessos*, livro que desagradaria a revolução.²⁸⁹

²⁸⁹ MORAES, Dênis de. *O velho Graça: Uma biografia de Graciliano Ramos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 286.

Com esse quadro geral do realismo socialista e suas proibições, verificamos a presença no acervo de Rocha, tanto de autores russos como Dostoiévski, como obras de Graciliano Ramos, especificamente, três volumes de *Memórias do Cárcere*, de 1953; a terceira edição de *São Bernardo*, publicado 1947; *Infância*, de 1945 e *Insônia*, de 1947.

Mesmo com leituras que eram censuradas pelo partido, vemos que elas estão presentes na biblioteca de Antônio Rocha. Retomamos as perguntas: Seria o interesse e curiosidade em relação ao que era censurado e proibido? Ou manifestava-se um interesse sincero pelos autores e suas obras, indo além e colocando a censura em segundo plano?

De certo modo, por um lado, vemos a literatura russa avançando durante os anos sessenta em seu acervo, materializando-se em alguns volumes, o que sugere o seu possível interesse pelos escritos russos, por outro lado, a imagem que surge de seu depoimento, a respeito de Lênin, Marx e Engels é significativa para pensarmos que Rocha estava de acordo com o projeto político-cultural do realismo socialista, basta lembrarmos como se refere aos teóricos mencionados: “homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”, é um indício muito interessante e passível de tal leitura, pois emerge daí a sua identificação com um sistema de ideias que daria ordem ao seu mundo.

Aderir ao partido não significava apenas uma alternativa de participar politicamente, segundo o autor, da prévia indignação com o sistema capitalista, contrário aos seus anseios. Ao entrar no partido, era oferecido ao indivíduo ferramentas de ordem simbólica, racionalizadas e sistematizadas, que o permitia manejar imagens e representações

tranquilizadoras, encaminhando-o para pensar em uma nova sociedade, justa e igualitária.

É possível romper com essa leitura binária, entre adesão ao realismo socialista ou apreciação da literatura censurada, e compreender todo o processo em que se tornou sapateiro-leitor-militane, entrando em contato com uma vasta rede de leituras e de cultura política, desenvolvendo seus próprios pensamentos e práticas políticas, reelaborando, selecionando o que lhe parecia mais interessante, seguindo e criticando a organização do partido.

Por fim, em torno da militância e das leituras dedicadas ao assunto, dentro de um dos livros, encontramos indícios que podem nos revelar outro Antônio Rocha, expondo seus sentimentos mais particulares. Dentro do livro de D. S. Mirsky, *Lenine: Sua vida e obra – Como apêndice um estudo de Maximo Gorki sobre Lenine*, há uma pequena poesia escrita por Rocha, provavelmente encontra-se dentro deste livro para ser utilizada como marcador de página, pois o papel estava dobrado.

Não quero dizer-te adeus
sem primeiro te abraçar
se for possível bailar
unido aos braços teus
e no volteio da dança
sob a luz do teu olhar
na tua boca deixar
o sabôr de uma lembrança
desse momento ditoso
levar a recordação

de quanto foi amoroso
segredando em teu ouvido
como me sinto ditoso
a teu corpo estar unido²⁹⁰

Talvez, a poesia acima teria sido dedicada à sua noiva que faleceu, ou para alguma paixão que aqueceu o seu coração, em algum momento durante os longos anos que passaram, ou ainda, ter sido escrita pelo prazer da imaginação. O gosto pela poesia é exposto em sua entrevista, de 1978, para a revista curitibana *Outras Palavras*, expondo outros pequenos escritos, como estes:

Já vivi setenta anos
sofrendo desde criança
enganos e desenganos
sem perder a esperança.

[...] Haverá o tempo pra tanto
se o tempo corre apressado
num torvelinho de pranto
de vencido e de frustrado.²⁹¹

Observar esse cotidiano de leituras diversas, e trazer para perto outras leituras e maneiras de expressão, para além da militância política, fez-se fundamental para compreendermos que, como Benito Schmidt aponta, “escolher apenas um ângulo de sua vida, teoricamente o mais significativo, implicaria obscurecer a riqueza, a diversidade, as múltiplas relações e contradições presentes em qualquer existência

²⁹⁰ Autoria de Antônio Araújo Rocha.

²⁹¹ Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.

individual”.²⁹² Em outros escritos, presentes no caderno de contas de sua sapataria, vemos a possibilidade de nos aproximar do quanto gastava em transporte, livros, revistas e jornais.

Suas anotações no caderno de contas datam, aproximadamente, da década de 1950. Aparentemente, muitas páginas foram rasgadas, aparecendo os anos de 1955, 1957 e 1958 marcados em algumas páginas. Além da seção do caderno que contem as suas contas, vemos três outras partes, identificadas como *Literatura – Anotações de trechos escolhidos*, *Literatura – Apontamentos* e a outra como *Anotações várias*.

Esses escritos vão de uma receita de preparação do Ypê roxo como remédio, passando por trechos sobre os cossacos e sua origem, atravessando a situação da URSS nos conflitos com o nazi-fascismo; pequenos parágrafos onde está escrito uma pequena mensagem de Franklin Roosevelt ao governo soviético, datada em 23 de novembro de 1943; uma mensagem de Winston Churchill, de 9 de maio de 1945; uma mensagem de Charles de Gaulle; uma declaração de Dwight Eisenhower, em 14 de agosto de 1945 e uma mensagem de Harry Truman, de 8 de maio de 1945; um trecho com o título *Como Mao chegou ao poder*, acabando em citações do livro de Ernest Renan, *Vida de Jesus: As Origens do Cristianismo*.

Este último capítulo buscou apresentar como a relação de Antônio Rocha com a leitura, com a sua profissão e sua militância estiveram em um processo de formação que lhe ofereceram ferramentas distintas para elaborar sua própria compreensão do mundo em que viveu, por vezes próximo dos diversos livros que entrou em contato,

²⁹² SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000. p. 170.

das pessoas que o procuravam para realizar seus trabalhos como sapateiro e próximo dos membros do PCB que o fizeram tornar-se membro, do mesmo modo como formou estas pessoas.

Podemos sugerir que, para além de apresentar um autodidatismo que poderia estar muito relacionado a sua necessidade para o conhecimento de seus negócios de trabalho na sapataria, o seu processo de educar-se por conta própria poderia ter sido uma forma de distinguir-se socialmente, como portador de uma “cultura livresca”, demonstrando que possuía valores diante da sociedade, tanto no vocabulário, como no conhecimento, daí a incidência de livros distintos.

Mesmo apresentando rupturas em sua vida, como a entrada para o PCB ter sido um marco no modo como compreendia as leituras que fez, é necessário problematizarmos que este sentido de coerência biográfica que é exposto em seus depoimentos não deve ser interpretado como totalmente estável, isto é, como se sua vida fosse um *continuum*, uma progressiva narrativa, isenta de descontinuidades.

Deste modo, a *ilusão biográfica* que Pierre Bourdieu destaca é fundamental para estarmos cientes das persuasões que os depoimentos biográficos nos fazem sentir. Por este motivo, pensamos esta análise da trajetória de Antônio Rocha como relatos de experiência, sendo a interação entre o eu e o mundo. A experiência estando potencialmente a revelar o processo de formação do sujeito, em sua individualidade, como na relação com os outros, isto é, na intersubjetividade.

Assim, aquele mesmo sapateiro-militante, preocupado em estar em contato com diferentes literaturas e autores, mostrou-se um indivíduo comum, ao mesmo tempo próximo e distante de nós, com sentimentos, desejos e necessidades de sobrevivência material e intelectual.

Considerações finais:

O sapateiro e sua biblioteca: Formando militantes?

Neste trabalho, buscamos compreender como se formou a militância comunista na cidade de Paranaguá, entre 1935 e 1964, dedicando a análise sob a trajetória de Antônio Araújo Rocha – militante, leitor, sapateiro – quando este nos permite analisá-la, de modo que em alguns momentos, mantivemos distância de sua atuação política, dando atenção a outras questões fundamentais das lutas políticas em Paranaguá, ora perscrutando as mobilizações de vários trabalhadores em luta no porto, ora aproximando os olhares para os debates das eleições em que os comunistas concorreram, de forma independente, em outras legendas partidárias. Nosso fio condutor baseou-se em seguir os rastros que Antônio Araújo Rocha deixou, não apenas como leitor, mas como uma pessoa que possuiu um alto conhecimento, tornando-se conhecido pela sua biblioteca. Assim como o fio que é deixado no labirinto, para manter um trajeto e saber que todo o ambiente é complexo, muitos ficam pelo caminho, não avançam e não conseguem voltar para a entrada, acreditamos que conseguimos chegar ao nosso objetivo principal e norteador desta pesquisa, até aqui empreendida.

O que procuramos foi entender que a militância comunista em Paranaguá, se formou tanto quanto foi formada, esteve presente em seu próprio *fazer-se*, como reflete Edward Thompson em seus estudos clássicos sobre a classe operária inglesa. A militância surge em momentos muito específicos, significativos e de extrema importância para quem a forja, isto é, para os próprios militantes. Segundo nosso entendimento, Antônio Araújo Rocha formou militantes, como também foi formado, numa relação intersubjetiva; em contato com os seus clientes que o procuravam, em sua sapataria; debatendo com colegas

do partido; nas inúmeras vezes que foi preso na condição de preso político; a partir das leituras que fez, dos mais variados temas e autores; do modo como buscou organizar a sua biblioteca, formada como ele, no processo histórico que o tornou possível e que agora sabemos um pouco de sua trajetória, dos seus passos, dos rastros e indícios colhidos e organizados para o desenvolvimento da pesquisa que apresentamos até aqui.

O que vimos foram experiências e sentimentos sendo manifestados, sentimentos que uniu, tanto trabalhadores ao PCB, como livros a Antônio Rocha. Talvez, poderíamos nos aproximar, se nos permitem, um pouco mais de Antônio e chamá-lo pelos seus próprios termos, ou seja, pelo que se tornou conhecido naquela Paranaguá de outrora, onde muitos trabalhadores dedicaram-se, de acordo com as suas possibilidades, à militância política. Assim, Antoninho Sapateiro nos mostrou as condições de surgimento do seu gosto pela leitura, expondo os seus sentimentos, angústias, descontentamentos, pensamentos e posicionamentos. Entramos em contato com um mundo dos trabalhadores de Paranaguá, uma cidade que viu, em suas ruas, comunistas se organizando nas praças, bares, no porto, nos bairros, expondo as suas convicções, desejos e vontades. Desse mundo, talvez, podemos compreender que essas experiências tão distintas, às vezes tão familiares – à luz de outros estudos sobre o mesmo tema – mas tão estranhas, ao mesmo tempo, fazem parte de nosso presente, quando percebemos a necessidade de tomar posicionamentos políticos que garantam o bem-estar coletivo, considerando as diferenças entre os sujeitos que nos cercam.

Buscamos com esta pesquisa contribuir para os estudos de História Social do Trabalho, que se dedicam para os estudos do movimento operário e da militância política, apontando o papel da intersubjetividade no processo histórico delimitado. Olhar para o passado é

compreendê-lo em suas diferenças, em suas especificidades que nos lança a cada momento de reflexão, em nosso presente.

Hannah Arendt expõe que “a política é uma necessidade para a vida humana [...]”, ao passo que Antoninho Sapateiro coloca, “a leitura é uma necessidade na vida [...]”. A política, para Hannah Arendt, é fundamental para que o indivíduo como a sociedade, continuem existindo, de maneira que a política tem o objetivo de garantir a vida. Para Antônio Rocha, a leitura é essencial, tanto quanto o pão é para a vida. Ou seja, a leitura tornou possível ao sapateiro – uma pessoa simples e pobre financeiramente, que viveu a maior parte de sua vida no mesmo ambiente onde exercia o seu ofício – sair daquela cidade e alcançar o mundo.

A vida de Antônio Rocha surgiu, para esta pesquisa, como algo extremamente desafiador, compreender o processo de lutas, organização e conflitos internos do PCB em Paranaguá, em conjunto com os trajetos do sapateiro, em vários momentos. Diante disso, nosso esforço concentrou-se, em pontos da pesquisa, entender que Rocha estava inserido numa configuração, cujos limites extrapolavam o microcosmo de sua cidade. Suas leituras o inseriram numa ampla rede de difusão política e cultural, levando-o à URSS e além, para as fronteiras de sua própria imaginação, talvez para a revolução internacional dos trabalhadores.

Com tantas leituras realizadas e uma biblioteca formada, Antônio Araújo Rocha lembra-nos muito aqueles velhos sapateiros que Hobsbawm e Scott apresentam, ou ainda, um dos fundadores da Sociedade Londrina de Correspondência, o sapateiro Thomas Hardy, o qual Thompson dedica o início do seu clássico *A formação da classe operária inglesa*. Basta lembrarmos o quanto de “cultura livresca” nos deparamos, nos rastros deixados por Rocha.

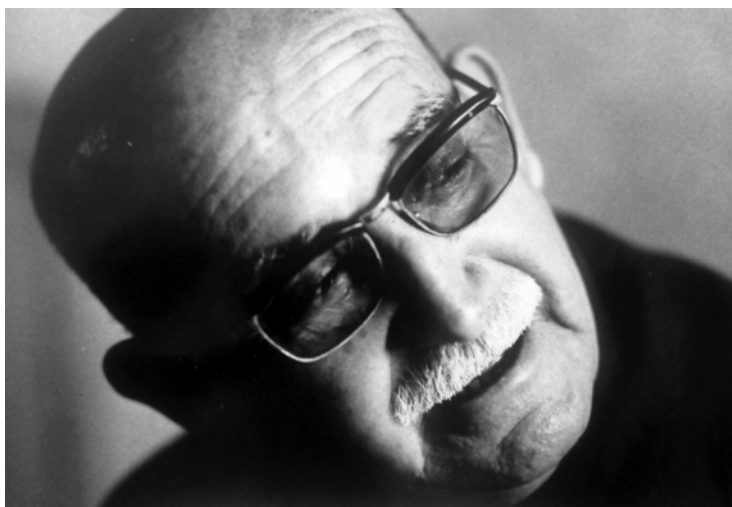
Ao fim desta pesquisa, podemos imaginar como um fim de mais um dia de trabalho. Alguns estudantes da faculdade local o procuram para empréstimos de livros e para conversar, como foi falado para mim, antes de iniciar esta pesquisa. Vem chegando o início da noite, com ela, os companheiros de militância vão chegando à sapataria, o velho sapateiro organiza os seus escritos, alguns apontamentos de leituras feitas durante o dia, entre um sapato concertado e outro. Batem à porta, a discussão começa, há decisões a serem tomadas, militantes que não leem os textos, a repressão desconfia que as reuniões estão sendo feitas na sapataria. É necessário mudar de lugar. O cachorro fica inquieto, vai para debaixo do balcão. A reunião acaba, mas há muito que ser discutido. O sapateiro senta, pensa um pouco e olha para a janela. A maré está enchendo e um vento sereno bate às suas portas, talvez seja o momento de escrever algumas poesias, preparar um café e ler um pouco os novos livros que o correio trouxe. Amanhã é dia de trabalho e de novas leituras.

Fotografias:



Antônio Araújo Rocha e seu cachorro, no andar acima de seu local de trabalho, recebendo em seu quarto, os jornalistas que o entrevistaram para a revista curitibana *Outras Palavras*.

Fonte: João Urban. 1978. Paranaguá/PR.



Antônio Araújo Rocha em sua sapataria.

Fonte: João Urban. 1978. Paranaguá/PR.



Rua General Carneiro, Paranaguá, década de 1950. A sapataria de Antônio Araújo Rocha encontra-se ao centro da fotografia.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.



Fotografia atual da antiga sapataria (em amarelo) de Antônio Araújo Rocha.

Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. Julho 2014. Paranaguá/PR.

FOTOGRAFIAS DAS ESTANTES DE LIVROS E REVISTAS



Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR.



Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR.



Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR.

Referências bibliográficas

FONTES

Entrevista concedida por Antônio Araújo Rocha ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em 1988. Fita K7 digitalizada.

Entrevista concedida por Antônio Araújo Rocha à Revista Outras Palavras, em 1978.

DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 07.295.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339.

DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08.895.

DEAP/DOPS. Ficha Individual de José Bezerra de Vasconcellos. Nº 45.292.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 1216. Topografia: 341

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 34.480.

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30.754.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 0257. Topografia:

DEAP/DOPS. Ficha individual de João Teixeira. Nº 44 005.

DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242.

DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242.

DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº 584C. Topografia: 65

DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65.

DEAP/DOPS. Dossiê: PCB P1 – Documentos diversos. Nº 1468A. Topografia: 174.

DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P2 (Documentos diversos). Nº 1468B. Topografia: 174.

DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174.

PARANÁ, Tribunal Regional Eleitoral. Resultado das eleições municipais de 1947. Disponível em: <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>

BRASIL, Presidência da República. Decreto-Lei Nº 39.338, de 11 de junho de 1956. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-39338-11-junho-1956-342401-publicacaooriginal-1-pe.html>

RESOLUÇÃO da Convenção pela Emancipação Nacional. Belo Horizonte. p. 2. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

LIGA da Emancipação Nacional. Carta da Emancipação Nacional. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1954. pp. 3-4. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

Bibliografia

ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983.

_____. Karl Marx: La passion Révolutionnaire. In: ANSART, Pierre. *Les Cliniciens des Passions Politiques*. Editions Du Seuil: 1997.

_____. Em defesa de uma Ciência Social das Paixões Políticas. In: História: Questões & Debates, n. 33, p. 153. 2001. Editora da UFPR.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *A condição humana*. 11ª Ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AUED, Bernardete Wrublewski. *Acerca da identidade coletiva do sapateiro militante*. Cadernos de Pesquisa, Florianópolis, v. 29, pp. 01-36, 2001. p. 03.

_____. *O sapateiro militante*: José Peba Pereira dos Santos. Pernambuco: Eduep, s/d.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 153-179.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Niterói; EdUFF; Rio de Janeiro; Mauad, 2002.

_____ ; REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 3 vols.

_____. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3.

GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Elite Vermelha: Um perfil socioeconômico dos dirigentes estaduais do Partido Comunista Brasileiro no Paraná – 1945 – 1964*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo*. 2ª Ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 2.

HELLER, Milton Ivan. *Resistência Democrática: A repressão no Paraná*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988.

HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”: Intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion. (orgs.) *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

HOBSBAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LAFER, Celso. Da dignidade da política: Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

LAMARÃO, Sérgio; FLAKSMAN, Dora. Liga da Emancipação Nacional. In: BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930 – 1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: FGV/CPDOC, 1984. Vol. III.

KIELLER, Márcio; OLIVEIRA, Márcio de. A “Tribuna do Povo” e os comunistas paranaenses. In: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. (Orgs.). *Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná*. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MONTEIRO, Claudia. *“Fora dos Trilhos”*: As experiências da militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (1934 – 1945). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *O velho graça: Uma biografia de Graciliano Ramos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão et al. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 6 vols.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O anti-comunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

_____. O Diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 135-152.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ORTEGA, Victor Acuña. *Fuentes orales e historia obrera*: El caso de los zapateros en Costa Rica. In: Cuadernos Flacso, Costa Rica, n. 5, p. 48, 1985.

PRIORI, Angelo. *A revolta camponesa em Porecatú*: A luta pela defesa da terra camponesa e a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo (1942-1952). Tese (Doutorado em História). Assis: UNESP, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890 – 1920)*. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: USP, 1985.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: Os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. (Dir.). *O Brasil Republicano*: Sociedade e Política (1930 – 1964). 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. Tomo III. 3º vol.

SARTI, Ingrid. *Porto Vermelho*: Os estivadores santistas no sindicato e na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul*: Antônio Guedes Coutinho (1868 – 1945). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

SILVA, Angelo José da. *A Formação do Militante Anarquista*: Primeiros movimentos para uma leitura distinta. 190 f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2003.

SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz*: Comunistas e Católicos na História do Sindicalismo dos Trabalhadores Rurais do Paraná. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano*: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. Vol. 1.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VALVERDE, Monclar. *Militância e Poder: Elementos para uma genealogia da atitude militante*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

VERDE, Valéria Villa. *Fórum Sindical em Paranaguá: Tecendo um princípio*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1988.